



Instituto Politécnico de Lisboa
Escola Superior de Comunicação Social
Mestrado em Jornalismo

Crianças no jornalismo:

uma comparação entre o papel e o *online* da revista *Sábado*

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Jornalismo

Tomás Toscano Garcez

Orientação por Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes

Lisboa, 18 de outubro de 2017

“Não é o trabalho, mas o saber trabalhar que é o segredo do êxito no trabalho; saber trabalhar quer dizer: não fazer um esforço inútil, persistir no esforço até ao fim, e saber reconstruir uma orientação quando se verificou que ela era, ou se tornou, errada.”

Fernando Pessoa

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Declaro que o presente trabalho, requisito para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, é exclusivamente da minha autoria. Mais informo que todas as citações e referências a outros autores estão devidamente identificadas, segundo a norma de Harvard.

Este relatório de estágio, de nome “Crianças no jornalismo: uma comparação entre o papel e o *online* da revista *Sábado*”, é publicado pela primeira vez no dia 18 de outubro de 2017, na Escola Superior de Comunicação Social. Nunca foi submetido a qualquer outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outro tipo de avaliação. Por outro lado, também não deverá ser utilizado posteriormente sem a devida citação identificada.

Declaro ainda ter consciência de que o plágio é crime e de que o mesmo pode levar à anulação do trabalho agora apresentado.

O candidato,



Agradecimentos

Ao **Fernando Esteves** e ao **Nuno Tiago Pinto**, editor e subeditor das secções em que estagiei inicialmente na revista *Sábado*, pela conversa que tivemos no primeiro dia de estágio. Pareceu apenas uma conversa, mas dali surgiram conselhos que viriam, a partir de então, a nortear a minha atitude perante a experiência do estágio.

Ao **Filipe Garcia**, editor *online* da *Sábado*, por, apesar dos obstáculos que insistiam em não ajudar um e outro, não ter desistido, até ao último dia, de me mostrar que acreditava nas minhas capacidades e de me dar, constantemente, pistas sobre qual era o caminho.

A todos os **profissionais** com quem trabalhei na *Sábado*, especialmente nas secções em que estagiei, pela ajuda e amizade que me ofereceram. Há pessoas que, por muito que a vida separe, não merecem cair no esquecimento. Vocês sabem quem são.

À Professora Doutora **Anabela de Sousa Lopes**, pelos conselhos que se mostraram fundamentais para a realização deste relatório.

À minha **família e amigos**, pelo apoio incondicional ao longo deste ano conturbado.

À **Joana Antoninho**, por se preocupar comigo, por vezes mais do que eu próprio.

Ao **António Barradas**, por acreditar. E por ser, ao longo dos meses de pesquisa e produção, tão companheiro de biblioteca como de diversão, porque trabalho não é só trabalho e conhaque não é só conhaque.

À **Escola Superior de Comunicação Social**. Um agradecimento especial aos docentes com quem tive a sorte de me cruzar e aprender.

À minha **tia** que, esteja onde estiver, foi e será sempre a minha maior fonte de inspiração e motivação.

Introdução

João Correia (1998) falava, no seu artigo *O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas*, sobre “o destino dos jovens jornalistas que levam a cabo estágios que não são acompanhados pelo conselho de um chefe eventualmente aborrecido mas atento e paternal”. No documento o autor alega que os “jornalistas da jovem geração perderiam algo da essência da missão que lhes competia por não compartilharem desta iniciação, a qual, supõe-se, constituiria uma forma de aprendizagem mais séria e competente do que a que é propagada pelos Cursos de Comunicação e de Jornalismo”.

Na minha opinião, a realização de um estágio e, posteriormente, de um relatório de estágio enquanto forma de por em prática os conhecimentos obtidos no Mestrado, destaca-se como uma das partes fulcrais do percurso académico de um estudante que pretende terminar com sucesso um curso na área do jornalismo.

O estágio curricular, embora com as suas limitações ao nível temporal, ao nível económico (uma vez que impossibilita a execução de qualquer outra atividade e é um *handicap* para muitos estudantes que trabalham para sustentar os estudos – como foi o meu caso) e da própria gestão da empresa relativamente ao processo de aceitação e integração do estagiário, é o mais perto que alguém consegue chegar da perceção daquilo que é o mercado de trabalho na área escolhida e daquilo que pode esperar para os anos que se seguem ao término do percurso académico.

Como perfeccionista que sou, sempre pautei a minha vida pela superação de desafios. O relatório que apresento de seguida é, precisamente, a objetificação dessa característica. Reflete a necessidade de suplantação dos objetivos a que me propus quando iniciei esta viagem, embora reúna em si também as dificuldades sentidas ao longo do percurso.

Vejamos: sempre me interessei pelo tema das crianças no jornalismo. A criança como participante, a criança como fonte ou até a criança como consumidora. Cheguei a ponderar enveredar por uma profissão que promovesse o contacto com as mesmas e ainda no período em que frequentava a licenciatura em Ciências da Comunicação já os temas que mais me interessavam no que tocava ao jornalismo eram os infantis. Apesar disso, não foi apenas a minha paixão por crianças, mas o interesse genuíno pelo questionamento, que me trouxe aqui. Em 2016, assistia a um espetáculo de teatro com crianças quando o cérebro curioso de jornalista começou a questionar-se: de que nível de privacidade usufruem estas crianças? Até que ponto o crescimento delas será ou não moldado pela perda deste bem essencial para a

formação do ser humano – embora ainda não tenham consciência dessa importância? E foi nesse sentido que, aquando da escolha de um tema para desenvolver no trabalho final do Mestrado em Jornalismo, não hesitei em escolher a temática das crianças no jornalismo.

Inauguro o documento com esta explicação para dar a conhecer um pouco das razões pelas quais, depois de alguns contratemplos e contra tudo o que poderia ser previsto, decidi não alterar o tema que me tinha proposto analisar.

De entre as três hipóteses de trabalho final, a opção pelo Relatório de Estágio parecia-me óbvia, não apenas pelos motivos referidos no início, relativos à mais-valia que era ter uma experiência real no mundo do jornalismo, mas também porque queria analisar a aplicação do meu tema na realidade do mercado de trabalho. A ideia embrionária era desvendar qual era o ponto em que estava a mentalidade dos jornalistas quanto às notícias que incluíam crianças: até onde ia esta preocupação com os direitos das crianças numa fase do jornalismo em que quem chega primeiro vence e as vendas são essenciais para a manutenção dos órgãos de comunicação? Mais do que isso, queria saber qual era esse ponto numa das publicações mais conceituadas em Portugal.

O primeiro problema pôs-se quanto à empresa em que iria estagiar. Embora tenha conseguido fazê-lo numa das publicações de maior renome na área e que era uma das minhas primeiras opções, o processo desde a candidatura inicial até à aceitação foi bastante moroso. Por esse motivo surgiram algumas alterações ao longo do tempo, tanto ao nível do local de estágio como da editoria. O segundo problema pôs-se quando me vi confrontado com a necessidade de estagiar nas secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança* – que tratavam, essencialmente, temas do foro da política nacional e internacional e justiça – quando queria tratar de um tema com o qual, no exercício das minhas funções, pouco ou nenhum contacto iria ter. Após o início do estágio pôs-se outro problema: a falta de trabalho. Naquele momento, o contacto com o tema era inexistente, precisamente porque o trabalho também estava perto disso.

Quando me via quase a colapsar perante um dilema entre a enorme vontade de trabalhar o tema das crianças e a necessidade de tratar algo que pudesse ser verificável na instituição, houve uma reviravolta. A direção da *Sábado* mudou e fui chamado para integrar a equipa do *online*, onde as hipóteses de ter contacto com o jornalismo relativo a crianças seria exponencialmente maior. Por esse motivo, não desisti e mantive o mesmo tema. A partir desse momento tive contacto constante com jornalistas que trabalhavam essa temática e eu próprio produzi algumas notícias nesse âmbito.

Regressando um pouco atrás, à explanação deste relatório como espelho de algumas características pessoais, posso acrescentar uma outra: a persistência. O tema trabalhado neste documento poderia ter mudado de acordo com as condicionantes, mas não. Optei por fazer o melhor que me era possível dentro das dificuldades inerentes aos obstáculos que se atravessaram no caminho. O tema acabou por ser ligeiramente alterado, propondo-me a fazer uma comparação entre as duas secções da *Sábado* em que exerci funções, para que pudesse tornar o trabalho mais completo e manter a esperança de não perder a essência e identidade.

Assim surge *Crianças no jornalismo: uma comparação entre o papel e o online da revista Sábado*. Um Relatório de Estágio que projeta a descrição e explanação das atividades desenvolvidas, uma interligação entre essa experiência profissional e a contextualização e reflexão teórica que justifica o estágio e a frequência do curso de Jornalismo. Para além disso, contém também uma breve análise a um tema, cujos dados puderam ser verificados e recolhidos ao longo do período de estágio. Esse tema é, precisamente, a comparação entre o papel e o *online* através dos direitos das crianças e do seu respeito por parte dos jornalistas.

O meu estágio decorreu entre os meses de fevereiro e maio de 2017, na revista *Sábado*, em Lisboa. Ao longo de três meses procurei ser uma mais-valia para a instituição e ser uma figura útil na empresa. No relatório de estágio estará presente essa noção, bem como a tentativa de mostrar que as revoluções a que assisti ao longo do tempo na empresa se aliaram, apesar de tudo, da melhor maneira à vasta aprendizagem que obtive com a experiência.

O relatório encontra-se, então, dividido em quatro partes.

Na primeira parte é feita a apresentação do local de estágio. O capítulo inicia-se com uma breve contextualização do surgimento da *newsmagazine* e do percurso deste tipo de publicação até ao estado atual do jornalismo português, particularizando, de seguida, para o caso da *Sábado*. Ainda no mesmo capítulo, e dada a experiência no *online* da *Sábado*, faz-se um resumo dos principais pontos a reter sobre a História do jornalismo *online* e da sua proliferação em Portugal e no Mundo. Este afluente desagua, mais uma vez, na particularização do caso da *Sábado online*.

Numa segunda parte apresenta-se o tema a trabalhar: é neste capítulo que surge a explicação da questão de partida, do objeto e objetivo de estudo, bem como uma caracterização da participação das crianças em notícias no jornalismo em Portugal e uma introdução ao tema dos direitos das crianças.

A terceira parte corresponde à análise dos dados. Através de tabelas explicativas é feita uma análise dos dados relativos ao papel, uma análise dos dados relativos ao *online* e a comparação entre ambos os formatos. É explanada ainda a forma como foi feita a recolha dos dados e descritos os resultados advindos desta análise.

A quarta e última parte dá conta das considerações finais. Nesta fase tenta-se chegar a uma resposta às questões que foram sendo colocadas ao longo do relatório. Pretendemos mostrar neste documento que existem, de facto, diferenças reais entre o papel e o *online* da *Sábado* no que diz respeito ao jornalismo que tem crianças como participantes, mas também perceber quais são e por que acontecem. Este capítulo termina com uma apreciação crítica da experiência no estágio. Seria impossível realizar uma experiência desta dimensão e não analisar de uma forma completa quais foram os pontos fortes e fracos da mesma; ou não tirar ilações acerca da superação ou não dos objetivos referidos no início desta introdução.

Resumo

O presente relatório é relativo à experiência adquirida através de um estágio curricular na revista *Sábado*. O estágio é parte integrante de um pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Durante o período de estágio, que decorreu entre 23 de fevereiro e 22 de maio de 2017, foram recolhidos dados – através de entrevistas exploratórias, observação participante e análise das edições da revista e da secção ‘Vida’ do *site* da *Sábado* – que pudessem contribuir para uma resposta à questão de partida: “os direitos das crianças são respeitados da mesma maneira no *online* e no papel da *Sábado*?”. Uma série de questões sobre o assunto vão sendo colocadas e respondidas ao longo do documento, culminando na descrição e análise dos resultados relativamente ao papel e *online* e numa comparação entre ambos.

De facto, percebe-se que existem algumas diferenças entre os dois formatos, no entanto não são suficientemente significativas para exigir uma ponderação mais aprofundada sobre a razão dessa evidência. Devido a fatores como a diferença de *timings* para a publicação das notícias, há uma preocupação mais visível a olho nu com a publicação ou não de artigos que incluem crianças no *online* do que no papel. Apesar disso, o jornalista da *Sábado* prima, em ambos os formatos, pelo respeito relativamente ao código deontológico da profissão e ao estatuto editorial da revista. Unidos, estes dois valores fazem com que a revista seja, regra geral, respeitadora no que toca às crianças no jornalismo.

Numa primeira fase integrei a equipa das secções *Portugal*, *Mundo e Segurança* da revista, sob a orientação do editor das mesmas, Fernando Esteves. Na segunda fase estagiei na secção do *online*, sob a direção de Filipe Garcia, editor dessa secção. O relatório apresenta também um resumo das experiências e atividades desenvolvidas em ambas as secções, tentando fazer uma constante interligação entre as mesmas e o tema abordado. Os capítulos iniciam-se com uma breve contextualização teórica dos temas a ser tratados.

Depois das conclusões e considerações finais, o relatório termina com uma apreciação crítica do estágio na revista *Sábado*.

Palavras-chave: crianças no jornalismo, jornalismo *online*, *newsmagazine*

Abstract

The following report is related to the experience acquired from a curricular internship at Sábado magazine. The internship is part of a requirement to the obtention of the Master's degree on Journalism by the Superior School of Social Communication of the Lisbon Polytechnic Institute.

During the time of the internship, which happened between the 23rd of February and the 22nd of May 2017, data were collected – through exploratory interviews, participant observation and analysis of the print editions of the magazine and the 'Life' section of the website of Sábado –, which could contribute to the answer of the key question: “are the children rights respected equally on the online and paper versions of Sábado?”. A series of questions about the subject will be held and answered along the document, with the peak of it being the description and analysis of the results relating to the paper and the online versions and a comparison between both.

In fact, there are a few differences between both formats, although they are not significative enough to demand a more profound ponderation about the reason of that evidence. Because of different factors such as the difference of timings for the publication of the news pieces, there is a more visible preoccupation with the publication or not of articles that include children on the online than in the paper version. Despite that, in both formats Sábado's journalist tries to remain loyal to the Society of Professional Journalists' Code of Ethics and to the editorial status of the magazine. United, these values make the magazine respectful, generally, in what concerns to the children in journalism.

On the first phase of the internship I joined the Portugal, World and Security sections' team, under the orientation of the editor Fernando Esteves. On the second phase I worked on the online section, under the direction of Filipe Garcia, editor of that team. The report also presents a summary of the experiences and activities developed in both sections, trying to make a continuous interconnection between those and the covered theme. The chapters begin with a brief theoretic contextualization of the covered themes.

After the conclusions and final considerations, the report ends with the critical assessment of the internship at Sábado magazine.

Keywords: *children in journalism, online journalism, newsmagazine*

Índice de abreviaturas

- ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação social
- HP – *Homepage*
- SEO – *Search Engine Optimization*
- ONU – Organização das Nações Unidas

Índice de figuras

Figura 1 – Redação Sábado	12
Figura 2 – “Casal de adolescentes mata brutalmente avós da rapariga”.....	39/40
Figura 3 – “Filho de Bárbara Guimarães e Carrilho ouvido em tribunal”.....	41
Figura 4 – “Novo ataque de cão a criança em Ílhavo”.....	42

Índice

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO.....	II
Agradecimentos	III
Introdução	IV
Resumo.....	VIII
<i>Abstract</i>	IX
Índice de abreviaturas	X
Índice de figuras.....	X
1. Local de estágio.....	1
1.1 A <i>newsmagazine</i>	2
1.1.1 Evolução e caracterização.....	2
1.1.2 <i>Time</i> : o verdadeiro início de uma era?	6
1.1.3 A <i>newsmagazine</i> em Portugal	8
1.1.4 O caso da <i>Sábado</i>	9
1.1.5 As secções <i>Portugal, Mundo e Segurança</i>	15
1.2 O jornalismo <i>online</i>	17
1.2.1 Surgimento e evolução.....	18
1.2.2 O <i>online</i> em Portugal.....	20
1.2.3 O <i>online</i> da <i>Sábado</i>	24
2. As crianças no jornalismo	31
2.1 Os direitos da criança	32
2.2 Criança como participante de uma notícia - uma breve caracterização do contexto português	34
2.3 Questões de partida - Objeto e objetivo de estudo.....	36
2.4 Atividades desenvolvidas.....	44
3. Dados do papel <i>versus</i> dados do <i>online</i>	48

3.1 Análise dos dados do papel.....	49
3.2 Análise dos dados do <i>online</i>	52
4. Conclusões e apreciação crítica	56
4.1 Descrição dos resultados	56
4.2 Comparação dos resultados: papel <i>versus online</i>	58
4.3 Apreciação crítica do estágio	61
5. Considerações finais	64
6. Referências bibliográficas	70
7. Anexos.....	75

1. Local de estágio

À data da conclusão deste relatório a revista *Sábado* contabilizava 702 edições. Estes números referem-se apenas à segunda versão da *newsmagazine* portuguesa, que renasceu no ano de 2004 sob a alçada do grupo Cofina. Porém, existiu uma primeira versão da *Sábado* que operou entre 1988 e 1993. Renascida das cinzas, qual Fénix, foi cimentando a sua credibilidade e resistiu à crise económica que se abateu sobre o país na última década e que foi responsável pelo encerramento de outros títulos reconhecidos no panorama nacional. Hoje é, a par da *Visão*, uma das duas únicas *newsmagazines* ativas em Portugal. O percurso da *Sábado* até à atualidade merece, no entanto, uma atenção privilegiada neste documento. Por isso mesmo, antes de apresentarmos a empresa abordaremos sumariamente o surgimento e evolução das *newsmagazines*, passando pela comparação entre o antes e o depois do surgimento da icónica *Time* e terminando com a ingressão deste tipo de jornalismo em Portugal. Apenas depois desta apresentação inicial da *newsmagazine* como uma publicação própria que também teve a sua evolução podemos apresentar com propriedade a revista *Sábado* – local de estágio que está na base da realização deste relatório.

Sendo o propósito deste trabalho a comparação de uma matéria entre o papel e o *online* da revista, e tendo o estágio decorrido em ambas as secções, faz sentido caracterizar também de forma quase autónoma o *online* da *Sábado*. Para isso, após a apresentação da *Sábado* como órgão de comunicação social e como revista, introduzimos o *online* da mesma forma que o formato anterior: há uma breve exposição dos principais acontecimentos que fizeram emergir e evoluir o jornalismo *online*, no Mundo e em Portugal, partindo de seguida para a apresentação, *per si*, do *online* da *Sábado*.

1.1 A *newsmagazine*

1.1.1 Evolução e caracterização

É impreciso concretizar o aparecimento das *newsmagazines*. Embora a maioria dos teóricos aponte a publicação norte-americana *Time* como pioneira neste tipo de jornalismo, L. John Martin reitera a dificuldade sentida quando se trata de precisar o surgimento da primeira *newsmagazine*. De acordo com o académico norte-americano (1960: 206 *apud* Cardoso, 2014: 58), “nos primórdios [do jornalismo nos Estados Unidos da América], era difícil distinguir um jornal de uma *newsmagazine*”. Por este motivo, remete para 1690 os primeiros sinais de vida

deste tipo de revista – através do exemplo da publicação de três páginas *Publick Occurences, both Forreign and Domestick* (*Ocorrências Públicas, tanto Estrangeiras como Domésticas*), lançada pela primeira vez a 25 de setembro do mesmo ano. Cardoso (2014: 58, 59) descreve um dos motivos lançados por Martin que assemelham esta publicação a uma *newsmagazine*: “o facto de esta publicação se assumir como de periodicidade mensal, deixando em aberto a possibilidade de ser impressa com mais frequência, de acordo com as necessidades impostas pelas notícias”.

Por outro lado, no seu artigo “Contributos para uma história da *newsmagazine*”, confere ao *The Gentleman’s Magazine* – publicação criada em janeiro de 1731, em Inglaterra – este grau de pioneiro relativamente à história das *newsmagazines*. De acordo com a autora este “é o primeiro a associar o termo magazine a uma publicação. Cave estava longe de saber que o seu mensário de 42 páginas iria inaugurar um género que se tornaria rapidamente uma moda a copiar (logo no ano seguinte surgia a concorrente *London Magazine*), assim como uma fórmula de sucesso [repetida um pouco por toda a Europa e Estados Unidos da América]” (Cardoso, 2008: 1553).

Numa primeira fase, para percebermos o sucesso deste tipo de publicação temos de perceber o que é a *newsmagazine* e por que se chama assim. O termo árabe *mahkazin* (plural de *mahkazan*) é a origem etimológica tanto da palavra inglesa *magazine* como da francesa *magasin*. Quando surgiu, no século XVI, serviu para dar significado a armazém – um lugar onde se guardavam bens e, em particular, munições militares (Cardoso, 2008). Em português – embora a palavra “magazine” não seja sequer referida nos dicionários mais antigos – aparecem nos dicionários recentes dois termos variantes da raiz árabe: “magazim” e “magazine” (ambos masculinos, apesar da diferença gráfica que levou a que muita gente se refira, nos dias de hoje, ao vocábulo “magazine” como substantivo feminino).

O primeiro periódico a usar o termo “magazine”, em 1731, foi *The Gentleman’s Magazine* (Mott, 1938 *apud* Sorg, 2010). Segundo Scott (2010 *apud* Sorg, 2010) “continha mexericos sobre o que se passava na corte real e na cidade”¹ e misturava histórias, poemas, comentário político, entre outros estilos de texto seleccionados de outras publicações inglesas da altura.

Ambos os termos se referem a um conjunto de publicações periódicas não diárias, mas em Portugal a palavra mais utilizada para referenciar este tipo de publicações é “revista”. O termo surge do francês *revue* (revisão, comentário, análise) e tem no latim a sua raiz

¹ No original “contained titbits of doing in the royal court and around the town”.

etimológica: *revidere* significa “ver de novo” (Cardoso, 2008). Em português, a palavra “revista” é também um sinónimo de exame ou inspeção. É por isso mesmo que este tipo de publicações é referido através desse termo, dado o “teor interpretativo do universo das revistas, que as distancia dos jornais, em particular dos diários” (Cardoso, 2008: 1553).

Num mundo abraçado pela tecnologia, repleto de estímulos constantes, em que o que aconteceu ontem é, para muitos, já velho e ultrapassado, o jornalismo está perante uma necessidade de adaptação à procura do leitor. É precisamente nesse ponto fulcral em que o jornalismo da *newsmagazine* contrasta com o do *online*: se no *online* o leitor procura o imediato, na *newsmagazine* tem a noção de que está a ler sobre algo que já aconteceu e que poderá já ter sido noticiado.

Põem-se neste caso algumas questões: é possível que a *newsmagazine* ofereça um conjunto de valores que se sobreponham ao facto de os textos não se referirem ao imediato? Que mecanismos levam a que faça sentido continuar a existir este tipo de revistas?

A resposta está, até certo ponto, na própria definição do conceito. As *newsmagazines* são “revistas semanais de distribuição nacional, dirigidas a uma audiência com interesses gerais, focadas primariamente em reportar acontecimentos recentes e a atualidade” (Sumner, 2003: 87 *apud* Cardoso, 2014: 60). São vendidas em banca ou por assinatura, destinadas “a um público maioritariamente masculino, com habilitações académicas de nível superior e rendimentos elevados” (Cardoso, 2014: 60) e foram arquitetadas “para ajudar os leitores ocupados, com pouco tempo disponível, a tomar conhecimento das notícias, tendências e pessoas mais importantes” ou interessantes (Sterling, 2009 *apud* Cardoso, 2014: 60).

No campo do aspeto formal, Gans (1979 *apud* Cardoso, 2014: 61) definia, há quase quarenta anos, alguns parâmetros: “têm cerca de 50 páginas por semana (...) combinam a narrativa dramática com imagens dramáticas, ocupando as últimas pelo menos um terço do número total de páginas (o newshole), e por vezes têm várias páginas de imagens”.

O conteúdo, ainda segundo o mesmo autor, pode ser dividido em duas partes: uma primeira parte que se ocupa da política nacional e internacional e da economia – sendo esta a parte mais longa – e uma segunda parte que engloba secções mais curtas e variadas, que passam pelos mais variados temas relacionados com a sociedade, a arte, o desporto ou a ciência – as duas partes são separadas por uma secção de *gossip*, na qual os protagonistas são celebridades fotogénicas. Por fim, as chamadas *feature sections* colmatam o conteúdo de uma *newsmagazine*: são exemplos os obituários e as cartas dos leitores. O tema de capa é, para os autores, o mais importante e não tem local fixo de publicação dentro da revista. A atualidade,

controvérsia política ou reportagens desenvolvidas sobre assuntos fora da agenda mediática figuram os temas mais tratados nesta secção (Gans, 1979 *apud* Cardoso, 2014: 61).

Os mecanismos que continuam a dar sentido à existência de *newsmagazines* – regressando às questões propostas anteriormente – começam na dimensão humana que é dada às reportagens deste tipo de revistas. A preocupação que há nos textos dos jornalistas em levar o leitor para aquela história, prendê-lo, quase misturando a enumeração e explanação dos factos com algumas técnicas da literatura. Quando um tema é escolhido tem de ter no seu conteúdo uma proporção de possibilidades de aprofundamento e de desmembramento, para que possa ser trabalhado no sentido de provocar excitação e acrescentar ao conhecimento de quem lê informação e novos dados que não existem nos jornais ou no *online*.

Uma *newsmagazine*, ou revista de informação geral – outra das suas designações –, tem uma série de características que diferenciam o seu tipo de jornalismo do de um jornal diário ou mesmo de um semanário. Em primeiro lugar, a forma como é transmitida a informação. Charon (2008:77 *apud* Cardoso, 2014: 40) defende a necessidade de o conteúdo ser “original, atraente, interessante, mas (...) também sedutor, capaz de dar prazer”. No fundo, a informação deve ser trabalhada no sentido de criar no público uma espécie de ligação própria com a história que lhe está a ser contada. Há um cunho pessoal do jornalista em cada produto de informação que é publicado numa revista desta categoria, sendo que esse cunho deve transmitir conexão ao leitor.

Para Charon (2008 *apud* Cardoso, 2014: 28, 29), há seis características transversais ao género de revista, que assinam marcas distintivas em relação aos jornais diários e a outros periódicos. São elas a importância do visual (fotografias, gráficos e ilustrações devem misturar-se e interagir com o texto para seduzir o leitor); a periodicidade e desconexão da atualidade (o ritmo é mais lento do que o dos restantes *media*, seja ele semanal, mensal ou quinzenal, o que permite uma maior margem de manobra na escolha dos temas a serem tratados e na forma de os tratar, uma vez que não são reféns da atualidade imediata – para Charon, aliás, este trunfo das revistas permite-lhes procurar e chegar mais perto da vontade do leitor, através de um conjunto de fatores como um maior espaço para a criatividade, para a capacidade de antecipação ou de sensibilidade às tendências, do tempo concedido para o recurso ao planeamento, execução e retoque); a segmentação do público (fá-lo de duas formas: a partir das características do leitor, como o sexo, a idade, o nível cultural ou o estilo de vida; e a partir das áreas de interesse, dirigindo a publicação para áreas específicas como o desporto, a economia ou o social); o contrato de leitura (um encontro entre o que os diretores

e jornalistas querem apresentar ao público e o que o público quer ler, que se traduz numa espécie de contrato que firma o esqueleto-base da publicação); a valorização no seio dos grupos (ou seja, a prova, através de vários tipos de resultados, de que é proveitosa para o grupo de *media* que a detém) e a internacionalização dos conceitos (esta internacionalização do produto – que constitui um passo importante na gestão dos resultados económicos da revista – pode decorrer de uma posição firme relativamente à identidade editorial e que passe, no entanto, por adaptações para fazer face a essa maior abrangência de público).

A *newsmagazine* privilegia a entrevista, a reportagem e o perfil, mas também géneros opinativos como a crónica. Em todos é visível o cunho do jornalista na estratégia de escrita da história.

1.1.2 *Time*: o verdadeiro início de uma era?

Pode ser, como foi referido anteriormente, difícil identificar a primeira *newsmagazine*, mas não será difícil concordar com a afirmação de que esta se tornou uma fórmula de sucesso – especialmente a partir do século XX. Regressamos ao segundo período do subcapítulo anterior para identificar um culpado: a norte-americana *Time*, sobre a qual nos debruçaremos de seguida.

Decorria o ano de 1922 e Briton Hadden, de 24 anos, e Henry Robinson Luce, de 23, eram há poucos meses repórteres no *Baltimore News*. Colegas desde o ensino secundário – ingressaram ambos, mais tarde, na Universidade de Yale –, já tinham trabalhado juntos em vários projetos, incluindo jornais escolares. Em fevereiro desse ano abandonaram o emprego e rumaram a Nova Iorque com o objetivo de criarem “uma revista semanal que condensasse informação nacional e internacional, com um público-alvo bem definido – pessoas com educação universitária, um universo estimado, à época, num milhão de hipotéticos leitores” (Cardoso, 2014: 67).

Cerca de um ano depois, no dia 3 de março de 1923, nascia o primeiro número daquela que viria a ser a primeira revista a incluir a expressão “*newsmagazine*” na capa: a *Time*, com o subtítulo *The Weekly News-Magazine*. “Nascia assim um novo género de imprensa baptizado precisamente com a referência a este subtítulo da *Time*: a *newsmagazine* ou revista de informação geral, também conhecida apenas por revista de informação ou, ainda, por revista de actualidade” (Cardoso, 2008: 1558).

Com seis mil subscritores angariados à partida por todo o país, a *Time* reunia em si quatro pilares que norteavam o projeto:

1. Organizar as notícias da semana de forma lógica, em secções de pequena dimensão;
2. Avaliar e interpretar aquilo que as notícias significavam, sem esquecer de contar os dois lados de cada “estória”;
3. Escrever as notícias de forma clara, curta e completa;
4. Colocar a ênfase nas personalidades que protagonizavam as notícias.

(Jonhson e Prijatel, 1999:60 apud Cardoso, 2008: 1557, 1558)

Para o sucesso desta fórmula, Henry Luce – responsável comercial – e Briton Hadden – responsável editorial – tinham de romper de forma clara com o velho modelo de jornalismo vigente para a maioria das publicações. Tinham de apostar não apenas em determinados géneros jornalísticos mas também num produto identitário forte e concreto. E os fundadores desta revista sabiam-no. “Luce e os seus editores não fingiam manter-se fiéis aos conceitos habituais de objectividade jornalística. A *Time* também não queria ser classificada como imparcial; a «equidade» era o seu objectivo” (Emery e Emery, 1988:388 apud Cardoso, 2008: 1559).

Era, de facto, o início de uma nova era. Apenas dois anos depois surgia a *The New Yorker*, pelas mãos de Harold Ross, numa aposta diferenciadora “pela escrita, crítica e publicação de textos de autores de referência, e pelas ilustrações e *cartoons*” (Emery, Emery e Robert, 2000: 334 apud Pestana, 2016: 23). Começava, um pouco por toda a parte, a abrir-se um espaço para este género de imprensa. Apareceram várias *newsmagazines* nos anos seguintes, que abordavam temas como a política, economia, saúde, educação e negócios (Pestana, 2016).

Na Europa a sua proliferação ocorreu mais tarde. Começaram, na maior parte dos casos, por surgir associadas a títulos de jornais, como comprova o caso das duas *newsmagazines* francesas mais importantes: *L’Express* e *Le Nouvel Observateur* surgiram “no Outono de 1964, para relançar dois semanários políticos órfãos da guerra da Argélia” (Feyel, 2001: 39 apud Cardoso, 2014: 97). O facto de ter sido demorado o processo de reprodução europeia deste formato não significa, no entanto, que tenha fracassado. Pelo contrário, aliás. De acordo com um estudo realizado em 1980, “as *newsmagazines* substituíram

progressivamente a leitura do jornal, levando com elas os leitores privilegiados pelos anunciantes” (Charon, 2001: 57 *apud* Cardoso, 2014: 98).

1.1.3 A *newsmagazine* em Portugal

“A bibliografia sobre *newsmagazines* é escassa e dispersa-se em textos publicados em obras colectivas ou referências ocasionais em artigos que tratam de outras temáticas. Em relação ao nascimento e desenvolvimento das *newsmagazines* em Portugal não existe bibliografia disponível” (Cardoso, 2008: 1560).

A Gazeta Literária ou Notícia Exata dos Principais Escritos que Modernamente se vão Publicando na Europa – mensário fundado no Porto, em julho de 1761 – é apontada como a primeira revista portuguesa. Embora sejam referidos títulos como a *Opção* ou a *Flama* como revistas que se aproximavam do estilo *newsmagazine*, é preciso avançar mais de dois séculos para começar a ver sinais de uma história destas publicações em Portugal.

Já no século XX, Paulo Faustino (2004: 2) divide a história da imprensa portuguesa de expansão nacional após a Revolução de 25 de abril de 1974 em duas fases:

1. A entrada na era democrática com o fim da ditadura, o que significou a reposição das liberdades fundamentais, a abolição da censura, e a nacionalização dos *media* propriedade de grupos económicos e entidades próximas do antigo regime;
2. No final da década de 80, a reprivatização dos jornais estatizados, a liberalização do sistema mediático e a consolidação de grupos de comunicação nacionais;

E é, precisamente, neste final da década de 80 que surge a primeira *newsmagazine* portuguesa. O primeiro título que se afirma desta forma publicou o número zero em maio de 1988 e chama-se *Sábado*. “Portugal deixou de ser o único País europeu que não dispunha de uma revista semanal de grande informação”, afirmou, no editorial do número zero, o diretor Joaquim Letria. Apesar disso, o conceito teve mais dificuldades de implantação no país do que tinha tido nos Estados Unidos e no resto da Europa. A primeira série da *Sábado* viu ser publicado o número um no dia 25 de junho de 1988 e acabou por encerrar em setembro de 1993.

Esse ano fica marcado pelo fim de um ciclo e início de outro: o encerramento da *Sábado* e o nascimento da *Visão*. Dirigida por Carlos Cáceres, lançou três números zero ao

longo dos primeiros meses de 1993, e no dia 25 de março desse ano foi publicado o número um daquela que viria a ser, também ela, a número um do mercado. Nas bancas à quinta-feira, dois dias antes do semanário *Expresso* – o seu concorrente mais próximo –, a *Visão* registou, no primeiro e segundo trimestres de 1998, o maior crescimento no segmento dos semanários, “assegurando o segundo lugar atrás do jornal *Expresso*, com 267 mil leitores de audiência média, de acordo com dados da Markttest” (Cardoso, 2008: 1562).

Fazemos deste modo uma passagem para o início do novo milénio. A *Visão* começa a ver nascer concorrência, mas continua a ser líder de mercado no segmento das *newsmagazines*, com 110 mil exemplares de circulação média. No ar paira ainda o fantasma da *Factos*, cujo número zero data de 24 de outubro de 1997, que – após um primeiro encerramento depois de ser decretado em tribunal que o projeto era uma cópia da *newsmagazine* suíça *Facts*, e posterior renascimento uma semana depois – sobreviveu apenas cinco meses, fechando definitivamente em agosto de 1998. Por outro lado, o grupo Impala havia lançado em 7 de outubro de 1999 o número zero da *Focus*. “O projecto e a equipa chegaram a fazer tremer o confortável monopólio que a *Visão* detinha no segmento das *newsmagazines*” (Cardoso, 2008: 1564). Apesar de tudo, foi descontinuada pela Impala no início de 2012. Ainda na mesma linha, António Lavrador lançava no final de novembro de 2003 a revista *Tempo*. Sem grande êxito e com pouca viabilidade financeira, passou a ser de publicação mensal em julho de 2005.

É este o panorama nacional das *newsmagazines* em 2004 – o ano que fica marcado pelo nascimento de um projeto “ambicioso mas legítimo”, de acordo com o diretor, no editorial do primeiro número. A Cofina contava, para o seu novo título, com exclusivos da britânica *The Economist* e com uma série de ferramentas para criar uma revista cujo objetivo era por o público a “pensar por si mesmo”. Estava tudo certo: no dia 7 de maio de 2004 nascia a segunda série da revista *Sábado*. Logo no primeiro ano ultrapassou largamente a *Focus* e é até hoje a concorrente mais próxima – e atualmente a única – da *Visão*.

1.1.4 O caso da *Sábado*

Em 1988, no dia 25 de junho, surge uma primeira versão da *Sábado*, que esteve nas bancas até ao ano de 1993. Sob a direção de Joaquim Letria, acabou por ceder e encerrar em setembro de 1993 (Pestana, 2016). Depois de vários anos de hiato, eis que em 2004, pelas mãos da Cofina Media, surge a renovada *Sábado*.

Fundada em 1995, a Cofina era, à data, uma *holding* diversificada, com participações em negócios de vários tipos, como os media, pasta de papel ou aços. Foi só no ano de 2005 que se realizou o *spin-off* das participações fora do setor de *media* (Altri). A Cofina ficou apenas com os ativos de imprensa e é, atualmente, o grupo líder de *media* no setor da imprensa em Portugal. Conta com cinco jornais, três revistas (no dia 11 de maio do presente ano, a Cofina anunciou a decisão de não renovar o licenciamento do grupo Condé Nast para continuar a publicar a edição portuguesa da Vogue, que passou a ser explorada pela editora Light House, que já detém a *GQ* portuguesa) e um canal de televisão por cabo.

Numa altura em que havia várias *newsmagazines* no mercado, apostou numa forte estrutura e pilares bem definidos para contrariar a tendência decrescente a nível de mercado nos últimos anos. A verdade é que, desaparecidos títulos icónicos como a *Focus*, a *Sábado* continua atualmente a ser uma referência do jornalismo de *newsmagazine* em Portugal, constituindo-se como a única concorrente da mais antiga *newsmagazine* portuguesa, a *Visão*. “Apesar do nome, e de no início sair para as bancas às sextas-feiras, a partir de 12 de janeiro de 2006 a revista começou a estar disponível à quinta-feira, tal como o Expresso e a Visão – concorrentes no universo dos semanários” (Pestana, 2016: 24).

O primeiro título desta versão da *Sábado* foi publicado no dia 7 de maio de 2004. À data era João Govern, jornalista e comentador desportivo, quem assumia o cargo de diretor. De acordo com as informações do *site* da Cofina, a ideia era que o leitor sentisse aquela revista como “uma referência do grande jornalismo em Portugal”². Com o lema «Pense por si», definia-se como uma “revista generalista e com o objectivo de apostar em áreas de interesse como a política, economia, segurança e sociedade” (Jesus, 2013: 25).

Mais de uma década volvida desde essa data – festejou-se o 13º aniversário durante o período em que decorreu o estágio, no dia 7 de maio de 2017 –, a *Sábado* continua hoje a ser “uma *newsmagazine* que se destaca pela abordagem criativa dos temas, o que está obviamente ligado à sua periodicidade semanal”, diz Ana Catarina André, jornalista da revista³.

² Disponível em http://www.cofina.pt/business-overview/magazines.aspx?sc_lang=pt-PT. Consultado em 04 de setembro de 2017

³ Declarações presentes no anexo “Entrevista 2”

Durante o tempo em que decorreu o estágio a *Sábado* sofreu algumas alterações em termos de equipa. As mudanças passaram, essencialmente, pela direção: Eduardo Dâmaso substituiu, no dia 28 de março de 2017, Rui Hortelão como diretor da *newsmagazine*; João Carlos Silva, anterior editor executivo, substituiu a dupla feminina de subdiretoras Dulce Garcia e Dulce Neto, passando a assumir funções como diretor adjunto; e eliminaram-se, ainda, as funções de diretora criativa e de operações (até então assumida por Joana Pais Vieira) e de redator principal (a cargo de Pedro Jorge Castro). Também o editor Fernando Esteves e as jornalistas Myriam Gaspar e Tânia Pereirinha deixaram de assumir funções na *Sábado* durante o mesmo período. Alberto Gonçalves deixou de ser cronista, bem como – devido às suas novas funções – Eduardo Dâmaso. Por outro lado, João Pereira Coutinho ganhou um assento na equipa de cronistas da *Sábado*. A infografia, por sua vez, ficou a cargo exclusivamente de Ruben Sarmento, depois da saída de Filipe Raminhos.

A redação da *Sábado* está instalada no edifício da Cofina, localizado desde 2012 no Alto dos Moinhos, na Rua Luciana Stegagno Picchio nº3, São Domingos de Benfica. Até lá, funcionava no nº72 da Avenida João Crisóstomo, no centro da cidade de Lisboa. O edifício atual tem três andares, aos quais acresce o rés do chão, onde se situa a receção e os estúdios da *CMTV*. No segundo andar, para além da *Sábado*, está situado o jornal desportivo *Record* e as redações conjuntas do *Correio da Manhã* e da *CMTV*. Nos primeiro e terceiro andares estão as restantes publicações do grupo e neste último encontram-se ainda os gabinetes da direção, dos recursos humanos e a Cofina Eventos. Com entrada quase direta para a 2ª Circular, o edifício da Cofina encontra-se numa localização privilegiada entre o estar suficientemente longe da confusão do centro da cidade e perto da estrada que liga os principais pontos de Lisboa, possibilitando um rápido acesso aos acontecimentos de última hora.

A redação da *Sábado* é “heterogénea, com jornalistas muito diferentes entre si, o que permite abarcar temas muito diversos”, define Ana Catarina André⁴. O espaço físico tem características de *open-space*, dividido em pequenas ilhas que, salvo raras exceções, separam as diferentes secções da revista. À entrada, do lado direito, encontram-se dois gabinetes. O primeiro é considerado a sala de reuniões. É neste espaço que acontecem as reuniões semanais da direção com os editores e de cada editor com a equipa da sua secção. Para além disso, é lá que são feitas algumas entrevistas presenciais e telefónicas. É também o único espaço fechado da redação a que todos podem ter acesso, utilizado também para conversas confidenciais.

⁴ Declarações presentes no anexo “Entrevista 2”

Logo de seguida, o segundo gabinete destina-se ao diretor da *Sábado*. Se quando o estágio se iniciou era ocupado por Rui Hortelão, no final quem o utilizava era Eduardo Dâmaso, atual diretor da revista *Sábado*. À esquerda, a primeira secretária destina-se a Catarina Gonçalves, secretária da direção. À esquerda desta, a ilha reservada à equipa das secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança*. Se seguirmos em profundidade na sala, encontra-se de seguida a ilha da secção *Sociedade* e, finalmente, uma última secção, liderada pela editora Sónia Bento. À frente desta, a ilha da secção *online*, ladeada pelas secretárias da consultora linguística, Manuela Gonzaga, do redator principal, Carlos Torres, e do subdiretor da *Sábado*, João Carlos Silva. À frente destes, a parte técnica da revista: é nesta ilha que estão os fotógrafos, ilustradores, paginadores. Esta ilha é ainda ladeada, à esquerda, pela destinada ao suplemento *GPS*. Junto a esta última, acontecem, à quarta-feira (não há uma periodicidade definida, porém é frequente), concertos intimistas. Ao longo do período do estágio, decorreram concertos como o de Luiz Caracol e de Cachupa Psicadélica.

A figura seguinte representa graficamente o espaço físico da redação da revista *Sábado*:

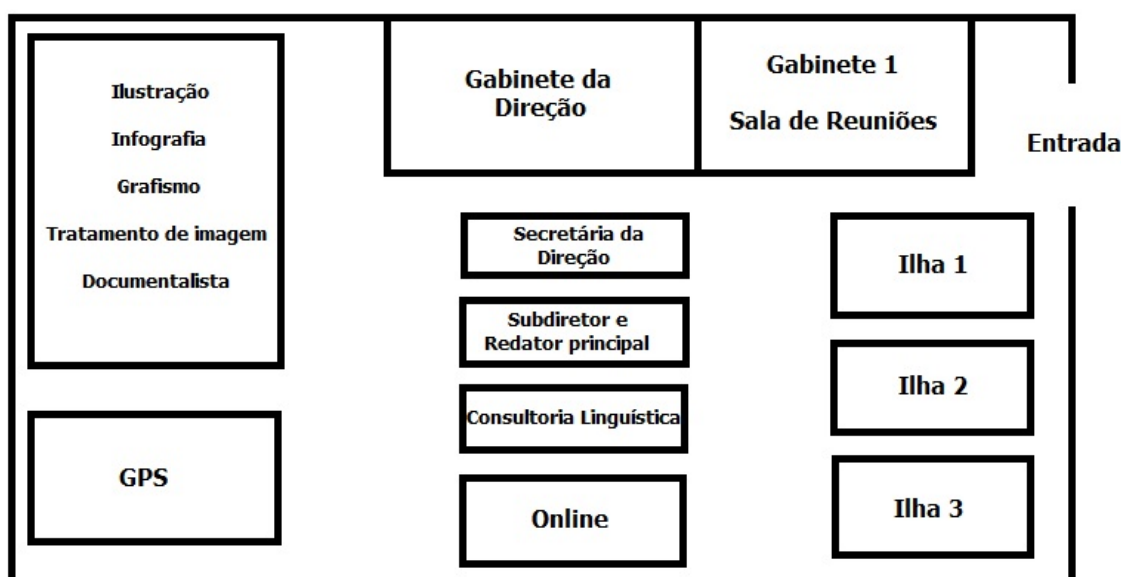


Figura 1 - Redação *Sábado*

Dada a sua periodicidade semanal, o ambiente na *Sábado* vive espaços temporais bem distintos. A azáfama vai em crescendo desde a quarta-feira – dia em que a revista da semana chega da gráfica e, portanto, primeiro dia de trabalho relativo à edição da semana seguinte – até terça-feira, dia de fecho da edição que é distribuída nas bancas na quinta-feira. Ao fim de semana, está ativo – ainda que com menos recursos humanos – apenas o *online*. A

quarta-feira é, geralmente, destinada à reunião entre os editores e as suas equipas, para definir os temas e estratégias para a edição da semana que se avizinha. Posteriormente, as propostas são feitas pelos editores de cada secção à direção, para aprovação.

Embora a *Sábado* usufrua de uma espécie de coesão editorial com outros títulos pela sua inserção no grupo Cofina, tem uma marca definida muito própria. “Se se quer manter a identidade de cada publicação, é fundamental que cada linha editorial seja autónoma”, refere Ana Catarina André⁵. E nessa marca distintiva ressalta não apenas a forma única de trabalhar os temas, mas também o respeito por um estatuto e linha editoriais que privilegiam a informação, sem nunca ultrapassar a fronteira que é o “direito de todo e qualquer cidadão ao seu bom nome e imagem”⁶.

Relativamente às notícias que têm crianças como participantes, “na linha editorial da *Sábado* não se expõem crianças sem autorização, sem que seja realmente relevante”⁷. Acima de tudo, está o Código Deontológico do Jornalista, pelo qual se regem os jornalistas que trabalham na *Sábado*. Mesmo que a criança diga algo que contribua de forma notória para o interesse da publicação, sem a autorização dos pais essas declarações não são publicadas. “Mas, a partir do momento em que tu cumpres tudo, se a criança tiver, de facto, um carácter noticioso, aí sim”, diz-nos Cátia Andrea Costa, na entrevista para este relatório. Para Cátia, o importante é haver um balanço equilibrado entre o respeito pelo Código Deontológico, pela linha editorial da publicação e uma sensibilidade por parte do jornalista, no que toca a temas delicados como considera ser o das crianças. “E aqui havendo, obviamente, uma linha editorial na *Sábado* - que há - da proteção da criança, da privacidade, de cumprires tudo para falares com uma criança, o bom senso de um jornalista faz muito com que tu ponhas um travão às coisas”, adianta-nos. Embora admita que em todos os órgãos de comunicação social – ao nível do *online* – o clique é bastante importante, sabe que não pode valer tudo, e que a linha editorial tem de se sobrepor, “porque senão és um barco sem rumo. E isto aplica-se a crianças e a tudo. Se tu não tiveres uma linha editorial, cada um faz o que quer, e nunca corre bem”⁸.

As linhas editoriais são diferentes de publicação para publicação. “Há linhas editoriais em que vale tudo... Nós sabemos disso, não é? Na *Sábado*, não vale (...). No caso da

⁵ Declarações presentes no anexo “Entrevista 2”

⁶ Estatuto Editorial da *Sábado*. Disponível em <http://www.sabado.pt/a-sabado/detalhe/estatuto-editorial>. Consultado em 31 de julho de 2017.

⁷ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

⁸ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

Sábado é «não passas o limite do tabloide», mesmo que a tua concorrência o faça”, revela Cátia Andrea Costa, fazendo uma caracterização da linha editorial da revista.

A estrutura da empresa sofreu algumas alterações durante o período em que decorreu o estágio. A empresa mudou de direção no dia 28 de março de 2017. Eduardo Dâmaso tornou-se o novo diretor da *Sábado*, deixando o cargo de diretor-adjunto do *Correio da Manhã* para liderar a *newsmagazine*. João Carlos Silva, até então editor executivo, passou a ser diretor-adjunto.

Octávio Ribeiro, diretor do *Correio da Manhã* e da *CMTV*, foi nomeado *publisher* do grupo Cofina. Desta maneira, passou a ser responsável editorial das revistas *Sábado*, *TVGuia*, do *site Flash* e do jornal gratuito *Destak*, a par dos cargos que ocupa no *Correio da Manhã* e *CMTV*.

Foi, ainda, criado o cargo de coordenador digital, assumido pelo jornalista Alfredo Leite, já responsável pelo *site* do *Correio da Manhã*. Passou, deste modo, a liderar também o *site* da *Sábado* e o da *Flash*.

A revista *Sábado* tem, geralmente, 90 páginas. Este número é raramente alterado em ocasiões pontuais, como é o caso do número 679, nas bancas entre 4 e 10 de maio de 2017, que teve 106 páginas. A revista abre com o *Sumário*, onde é feita uma breve explanação do que pode ser lido no interior da publicação e em que páginas, fazendo ainda referência na parte inferior ao *site* da *Sábado*. De seguida, a página dedicada aos *Bastidores*, geralmente escrita por um elemento da direção, mostra o que está por detrás das reportagens inseridas na revista. Nesta secção, contam-se peripécias acontecidas durante o decorrer das entrevistas e da preparação do número, entre outras curiosidades. Seguem-se o *Editorial*, a página d’*A Lagartixa e o Jacaré*, que contém um artigo de opinião de José Pacheco Pereira, e a página *Do Leitor*. Na secção *A Abrir* figuram maioritariamente pequenos apontamentos sobre a atualidade e acontecimentos insólitos, o obituário e uma página de breves dedicadas a indiscretos. Há sempre uma *Entrevista* destacada e um *Destaque*, que é o desenvolvimento do tema de capa. Seguem-se as secções *Portugal*, *Mundo*, *Dinheiro* e *Segurança* – pelo meio introduzem-se o suplemento *GPS* e mais uma secção de opinião. As secções da *Sociedade*, *Família*, *Social* e *Desporto* dão o remate final nas notícias da semana, que fecham com mais uma secção de opinião e a crónica final.

O *online* da *Sábado*, para além da *homepage*, divide-se nas categorias *Última Hora*, *Portugal*, *Mundo*, *Dinheiro*, *Vida*, *Ciência & Saúde*, *Opinião*, *Desporto*, *Social*, *Vídeo* e *GPS*. Para além destas, no canto superior direito existe sempre uma secção especial. Se no início e

fim do estágio essa secção era *Especial Operação Marquês*, durante os preparativos e decorrer da visita do Papa Francisco a Portugal essa secção chamava-se *Especial Visita do Papa*.

De acordo com o Bareme Imprensa⁹ publicado em junho de 2017, a *Visão* continua à frente no segmento das *newsmagazines*, com 4,7% contra 3% da *Sábado*. O título da Imprensa desce 11,32% entre vagas e 6% face ao período homólogo enquanto a publicação da Cofina sobe 3,45% em relação à última vaga mas desce 11,76% comparando com a mesma vaga em 2016.

1.1.5 As secções *Portugal, Mundo e Segurança*

As secções *Portugal, Mundo e Segurança* da revista *Sábado* reúnem-se numa equipa só. Os membros que a constituíam à data de início do estágio eram o editor Fernando Esteves, os subeditores Nuno Tiago Pinto e Maria Henrique Espada, o grande repórter António José Vilela, e os jornalistas Pedro Jorge Castro e Octávio Lousada Oliveira.

No formato *open-space* da redação da *Sábado*, esta equipa posicionava-se na primeira ilha – composta por oito secretárias, duas das quais ocupadas por jornalistas da secção da *Sociedade*. Quando cheguei, aproveitando o facto de uma dessas jornalistas estar em licença de parto durante todo o período do meu estágio, ocupei a sua secretária, por forma a ficar junto da equipa com quem iria trabalhar e, ao mesmo tempo, suficientemente perto das restantes ilhas da redação, para que pudesse, caso necessário, trabalhar para outra secção, como viria a acontecer mais tarde.

A equipa do *Portugal* (forma como denominavam, por uma questão de economia de palavras, os responsáveis pelas três secções) era, notei desde logo, bastante respeitada, não apenas por reunir em si vários jornalistas com carreiras cimentadas no jornalismo político, mas também pela importância e poder dos temas com que mexiam. Esse poder era notório, uma vez que o destaque (tema de capa) estava geralmente – na fase inicial – a seu cargo e era necessário utilizar alguma delicadeza, destreza e, ao mesmo tempo, firmeza para tratar os assuntos que tratavam da maneira mais séria e profissional possível. Para além disso,

⁹ Estudo regular da Marktest que analisa as audiências de imprensa em Portugal Continental. Disponível em <http://www.meiosepublicidade.pt/2017/06/bareme-imprensa-dn-unico-generalista-escapar-as-quebras-nas-audiencias/>. Consultado em 31 de julho de 2017.

possuíam inúmeros contactos de fontes que lhes conferiam já a maior credibilidade, o que se revelava um trunfo gigante na hora das decisões difíceis e até mesmo na necessidade de alterações de última hora.

Essa situação causou um sentimento de total desfasamento a nível profissional, embora me tenha sentido sempre integrado a nível pessoal. Sem haver uma conversa oficial sobre o assunto, penso que terá sido uma decisão mais ou menos bilateral – da parte deles e da minha – a de remeter o meu trabalho quase exclusivamente para os temas do *Mundo*. Eram temas da política e/ou justiça internacionais e que, portanto, não necessitava de recorrer a contactos para fazer um bom trabalho. Bastava pesquisa, capacidade de estruturação de um texto para *newsmagazine* e algum conhecimento dos temas que seriam abordados.

Para o normal funcionamento do meu trabalho, mostrou-se, então, necessário aprender duas coisas essenciais: onde pesquisar e onde escrever.

Para a pesquisa, foi primordial encontrar rapidamente as melhores fontes na *internet*. Num esquema de autosuficiência, fui-me apercebendo de que a maioria dos temas que poderiam ser trabalhados na secção *Mundo* se encontravam, de facto, nos principais jornais, agências e *sites* agregadores de notícias mundiais. Criei, então, uma pasta de favoritos para aceder sempre que necessitasse de fazer essa pesquisa. Dessa pasta constavam jornais como o *The Guardian*, o *The Washington Post*, o *The Independent*, o *El Mundo*, o *El País* e o *The Telegraph*, revistas como a *Time* e a *The Economist*, canais de televisão como a *BBC News*, a *ABC News* e a *CNN*, *sites* como o *Huffington Post* ou as agências de notícias *Reuters* e *Associated Press*. Pelo facto de os temas da atualidade política internacional naquele período se prenderem muito com as eleições presidenciais francesas, necessitei também dos franceses *Le Figaro*, *AFP*, *Le Monde*, *Le Parisien* e *BFM TV*.

Por seu lado, a escrita teve várias ramificações: numa primeira fase a aprendizagem do formato de escrita de uma *newsmagazine* e, concretamente, da *Sábado*. O editor Fernando Esteves deu-me alguns conselhos, mostrando-me, inclusive, alguns exemplos de trabalhos seus e de formações que tinha dado. Quando me referisse a declarações de uma fonte, deveria utilizar sempre que possível verbos fortes, como o ‘revelar’, em vez do ‘dizer’. As horas escrever-se-iam sob o formato ‘5 horas’ ou ‘5 horas e 20 minutos’, e não ‘5h’ ou ‘5:00h’. Números até dez deveriam escrever-se por extenso, ao passo que a partir daí poder-se-ia escrever apenas o algarismo.

A segunda fase passava pela escrita em *Microsoft Word* da peça, utilizando de forma constante a contagem de caracteres para ir norteando o rumo do texto de acordo com o número máximo de caracteres das páginas que lhe estavam destinadas.

Finalmente, numa terceira fase foi necessário aprender a funcionar com o programa *Millenium*, através do qual as peças eram paginadas para o formato em que seriam impressas na revista. Deste modo, após um primeiro esboço provisório, o texto deveria ser revisto e alterado conforme a paginação.

Após esta compreensão do funcionamento da secção comecei a escrever vários textos. Sem contar com os inúmeros textos de treino, produzi, ao todo, três peças publicadas na revista, como se verifica na secção dos anexos¹⁰. No entanto, o meu destaque vai para a única peça que foi paginada e não foi publicada: “O último golpe da China”. Para esta peça tive de pesquisar em diversos *sites* internacionais, recorrendo aos meus conhecimentos de línguas quer ao nível do Inglês, quer do Francês e do Espanhol; tive de reunir uma série de pormenores sobre o caso que seria tratado; tive de fazer uma nítida distinção do que era importante para o que era dispensável, devido ao número bastante reduzido de caracteres que tinha disponíveis comparado com a grandeza e densidade da história que tinha para contar; e, finalmente, tive de encontrar uma maneira de explicar um crime complexo e com contornos de mais difícil perceção do modo mais claro e compreensível possível.

Nesta secção o contacto com o tema foi nulo. Encontrei uma forma de continuar a estudá-lo, através do contacto com elementos da secção *Sociedade*, onde o tema era mais trabalhado. Para além disso, continuou a revisão e análise de todos os números da *Sábado*, sempre no sentido de haver uma aproximação constante ao que era escrito sobre crianças na revista. Ainda assim, a produção própria relacionada com o tema nesta secção foi nula. Foi um *handicap* que teria de – e acabou por vir a – ser resolvido.

O tema que nos propomos a trabalhar neste relatório não se refere, no entanto, apenas a esta fase do estágio. Embora a apresentação da *newsmagazine*, da *Sábado* enquanto revista em papel e das secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança* sejam primordiais, é, ainda, necessário fazer referência à segunda fase do estágio. Neste que é o período em que o trabalho surgiu em maior quantidade, também a relação estagiário/tema a trabalhar foi mais visível.

1.2 O jornalismo online

¹⁰ Anexo 2: “Peças publicadas no formato impresso - REVISTA SÁBADO”

Por um lado, o jornalismo *online* reúne em si uma série de características propícias a uma maior quantidade de informação publicada. Por outro, a aposta da *Sábado* neste formato é ainda recente e munida de poucos recursos. Estas e outras razões, que serão explicitadas nos subcapítulos seguintes, fazem da experiência obtida no *online* da *Sábado* um momento peculiar. É nesse sentido que, mais uma vez, e como havia sido explicado no início do capítulo, começamos por apresentar o jornalismo *online* como um todo para depois particularizar, fazendo convergir as informações gerais para o caso desta *newsmagazine*.

1.2.1 Surgimento e evolução

Em 1997 surgia o primeiro curso de jornalismo *online*, na Universidade de Duquesne. Nesse ano os alunos que se graduavam em Reportagem e Edição *Online* ou em Jornalismo *Online* nesta instituição na Pensilvânia, Estados Unidos da América, aprendiam a “a dominar a navegação na web, escrever em hipertexto, usar scanners, produzir gráficos, recolher e armazenar dados de agências e redigir notícias” (Bastos, 2006: 104).

Um ano depois o jornalismo *online* tinha um ponto de viragem a nível mundial – não há muito por onde duvidar –, depois da revelação no blogue *Drudge Report* da relação entre o presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton, e Monica Lewinsky. A publicação, refere Hall (2001), “foi lida em Inglês por 55 milhões de leitores” e “rapidamente traduzida para outras línguas”, criando um evento mediático à escala global. Nesse momento, o utilizador apercebeu-se de que podia ter acesso às notícias quase em direto, sem ter de esperar que a história fosse reproduzida pelos *media* tradicionais – vulgo televisão, rádio e jornais – quando estes quisessem. Põe-se, então, uma questão: esta aceleração na difusão dos conteúdos mantém os padrões de qualidade com que a informação chega ao consumidor? Isto é, quando o leitor acede à informação, quase em simultâneo com o acontecimento, pode ter as mesmas garantias de fiabilidade que teria se essa informação tivesse tempo para ser tratada? O jornalista garante que os factos são todos comprovados, que explorou todas as fontes, que diminuiu a hipótese de erro ao mínimo possível?

Com o passar do tempo o consumidor apercebe-se de que as respostas às perguntas anteriores são negativas. “Ao eliminar os papéis de *gatekeeper* e, por sua vez, de *agenda-setter*, dos *media* tradicionais, a *web* não coloca necessariamente a informação de forma

directa nas mãos dos consumidores. A informação torna-se acessível para ser contestada por uma panóplia de agentes, inclusive por esses consumidores”¹¹ (Hall, 2001: 130).

Esta excitação com o agora traz para a discussão, precisamente, a necessidade da investigação neste tipo de jornalismo rápido. “A *web* passou a ser parte da economia dos novos *media*, em que não só actua como um elo de ligação na cadeia mas também acelera todo o processo e detona as histórias numa arena global”¹² (Hall, 2001: 131). Como parte de um negócio, este tipo de jornalismo vê-se encurralado num dilema moral: até que ponto é preciso investigar a história? Regressamos ao exemplo apontado no início do subcapítulo:

O fascínio dos consumidores pelas notícias do mundo com os eventos expostos pelo *Drudge* e mais tarde, mais formalmente (e também na *web*) pelo Starr Report, não devem ser confundidos com os assuntos cruciais acerca da tentativa de destituição do Presidente dos Estados Unidos. O espectáculo de sexo e abuso de poder retirou a atenção do processo político. Bob Woodard, um dos repórteres do *Washington Post* que trabalharam no escândalo do Watergate, vê os dois eventos como muito diferentes; o Watergate viu os *media* reportar e tentar compreender eventos históricos no mundo contingente, o Monica ou Zippergate, como ficou conhecido, foi largamente fabricado pelos *media* e outros interessados, incluindo *lobbyistas* políticos.¹³

(Hall, 2001: 131)

O autor revela a grande diferença entre os dois casos, que é também a linha que separa estes dois caminhos percorridos pelo jornalismo: é que no Watergate os jornalistas saíram da redação e foram falar com as pessoas que os procuradores estavam a ignorar ou desconheciam; no caso de Bill Clinton e Monica Lewinsky passa pelos advogados a dizerem aos repórteres em que acreditar e o que escrever (Hall, 2001: 131).

¹¹ No original “*In removing the role of gatekeeper, and hence agenda-setter, from the tradicional media, the web does not necessarily place it directly into the hands of its consumers. It becomes available to be contested by a variety of agents including those consumers.*”

¹² No original “*The web has become part of a new media economy in which it not only acts as a link in the chain but also accelerates the whole process and detonates those stories in a global arena.*”

¹³ No original “*The world’s news consumers’ fascination with the events putatively exposed by Drudge and later, more formally (and also on the web) by the Starr Report, should not be confused with the crucial issues around the attempted impeachment of the President of the United States. The spectacle of sex and abuse of power drew attention away from the political process. Bob Woodard, one of the Washington Post reporters who worked on the Watergate scandal, sees the two events as very different; the Watergate affair saw the media reporting and attempting to comprehend historical events in the contingent world, Monica-, or Zippergate as it came to be known, was largely fabricated by the media and its cohorts including political lobbyists.*”

1.2.2 O *online* em Portugal

Numa segunda análise, importa também perceber em que ponto estamos no jornalismo *online*, quando começou e como evoluiu este tipo de jornalismo em Portugal.

“No fim do século XX e à passagem para o século XXI, verificamos que o processo de identidade profissional do jornalista continua em mudança” (Guimarães e Fernandes, 2012). O crescimento do uso da *internet* trouxe desafios a esta profissão, que necessitou de moldar-se aos tempos modernos e evoluir, ao mesmo tempo que crescia o *online* em Portugal. Vera Moutinho, coordenadora da secção de multimédia do jornal *Público*, menciona num artigo de opinião publicado no *site* da Escola Superior de Comunicação Social que cresceu “ao mesmo tempo que crescia o *online* em Portugal. Da altura em que os *sites* se limitavam ao ‘*shovelware*’ ao acordar para uma realidade exclusivamente *online*, imediata e de actualização permanente e que trocou as voltas ao jornalismo e aos jornalistas” (Moutinho, 2013). E o *online* em Portugal cresceu devagar.

Foi preciso esperar pelo ano lectivo de 1999-2000 para ver nascer, numa universidade pública portuguesa, a primeira cadeira com o nome Ciberjornalismo, integrada no curso de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A primeira aula foi dada, em Fevereiro de 2000, por António Granado. Ainda neste ano, com o arranque da licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, os respectivos alunos passaram a ter, do primeiro ao quarto ano (o total de anos de duração do curso), na opção Jornalismo, uma vertente de jornalismo online nas cadeiras de Técnicas de Expressão Jornalística e Ateliers de Jornalismo.

(Bastos, 2006: 104)

Esta nova era do jornalismo chegava a Portugal, no entanto, com um misto entre a noção de que o digital começava a ter um impacto sonante no contexto mundial e o facto de que em Portugal ainda era uma ideia imberbe. Bastos (2006: 104) confirma-o, aliás, dando conta de que à data ninguém “parecia saber ao certo qual o rumo certo a seguir, mas todos pareciam ter a certeza inabalável de que o comboio da revolução digital do jornalismo tinha chegado e não podia, de forma alguma, ser perdido”.

Só no ano letivo de 2005/2006, na Universidade do Minho, surge pela primeira vez o ensino autónomo de jornalismo digital em Portugal (Bastos, 2006). E é, precisamente, neste

ano que Canavilhas (2006) faz uma identificação precisa dos quatro modelos e fases de evolução do jornalismo *online* até à data:

A primeira, *fac-simile*, passou pela digitalização, através de um PDF, dos conteúdos impressos e a sua reprodução simples no *online*.

A segunda, o modelo adaptado, junta um *layout* próprio e a integração de *links* nos textos aos mesmos conteúdos do papel.

A terceira, o modelo digital, teve por base um *layout* específico para o meio, com as notícias de última hora a fazer parte do modelo *online* como diferenciação do meio impresso.

Na quarta e atual fase de evolução, o modelo multimédia, as publicações passam a aproveitar as potencialidades da *web* ao máximo, integrando som, vídeo e animações.

Esta última é, na minha opinião, a fase mais desafiante. É a fase mais revolucionária perante aquilo que se pensava ser possível até então. É nesta fase que o jornalista tem de se redescobrir – já não é a utilização da *internet* a grande descoberta do milénio. É a necessidade de aprender a viver com ela e a utilizá-la para próprio benefício. E, ao mesmo tempo, não perder o sumo jornalístico pelo caminho. Ou seja, não se trata de inserir o vídeo e o som como apêndices de um texto escrito para a versão impressa do jornal. Trata-se de construir de raiz uma reportagem com cabeça, tronco e membros, incluindo uma pluralidade de elementos e de meios que a completam e que se completam.

À viragem do milénio, esta última fase começava a tomar os primeiros contornos e todos acreditavam que a *internet* era o futuro. De facto, hoje podemos comprovar que uma grande fatia da população portuguesa consome notícias através da *internet*. Para justificar esta premissa, utilizamos o estudo da ERC, realizado em 2015, sobre os *Públicos e Consumos de Media: o consumo de notícias e as plataformas digitais em Portugal e em mais dez países*.

De acordo com os resultados deste estudo, mais “de três em cada cinco inquiridos identificam os média sociais como um dos seus recursos noticiosos (66%)”¹⁴. Esta forma de consumo surge um ponto percentual à frente dos jornais impressos, que conquistam 65% das pessoas, o que posiciona as redes sociais como “a «segunda plataforma noticiosa» mais

¹⁴ Disponível em <http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWRpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjdG9fb2ZmbGluZS82OS4xLnBkZiI7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6MzU6ImVzdHVkby1wdWJsaWNvcy1ILWNvbnN1bW9zLWRILW1lZGhlJt9/estudo-publicos-e-consumos-de-media>. Consultado em 31 de agosto de 2017.

importante em termos gerais”¹⁵. A ultrapassá-las está apenas a televisão, que continua a ter a maior expressão em Portugal: “nove em cada dez inquiridos identificam os programas televisivos como um dos recursos que utilizou para consulta de notícias durante a semana que antecedeu a realização do questionário (93%)”¹⁶.

Para além disto, os *sites* ou aplicações de jornais surgem em quarto lugar nos hábitos de consumo de notícias dos portugueses: mais “de metade dos inquiridos utilizou também os sites ou as aplicações dos jornais como meios de acesso a notícias durante a semana anterior à data do questionário (54%)”¹⁷.

De facto, seria de esperar o grande entusiasmo que se fez sentir por jornalistas e responsáveis por empresas de *media* com o *online*. Se fizermos um pequeno exercício de memória, facilmente recuamos a 1999 e não podemos contar com a existência do Facebook ou qualquer outra rede social com um grau semelhante de abrangência. Por isso mesmo, aniquilamos os segundo e quarto lugares dos hábitos de consumo noticiosos em Portugal, restando apenas os *media* tradicionais. Por outro lado, em 2004 surge o Facebook, em 2005 o YouTube e em 2006 o Twitter. Cerca de uma década depois – à data do estudo da ERC – as três redes sociais são alguns dos principais meios para aceder a atualizações, análise ou aprofundamento de notícias. De entre o público que utiliza as redes sociais para este efeito, 90% fá-lo através do Facebook; em segundo lugar, o YouTube é o preferido de 36% das pessoas; e, finalmente, 7% dos utilizadores preferem o Twitter¹⁸.

Este papel destacado da *internet* no jornalismo viria, porém, a revelar-se uma desilusão ao nível económico.

A utopia da Internet como o novo *el dorado* não passa, para já, de uma ilusão. É isso que cerca de 400 trabalhadores – 210 da *Teleweb*, 26 do *Submarino*, 40 da *Imaterial*

¹⁵ Disponível em

<http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWRpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjdG9fb2ZmbGluZS82OS4xLnBkZiI7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6MzU6ImVzdHVkby1wdWJsaWNvcy1lLWNvbnN1bW9zLWRILW1lZGhIj9/estudo-publicos-e-consumos-de-media>. Consultado em 31 de agosto de 2017.

¹⁶ Disponível em

<http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWRpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjdG9fb2ZmbGluZS82OS4xLnBkZiI7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6MzU6ImVzdHVkby1wdWJsaWNvcy1lLWNvbnN1bW9zLWRILW1lZGhIj9/estudo-publicos-e-consumos-de-media>. Consultado em 31 de agosto de 2017.

¹⁷ Disponível em

<http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWRpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjdG9fb2ZmbGluZS82OS4xLnBkZiI7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6MzU6ImVzdHVkby1wdWJsaWNvcy1lLWNvbnN1bW9zLWRILW1lZGhIj9/estudo-publicos-e-consumos-de-media>. Consultado em 31 de agosto de 2017.

¹⁸ Disponível em

<http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWRpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjdG9fb2ZmbGluZS82OS4xLnBkZiI7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6MzU6ImVzdHVkby1wdWJsaWNvcy1lLWNvbnN1bW9zLWRILW1lZGhIj9/estudo-publicos-e-consumos-de-media>. Consultado em 31 de agosto de 2017.

TV, cerca de 30 na Impresa (*Sic.pt* e *Expresso on-line*), 20 do *Diário Digital* e cerca de 10 dos portais da Media Capital – estão a sentir na pele, após perderem os seus empregos. Nove meses depois da nova economia ter caído na realidade dos números negativos, nomeadamente nos Estados Unidos, começaram os estragos em Portugal. As quase quatro centenas de novos desempregados, dos mais promissores gestores até aos *webdesigners*, sem esquecer jornalistas e grafistas, são um número que diz apenas respeito àqueles casos, em Portugal, cujas expectativas ganharam relevo mediático. E são uma pequena amostra do que se passou nos Estados Unidos onde, desde Abril de 2000, foram para o desemprego mais de 75 mil funcionários deste tipo de empresas, as chamadas ‘dot.com’”.

(Vieira, 2011 *apud* Bastos, 2006: 106)

O primeiro passo foi perceber que o investimento neste formato de jornalismo era extraordinário. Por esse motivo, e com o surgimento da crise nos mercados, tornou-se imprescindível a procura por um modelo de negócio rentável para o jornalismo *online*. E, se numa primeira fase se pensou que as receitas advindas da publicidade suportariam as despesas, cedo se percebeu que tal não aconteceria (Canavilhas, 2005). Pôs-se, como alternativa à publicidade, a hipótese de pagamento pelo acesso aos conteúdos. Embora esta solução acarretasse um desafio – uma vez que a “experiência de outros sectores económicos indica que é difícil convencer os consumidores a pagarem um bem ou serviço, quando ele foi fornecido gratuitamente durante um longo período” (Canavilhas, 2005: 1394) –, era contornável. De acordo com o estudo *A Internet e a Imprensa em Portugal*, “a personalização da informação, o desejo de aceder a informação com suporte multimédia, a actualização permanente da informação e a possibilidade de trocar informações com os jornalistas” levariam os consumidores a paga pelos conteúdos (Canavilhas, 2005: 1394).

Porém, esta solução “implica que o jornalismo na web entre numa nova fase de desenvolvimento” (Canavilhas, 2005: 1394), na qual ainda não entrou.

As redações com recursos deficientes e pouco apostadoras na formação são o retrato da oferta de emprego na área do jornalismo *online* em Portugal, que contrasta com essa mesma formação que orienta o caminho do jornalista para a necessidade de “redigir notícias, produzir fotografia, áudio e vídeo, construir páginas *web*, transpor conteúdos impressos ou audiovisuais para a rede, acrescentar hiperligações, fornecer interfaces que permitam aos utilizadores o recurso a bases de dados diversas (...), etc” (Bastos, 2006: 106).

Em suma, as duas primeiras décadas de jornalismo *online* em Portugal ficam marcadas por uma “progressão lenta, porventura demasiado lenta, tanto da oferta em

formação superior, quanto da capacidade de resposta das empresas jornalísticas com *sites* noticiosos aos permanentes desafios deste novo ramo do jornalismo” (Bastos, 2006: 110).

1.2.3 O *online* da *Sábado*

Ao longo da minha estadia na *Sábado*, esta secção foi, seguramente, a que sofreu a maior revolução. O *online* da *Sábado* foi durante muito tempo apenas um compêndio de *teasers* das reportagens que saíam na revista da semana. Os pequenos textos, incompletos, remetiam para a compra física da revista a possibilidade de leitura completa. Até 2016, altura em que há uma reestruturação do *site* da *Sábado* e da equipa do *online*, com a entrada do editor Filipe Garcia, “a equipa do *online* eram 3 pessoas: a Leonor (Riso), a Patrícia (Cascão) e o Nuno (Paixão Louro). O *site* era uma coisa muito residual. As secções tinham de ajudar no *site*, todos os dias tinham de rodar – imagina – 10 notícias. E eram 3 pessoas a manter o *site*”¹⁹. Nesse ano, “há uma aposta no *online* que tem de ser feita (...). A explosão do *Observador* leva tudo atrás. A *Sábado* está muito atrás”²⁰. A partir desse momento, o objetivo passou a ser cimentar a marca *Sábado* também no formato *online*, fazendo crescer o *site* e fazendo uma aposta na quantidade de informação.

Tu para fazeres crescer um *site* tens que começar a alavancar *pageviews* e pessoas. É muito importante a quantidade de informação que tu metes. É muito importante seres o primeiro, segundo, mas essencialmente teres o *site* sempre a mexer. A grande diferença do *site* passou por aí, porque três pessoas não fazem milagres. Portanto, este primeiro objetivo foi tentar tornar a *Sábado* um *site* visível onde as pessoas fossem quando quisessem ver alguma informação.

Cátia Andrea Costa²¹

No entanto, mesmo depois de começar a apostar nesta vertente digital como fonte de informação noticiosa – uma tentativa de ser a “extensão da revista, que é uma *newsmagazine*, portanto tentar trabalhar as *hardnews* de uma maneira diferente, fora da caixa, ir pelo caminho menos óbvio”²² –, a *Sábado* destacava poucos recursos para a produção própria de conteúdo

¹⁹ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

²⁰ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

²¹ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

²² Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

informativo por esta secção. A grande maioria das peças eram retiradas de outras fontes – sempre devidamente identificadas –, fazendo uma rápida pesquisa para a eventual adição de outros pormenores e, portanto, seguindo a tendência do *online* em Portugal. A própria jornalista do *online* da *Sábado*, Cátia Andrea Costa, revelou-nos essa tendência na entrevista: “O trabalho *online* acaba por ser mais parecido nos órgãos, porque a última hora tem um peso muito grande. O trabalho ao minuto não nos permite ir tão longe quanto gostaríamos”, contou. A difusão da informação na *internet* é quase uniformizada por parte de todos os órgãos de comunicação social, que se copiam uns aos outros quer na busca das fontes quer na falta de confirmação das informações que recebem e reencaminham. Este é um problema que não é apenas da *Sábado*, mas da ditadura do ‘agora’ sob a qual se rege, atualmente, o jornalismo *online* português.

Ainda assim, a *Sábado online* não deixa de ser parte integrante de uma *newsmagazine* conceituada em Portugal. Por isso mesmo, os jornalistas consideram que não faz sentido desmarcarem-se da linha editorial que norteia a revista. Sendo um órgão de comunicação social que tenta competir com os restantes ao nível da quantidade e tenta fazer o melhor uso possível dos poucos recursos de que dispõe, o *online* da *Sábado* tem uma marca distintiva. Partindo da mesma notícia difundida por todos os órgãos “tentar ir pelo outro lado”²³. Cátia utiliza, aliás, uma metáfora para explicar a intenção do *online* da *Sábado*. Se a notícia fosse um ovo, a ideia da *Sábado online* é que o leitor possa ver o ovo todo ao invés de ver apenas a gema.

Foi, precisamente, neste clima de renovação que eu cheguei a esta secção. Após a entrada da nova direção, percebeu-se que havia novos desafios e novas metas para o *online* da *Sábado*, e era preciso mais jornalistas a trabalhar diária e constantemente para o *site*. Faltava só dar esse passo.

Nós já ganhámos visibilidade, já sustentámos. Precisamos de crescer, mas agora o crescimento já não vai só com o aumento de *pageviews* de notícias diretas, continuamos a ter que reagir ao segundo, ao minuto e agora precisamos de juntar a isso um trabalho maior nosso de jornalismo, que é aqui que entra a dificuldade: arranjar dentro de uma equipa de sete pessoas tempo para tudo, que não há. Gerir um *site* parece muito fácil, mas não é: a gestão da HP, a gestão da Última Hora, as redes sociais - que são fundamentais (tu se não tiveres um *site* visível nas redes sociais, dificilmente existes). Nós tínhamos muita urgência de quantidade...

²³ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

E esta urgência de quantidade, esta necessidade de produção constante é, indubitavelmente, enriquecedora para um estagiário. Quando ouvimos falar sobre a necessidade de habituação ao ambiente frenético de uma redação, é disto que estamos à espera. E foi a adaptação ao estado do jornalismo *online* em Portugal e mesmo do jornalismo no geral que motivou na Cofina a visão da *Sábado online* como uma oportunidade de negócio vantajosa e uma forma positiva de incrementar os resultados da revista. Por isso mesmo, quando, durante o período em que estagiei na *Sábado*, a publicação mudou de direção, ficou clara a forte aposta no *online* que iria ser posta em prática a partir daquele momento.

A redação fixa da secção era composta pelo editor Filipe Garcia, pelas jornalistas Cátia Andrea Costa, Leonor Riso, Susana Lúcio, Alexandre Malhado e Alexandra Pedro, e pelo editor multimédia Nuno Paixão Louro. A partir desse momento ganhou alguns reforços – entre os quais, eu.

A maioria dos jornalistas da secção, assim como das restantes, trabalhava numa ilha da redação, com as secretárias juntas, munidas de um computador por pessoa e uma televisão para todos – sempre ligada num canal de notícias ou no canal por cabo do mesmo grupo, a *CMTV*. Alguns dos jornalistas que eram anteriormente da secção do *GPS*, que na disposição espacial da redação trabalhavam na ilha ao lado da secção *online*, mantiveram os seus postos. No meu caso, que tinha iniciado o estágio nas secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança*, mantive também o meu posto, embora este fosse demasiado longe relativamente aos restantes membros da secção.

O retrato dos jornalistas *online* na *Sábado* espelha o contexto português, com as devidas diferenças temporais. Na *Sábado*, como em Portugal, o jornalista que trabalha neste formato mantém-se na mesma situação que Canavilhas descrevia em 2005, no seu estudo *Retrato dos jornalistas online em Portugal*.

A formação na empresa é a situação mais habitual entre os profissionais que trabalham no online, com 53,7% dos inquiridos a referir que teve este tipo de formação. Destes, 77,3% teve formação em actividade, contra apenas 22,7% que adquiriu competências nesta área em cursos fornecidos pela empresa. Os restantes inquiridos receberam formação específica no Ensino Superior (16,7%) ou o Cenjor (9,3%) como

²⁴ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

locais onde adquiriram competências no campo do digital. Há ainda 33,3% de jornalistas que dizem não ter recebido qualquer tipo de acção formativa.

(Canavilhas, 2005: 1398)

No mesmo documento, Canavilhas fazia uma caracterização dos principais programas informáticos utilizados pelos jornalistas deste formato.

“Inquiridos acerca dos programas informáticos que utilizam, os jornalistas referem os processadores de texto (96,3%), seguindo-se os programas de tratamento digital de fotografias (87%), as folhas de cálculo (31,5%), animação vectorial (16,6%), edição de som (14,8%), edição de HTML (12,9%), edição de vídeo (7,4%) e edição electrónica (5,6%). Por opção da empresa ou por falta de formação, os hipermédia ainda não são muito utilizados nas publicações portuguesas. Apenas 68,5% dos jornalistas utiliza o hipertexto nos seus artigos, embora 74,1% considere que se trata de um bom auxiliar na hora de construir a notícia” (Canavilhas, 2005: 1399)

Tal como apresentado, na *Sábado* o programa mais utilizado era o processador de texto, para escrever as notícias. Todas as notícias eram acompanhadas de uma fotografia ou fotogaleria, pelo que se seguiam os programas de tratamento digital. Por fim, ainda concluímos que os programas de edição de vídeo têm um peso um pouco maior na *Sábado* em 2017 do que em 2005 no retrato dos jornalistas *online* de Canavilhas, uma vez que eram utilizados frequentemente vídeos – tanto a partilha de vídeos virais como a ilustração de peças com vídeos que pudessem enriquecer a reportagem.

Os meus dias no *online* da *Sábado* começaram com a explicação de cada uma das funcionalidades do recém-modificado *Backoffice*. Este era o instrumento utilizado para escrever e publicar os textos no domínio *online* da *Sábado*, para que pudessem ficar disponíveis aos leitores. Este programa era de simples compreensão, embora tivesse alguns problemas tanto ao nível da praticidade e correto funcionamento de algumas funcionalidades como ao nível da quantidade de funcionalidades. Por este motivo, o jornalista da *Sábado online* tinha de se desdobrar, por vezes, para encontrar formas criativas de enriquecer o texto através das funcionalidades possíveis com o *Backoffice*. Era, porém, intuitivo quanto bastasse, o que facilitava na questão da rapidez de publicação das notícias. Quando saía uma notícia importante de última hora, em pouco tempo escrevíamos, introduzíamos a imagem ou fotogaleria que acompanhava – sempre – o texto, revíamos e tratávamos dos restantes pormenores para a publicação da peça.

Embora tenha sido introduzido na equipa sem uma apresentação oficial, ou uma explicação das minhas tarefas a partir daquele momento, sempre senti facilidade e abertura para qualquer esclarecimento.

Dias depois de iniciar o trabalho na secção *online*, houve uma reunião com toda a equipa e com o coordenador digital do grupo Cofina, Alfredo Leite. Na reunião foram apresentados os resultados do *site* da *Sábado* até então, os objetivos que deveriam ser atingidos no prazo de um ano e algumas formas de o conseguir. Para além disso, foram alinhavadas as tarefas e ajustados os postos de cada trabalhador da secção. Tinha de haver sempre um responsável pela gestão da Última Hora²⁵ – que trabalhava a partir da redação do *Correio da Manhã*, para ter acesso a uma série de equipamentos que possibilitavam uma receção mais rápida da informação –, da HP²⁶ e das redes sociais, tanto da *Sábado* como do *GPS* (que, embora sendo um suplemento da revista, tinha as suas próprias redes sociais e uma secção específica no *site*). Para além disso, foram definidas as regras para o texto dos *push*²⁷ que eram enviados, bem como a grelha de horários para o envio dessas e de outras notificações.

Em adição a esta reunião houve ainda, dias mais tarde, um pequeno *workshop* sobre técnicas de *SEO*, ou seja, um conjunto de dicas e maneiras dos jornalistas poderem também ajudar o *site* da *Sábado* a subir a sua posição no motor de busca. A título de exemplo, os formadores explicaram: “Se pesquisarmos ‘Operação Marquês’, no *Google*, não aparece qualquer notícia da *Sábado* na primeira página do motor de busca.” A ideia era modificar essa situação. A utilização de algumas palavras-chave ou a orientação do discurso para aquilo que o leitor procura eram algumas das técnicas.

No *online* da *Sábado*, os horários dividiam-se em três turnos: a abertura, das 7 às 15 horas; o intermédio, que começava às 9 ou 10 horas e terminava às 17 ou 18 horas, respetivamente; e o fecho, que começava às 15 e terminava às 23 horas. Pela falta da experiência necessária para os restantes horários, os estagiários faziam o turno intermédio – foi o meu caso, tendo entrado, ao longo da minha estadia no *online*, às 10 horas e saído às 18 horas. A única exceção foi o fim de semana de 13 e 14 de maio. Embora não fizesse fins de semana, tive a oportunidade de ajudar, em horário livre, nessas datas, pela importância dos

²⁵ Esta pessoa verificava constantemente, com a ajuda de um telemóvel que emitia alertas sempre que um jornal, revista, canal de televisão, de rádio ou agência de notícias publicasse uma notícia, a existência de acontecimentos de última hora

²⁶ Página inicial do *site*. Esta pessoa era responsável por definir a manchete e as posições de cada notícia na página principal do *site* da *Sábado*

²⁷ Alertas emitidos para os *smartphones* dos leitores que tivessem instalada a aplicação móvel da *Sábado*

três acontecimentos que nelas decorriam – visita do Papa a Fátima, gala final e possível vitória de Salvador Sobral na Eurovisão, e possível conquista do tetracampeonato de futebol pelo Sport Lisboa e Benfica.

Assim que chegava começava a pesquisar o que estava a acontecer. A pesquisa era feita através dos *sites* internacionais com os quais trabalhava nas secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança* – e que estão enumerados no subcapítulo anterior –, dos *sites* dos principais meios de comunicação portugueses – como o *Expresso*, o *Público*, o *Jornal de Notícias*, o *Diário de Notícias*, o *Observador*, o *Correio da Manhã*, a *TVI24*, a *TSF*, a *Renascença* ou o *Notícias ao Minuto* – e da agência de notícias *Lusa*. No caso das peças de desporto, pesquisava nos jornais desportivos – *A Bola*, *Record*, *O Jogo* – e noutras fontes como o *MaisFutebol*.

Por vezes pesquisava também *takes* da *Lusa* que tivessem um carácter importante para colmatar a necessidade constante de quantidade no *site* da *Sábado*. “Nesse aspeto – da quantidade de informação – quando tu comesças a tentar criar um *site*, é uma arma fundamental, porquê? Porque te permite, lá está, essa capacidade de ter o *site* sempre a mexer”, referiu Cátia Andrea Costa.

Depois de saber o que poderia ser feito, informava os restantes colegas e o editor através do grupo que tínhamos para comunicar no *Skype*, para que não houvesse várias pessoas a trabalhar o mesmo assunto. Depois de escrito o texto e anexadas as imagens ou fotogalerias, geralmente as minhas peças – por ser estagiário – eram guardadas na base, para serem corrigidas pelo editor antes de serem publicadas no *site*.

A regra era todas as peças terem uma fotogaleria. Esta foi uma das medidas postas em prática a partir da reunião inicial referida anteriormente. A exceção fazia-se apenas para os poucos textos em que não fizesse, de todo, sentido. Para isso era necessário recorrer, por várias vezes, a bancos de imagens. Os mais utilizados eram a *Getty Images* e o *Quay* – o banco da Cofina, de onde poderíamos retirar as imagens sem quaisquer problemas ao nível dos créditos, uma vez que eram posse do grupo. Para aceder ao *Quay*, só era possível através de um domínio próprio e com credenciais que me foram dadas para conseguir executar na plenitude as minhas funções.

Após esta revolução no *online* da *Sábado*, os resultados corresponderam às necessidades propostas pela administração. Se analisarmos o Netscope²⁸ dos meses de

²⁸ Auditoria mensal sobre o tráfego dos *sites* que desejam apresentar o seu tráfego ao mercado. Realizado pela Markttest em parceria com a Gemius, líder europeia na medição de audiências de Internet

fevereiro²⁹ e maio³⁰ de 2017, apercebemo-nos de que o *site* da *Sábado* teve uma subida considerável tanto ao nível das visitas totais como das *pageviews* totais. Se no primeiro parâmetro subiu do 29º para o 26º lugar, arrecadando em maio 2.410.951 visitas contra 1.549.243 em fevereiro, no segundo a escalada é maior ainda. A *Sábado online* passou de um 34º lugar, com 7.165.718 *pageviews*, em fevereiro, para um 25º lugar, com 11.456.988 *pageviews*, em maio. Por conseguinte, não só se aproximou da sua principal concorrente *Visão* ao nível das visitas totais (a publicação da Cofina manteve em maio o mesmo 20º lugar no *ranking*), como se afastou, no sentido positivo, desta quando falamos de *pageviews* (a *Visão* subiu apenas um lugar no *ranking*, mantendo-se 15 lugares abaixo da *Sábado*, em 42º com 5.080.532 *pageviews*).

Entre os dias 11 de abril e 22 de maio, datas da minha estadia na secção *online* da *Sábado*, foram publicadas por mim 115 peças no domínio <http://www.sabado.pt>. Já tinha publicado algumas peças no *site* enquanto me encontrava nas secções anteriores, pelo que, desde o dia 23 de fevereiro, data de início do estágio na *Sábado*, foram publicadas por mim 131 peças *online*. De entre essas, 7 têm crianças como participantes. E é, precisamente, no tema das crianças no jornalismo que este relatório se pretende focar. Por isso, o capítulo seguinte refere-se ao assunto de uma forma mais desenvolvida.

²⁹ Disponível em <http://net.marktest.pt/netscope/rankings-netscope/ranking-netscope-de-fevereiro-de-2017/>. Consultado em 31 de julho de 2017.

³⁰ Disponível em <http://net.marktest.pt/netscope/rankings-netscope/ranking-netscope-de-maio-de-2017/>. Consultado em 31 de julho de 2017.

2. As crianças no jornalismo

Tendo por base a experiência do estágio nas secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança* e *online* da revista *Sábado*, a proposta deste relatório é fazer uma comparação entre a presença, o tratamento e a preocupação com os direitos da criança em ambos os formatos da *newsmagazine*. Nesta fase do documento iremos tentar perceber em que estágio se encontra o jornalismo relativamente à noção de que direitos são esses e de como os preservar, apresentar uma breve caracterização das crianças no jornalismo em Portugal e ainda justificar a escolha do tema, passando pela definição das questões de partida, objeto e objetivo do estudo. O capítulo termina com a associação deste tema à experiência na instituição: é feita uma

descrição das atividades desenvolvidas durante o projeto, bem como a perceção das mesmas enquanto apoio para o desenvolvimento do tema.

2.1 Os direitos da criança

A criação da Convenção sobre os Direitos da Criança, da ONU, é o ponto de viragem na participação das crianças na esfera mediática, passando de uma espécie de obrigação moral de proteção, como indivíduos em desenvolvimento, para uma obrigação legal de respeito pelos reais direitos dos mesmos. Passam, a partir daqui, a poder exigir e reivindicar, ao invés de pedir ou implorar (Freeman, 2007 *apud* Marôpo, 2011).

Torna-se imperativo, neste sentido, romper com a cultura estabelecida de exclusão e, como tal, com a não perceção das crianças como cidadãos que são (Buckingham, 2009 e Mathews, 2003 *apud* Marôpo, 2011).

Marôpo (2011) dá números concretos sobre a representatividade das crianças – indicadas como todos os indivíduos com idades entre os 0 e os 18 anos – na população mundial: cerca de 37%. Apesar destes dados, esta grande fatia do bolo populacional é ainda negligenciada no que diz respeito à informação que lhes concerne. Relativamente à produção do discurso noticioso, há ainda contenção no tratamento da informação que inclui crianças, apesar do recente esforço para reverter essa tendência. “Até há bem pouco tempo, assim como as mulheres, as crianças (...) eram vistas como assunto individual das famílias e não apelavam a uma responsabilidade colectiva, não eram uma questão de debate público e político” (Marôpo, 2011: 649). Mais importante ainda, a conduta dos jornalistas ainda assenta, em parte, nesta premissa. A necessidade e obrigatoriedade da preservação da identidade da criança é senso comum e, no entanto, jornalistas e meios de comunicação continuam a violá-la, apoiando-se em leis dúbias e códigos deontológicos pouco restrictivos.

Este fenómeno adultocentrista é corroborado pelo facto de os grandes poderes sociais, políticos, económicos e mesmo mediáticos estarem totalmente nas mãos dos adultos “que governam e organizam as sociedades a partir dos seus pontos de vista e em função dos seus objectivos e interesses” (Moeller, 2002: 43 *apud* Marôpo, 2011: 649).

Perante esta conjuntura, a posição dos jornalistas divide-se em dois pontos. Começamos pelo primeiro, que tem que ver com a prioridade da privacidade das crianças.

Segundo estes, o fundamentalismo quanto a esta regra faz com que as histórias com crianças como protagonistas sejam negligenciadas ou mesmo perdidas.

Na entrevista para este documento, Cátia Andrea Costa, jornalista *online* da *Sábado*, explicou que, de facto, há situações em que é debatida a necessidade de identificar e dar voz às crianças para o conteúdo jornalístico não ser comprometido. Como nos garantiu, por vezes acontece a decisão final ser usar a voz da criança sem haver essa necessidade. Ainda assim, destacou que o essencial é que haja sempre autorização dos adultos responsáveis e que a regra é evitar essa exposição.

Vou dar-te um exemplo: eu não teria posto no *site* da *Sábado* o vídeo daquelas crianças testemunhas do acidente da Costa da Caparica³¹. Tens adultos a falar, tens muita gente que viu, não precisas de duas crianças que acabaram de ver duas pessoas morrer a falar. A ideia não foi essa acima de mim, entrou. Entrou porquê? As crianças estavam acompanhadas dos pais que permitiram a entrevista, isso é explícito e absolutamente notório no vídeo – é a mãe que diz "o meu filho viu" –, a criança está ótima de saúde, a criança não apresenta feridas, a criança não esteve envolvida no acidente, a criança só assistiu (...). Não falas com crianças sem ser com autorizações dos pais, não dás nomes, se puderes evitar dar caras, melhor. Sempre cuidado com a identificação.

Cátia Andrea Costa³²

Há, então, uma controvérsia. Até que ponto deve ir esta necessidade de proteger a privacidade dos menores? E, sendo assim, como se consegue, ao mesmo tempo, proteger as crianças e permitir-lhes uma maior participação na esfera mediática, que têm por direito?

O segundo ponto prende-se com as condições para ouvir as crianças. Segundo o estudo de Lúcia Marôpo (2011), os jornalistas sentem uma série de dificuldades e pressões, quando tentados a dar espaço às crianças: a sensação de tribunal, onde são criticados por exibir as crianças e ao mesmo tempo por não lhes dar voz; a dificuldade do acesso aos jovens por parte de instituições como as escolas ou a afirmação de que a opinião das crianças é menos importante por elas não terem voz ativa no panorama económico, político e social, não estarem cientes dos acontecimentos que as rodeiam e terem opiniões pouco fundamentadas.

(...) nós tentamos que a linha editorial seja ao máximo proteger os direitos. Não usares a não ser que seja absolutamente fundamental. É por aí que tu te guias. Não mostras,

³¹ “Veja os testemunhos de quem estava em São João da Caparica”. Disponível em http://www.sabado.pt/portugal/detalhe/veja-os-testemunhos-de-quem-estava-em-sao-joao-da-caparica?ref=DET_relacionadas_portugal. Consultado em 03 de setembro de 2017.

³² Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

e se mostras tens que cumprir as regras. Isto foi debatido noutras situações. Aquele pai de Pedrogão que falava com uma calma fantástica. Aquele pai está em condições psicológicas para falar? Não está! Apesar de toda aquela calma aparente, é uma pessoa em choque. E tu tens que analisar isso tanto num adulto como numa criança. Na criança, com a agravante de a criança não responder por ela.

Cátia Andrea Costa³³

Em suma, as crianças são mais ouvidas e mais representadas do que eram outrora, mas os seus direitos são ainda pouco respeitados. É notória, também, a falta de representatividade como fontes de informação, quando as questões tratadas lhes dizem respeito (Marôpo, 2011).

2.2 Criança como participante de uma notícia - uma breve caracterização do contexto português

O Projeto Crianças e Jovens em Notícia – que “incidiu sobre as peças sobre crianças e jovens (0-18 anos) publicadas em 2005 em quatro diários (Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias e Correio da Manhã)” (Ponte, 2010: 69) – ajuda a perceber qual foi, nas últimas décadas, a evolução em Portugal da notícia com a criança como interveniente.

A base deste projeto é uma pesquisa feita de cinco em cinco anos, entre 1970 e 2000, sobre as notícias cujo tema passava pelas crianças, no *Diário de Notícias* e, em 2000, no *Público*.

O projeto retrata, sucintamente, a presença das crianças na notícia ao longo dos anos: a diferença entre 1970, ainda sob censura ditatorial, cujas notícias davam conta essencialmente dos acidentes que vitimavam crianças; 1975, com o surgimento de creches; e a partir dos anos 1980, em que as notícias não só aumentaram significativamente em quantidade, como as temáticas se alteraram ligeiramente. Como explica Ponte (2010), apesar dos acidentes e abandonos continuarem a ser noticiados, surgem designações como a de «criança em risco», e outras situações, novas doenças, novos produtos e novos consumos.

³³ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

Nos anos 90, aquando da criação da Convenção sobre os Direitos da Criança, as crianças viram as suas temáticas e problemáticas ganhar outro relevo noticioso, e surgiram “movimentos sociais de defesa dos direitos da criança” (Ponte, 2010: 52).

Já entre 2000 e 2005, as notícias destes anos passam pelos temas da educação e da criança-aluno. Isto deve-se ao facto de, nos últimos anos, a escolha de ter filhos ser mais planificada, de acordo com a dimensão económica, com preocupações no âmbito da escolha da escola e modelo educativo das crianças (Ponte, 2010), às quais se juntam a “consagração do acesso e sucesso educativos e integração social, ideais da modernidade (...), preocupações de distinção e prestígio, na construção activa de uma «nova modernidade educativa, mais próxima do discurso da individualização»” (Almeida e Vieira, 2006: 67 *apud* Ponte, 2010: 53). Perspetivas como esta exigem uma maior atenção e vigilância parental, o que, por sua vez, se traduz na liderança de temas como a pediatria e a psicologia (Ponte, 2010).

Há, no entanto, uma problemática que se coloca neste caso relativamente à posição dos *media*: por um lado, são uma das principais fontes de informação e têm o poder de denunciar, por exemplo, casos de abuso sexual e de violência entre crianças ou para com crianças. Por esse motivo, contribuem para a segurança dos pais. Por outro lado, o facto de essas notícias serem desenvolvidas – cuja responsabilidade é dos próprios *media* – cria à volta dos mesmos temas um destaque que assusta, também, os pais.

Nos *media*, a criança não tem um papel individual. O jornalista recorre, pelo contrário, a uma técnica facilitadora que passa pela visão da criança num contexto universal, uniformizando as suas realidades. Este conceito, apoiado pela globalização, aprova uma imagem da criança homogeneizada que acaba por não corresponder à realidade de todas as crianças e desvaloriza classes sociais, culturas ou etnias.

Neste seguimento, criam-se estereótipos sobre algumas crianças: as notícias enfatizam uma vertente das suas ações que passa, usualmente, pela construção de um papel de herói ou de vítima por parte do sujeito, como veremos mais à frente. Desta maneira formam-se imagens que podem não corresponder à realidade das situações.

Em relação à identidade das crianças nas notícias, Ponte (2010) refere que em 2005 as crianças continuam a ser referidas vagamente, sem grandes marcas de identidade, principalmente ao nível da Educação (80% das peças não exibem a identidade, género, idade ou etnia). Por outro lado, os Insólitos e *Fait-Divers* são os temas que mais apresentam estas características, a par do Risco Social, por diferenciarem as crianças protagonistas das restantes e, nesse sentido, identificá-las. Cátia Andrea Costa confirma, de acordo com o caso da *Sábado*:

explica-nos que “(...) as notícias de crianças são sempre notícias que transtornam. Ou porque são crianças que são vítimas pequenas (...), a não ser que sejam aqueles vídeos virais giros, ou então estás a falar daquelas crianças (...) acusadas, por exemplo, de matar um miúdo.” Por esse motivo, concorda com a identificação das crianças e com a participação ativa por parte das mesmas nas notícias, quando estas têm um papel preponderante na história. A título de exemplo, explica-nos:

Os refugiados – aquelas crianças viram coisas que não nos passa pela cabeça. Aquelas crianças, com todos os cuidados e sem passares a linha que perturba as crianças, devem ser ouvidas. São miúdos que sobreviveram a cinco anos de guerra, nunca viram nada, não sabem o que é não viver em guerra... percebes? E porque é que tu precisas de as ouvir? Precisas de alertar as consciências, faz parte do nosso trabalho dizer: "Atenção, isto é a vida destas crianças!"

Cátia Andrea Costa

Ainda no campo exemplificativo, refere as notícias da secção do Social para explicar a necessidade do jornalista de fazer uso da sua própria sensibilidade. Desta vez, ilustra o caso com as filhas da Carolina Patrocínio. “Eu evito ao máximo pôr as fotografias das miúdas. Eu falei dela porque a Carolina Patrocínio expõe as filhas nas redes sociais. Mas eu, se puder não por essa fotografia a abrir, não ponho. Tens que jogar com esta sensibilidade. Ver o que é que as pessoas permitem que tu mostres ou não (...)”³⁴.

2.3 Questões de partida - Objeto e objetivo de estudo

Neste trabalho, propomo-nos analisar o modo como a revista *Sábado* e a sua versão *online* produzem informação sobre crianças. Através do estágio na revista – tanto na versão em papel como no *online* – que decorreu entre os meses de fevereiro e maio de 2017, bem como da análise de dados conseguidos no mesmo, a intenção é ter uma noção real da preocupação com os direitos infantis nesta revista e fazer uma comparação entre essa preocupação no papel e no *online*.

Partimos da Convenção sobre os Direitos da Criança, na qual o Artigo 16º refere que:

³⁴ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

1 Nenhuma criança pode ser sujeita a intromissões arbitrárias ou ilegais na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou correspondência, nem a ofensas legais à sua honra e reputação.

2 A criança tem direito à protecção da lei contra tais intromissões ou ofensas.

Para além disso, encontra-se no Artigo 17º o dever dos Estados Partes de:

a) Encorajar os órgãos de comunicação social a difundir informação e documentos que revistam utilidade social e cultural para a criança (...);

b) Encorajar a cooperação internacional tendente a produzir, trocar e difundir informação e documentos dessa natureza, provenientes de diferentes fontes culturais, nacionais e internacionais;

Cabe ainda ao Estado promover através de medidas próprias o bem-estar da criança e protegê-la contra materiais prejudiciais³⁵.

De acordo com o Código Deontológico da profissão, o “jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes (...). As opiniões devem ser sempre atribuídas.” No entanto:

7. (...) O jornalista não deve identificar, directa ou indirectamente, as vítimas de crimes sexuais e os delinquentes menores de idade, assim como deve proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor.

(...)

9. O jornalista deve respeitar a privacidade dos cidadãos excepto quando estiver em causa o interesse público ou a conduta do indivíduo contradiga, manifestamente, valores e princípios que publicamente defende. O jornalista obriga-se, antes de recolher declarações e imagens, a atender às condições de serenidade, liberdade e responsabilidade das pessoas envolvidas.³⁶

Tendo por base estas premissas, põem-se algumas questões. Até que ponto se verifica a preocupação da revista *Sábado* com o papel delicado que têm as crianças no jornalismo? Pelas diferenças que há a níveis como a periodicidade e tipo de jornalismo entre as *newsmagazines* e o *online*, a preocupação é maior num formato do que no outro?

³⁵ Convenção para os Direitos da Criança. Disponível em https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf. Consultado em 22 de junho de 2017.

³⁶ Código Deontológico do Jornalista – Sindicato dos Jornalistas. Disponível em <http://www.jornalistas.eu/?n=24>. Consultado em 22 de junho de 2017.

O principal objetivo é perceber que preocupações são essas e qual o peso que têm na formação de um conteúdo jornalístico, em ambos os formatos.

Há, no senso comum, a noção de que a criança não deverá aparecer de determinada forma nos planos televisivos para não comprometer a sua privacidade, de que é necessário, por vezes, alterar os nomes para o mesmo efeito, entre outras manobras para respeitar os direitos da criança. Mas até que ponto o jornalista sabe que direitos são esses e o que tem de fazer para os preservar? Até que ponto o jornalista faz questão de os preservar, correndo o risco de perder a oportunidade de dar a notícia, ou de ser o primeiro a dá-la? São questões que nos propomos analisar, de modo a tentar convergi-las para uma conclusão sobre que espaço é dado a essa preocupação pelo papel da criança no jornalismo praticado pelos formatos em papel e *online* da *Sábado*.

O plano de estudo passa, essencialmente, por analisar as notícias publicadas pela revista e uma amostra das notícias publicadas no *site* ao longo do período de estágio e perceber, através de análise documental, de conteúdo e observação participante, de facto, que importância é dada ao assunto.

Para além disso, importa analisar o meu percurso na *Sábado* para tirar também conclusões acerca da mensagem que é ou não passada tanto aos estagiários como a qualquer pessoa que comece a trabalhar como jornalista naquela *newsmagazine* – tanto ao nível do *online* como do papel.

As figuras seguintes representam três notícias da minha autoria, enquanto estagiei na secção *online* da *Sábado*, com crianças como participantes:



Homicídio, o site que revela como vota cada deputado



Encontrado corpo de piloto que caiu de aeronave em voo

EUA

Casal de adolescentes mata brutalmente avós da rapariga

10.04.2017 15:40 | por Tomás Garcez com F.G. 32

Cassandra Bjorge - 17 anos - e Johnny Ryder - 19 - tentaram depois suicidar-se, mas foram encontrados a tempo pela polícia



ÚLTIMAS

PUB



Autarca quer saber onde está dinheiro das contas solidárias
16:41



Italiano procurado desde 1995 detido no Uruguai
16:18



Relatório final da Operação Marquês ultrapassa as 15 mil páginas
16:05



Sobrevivente de ataque com ácido partilha imagem inspiradora
16:01

Encontrado corpo de piloto

Um casal de 63 anos foi morto pela neta e pelo namorado da jovem, no estado americano da Georgia, este fim de semana. Cassandra Bjorge, de 17 anos, e Johnny Ryder, de 19, foram encontrados no apartamento das vítimas, sem sentidos, depois de tentarem suicidar-se.

O alerta foi dado por familiares de Randall e Wendy Bjorge, que vivem fora do estado e "não tinham notícias deles há cerca de uma semana", explicou David Smith, do Departamento da Polícia de Gwinnett County. A polícia já tinha sondado o local e tentado estabelecer contacto com as vítimas duas vezes durante a semana.

No domingo, receberam uma denúncia da irmã de Johnny Ryder que o acusava de lhe bater com um taco de basebol. Foi nesse momento que a polícia decidiu voltar ao apartamento e entrar.

Figura 2 (parte 1) – “Casal de adolescentes mata brutalmente avós da rapariga”

Encontraram uma das vítimas no corredor e a outra no quarto. De acordo com um agente, as vítimas parecem ter sido espancadas até à morte, embora ainda não estejam determinadas a hora e a razão exacta dos óbitos.

À chegada das Forças Especiais da S.W.A.T, os dois jovens tentaram suicidar-se com uma faca - foram encontrados com feridas profundas e transportados para o hospital. Já foram submetidos a cirurgia e espera-se que recuperem totalmente. Ainda não foram acusados.

Os avós de Cassandra tinham ganho a sua custódia em 2016, não se sabendo do paradeiro dos pais até à data, diz o *Daily Mail*. A jovem tinha desaparecido várias vezes antes do homicídio. A última vez aconteceu há poucos dias. No dia 1 de Abril, Wendy Bjorge pediu ajuda para encontrar a neta no Facebook:



Publicou 5 dias depois o reaparecimento da jovem. Foi a última vez que deu sinais de vida.

Figura 2 (parte 2) – “Casal de adolescentes mata brutalmente avós da rapariga”

JUSTIÇA

Filho de Bárbara Guimarães e Carrilho ouvido em tribunal

09.05.2017 11.06 | por Tomás Garcez com F.G. < 0

Dinis Maria, 13 anos, vai depor na próxima segunda-feira no julgamento em que o pai é acusado de violência doméstica



EUA consideram que Coreia do Norte "está a pedir guerra"

15:43

SABER MAIS

TEMAS

ADICIONAR ALERTAS

Bárbara Guimarães e Carrilho

juízo

tribunal

Bárbara Guimarães filhos



Na manhã da próxima segunda-feira, 15 de Maio, Dinis Maria vai ser ouvido em tribunal, para testemunhar no julgamento em que o pai, Manuel Maria Carrilho, é acusado de violência doméstica.

Dinis tem 13 anos e a audiência vai decorrer à porta fechada. Os pais não vão estar presentes; apenas a juíza, a procuradora do Ministério Público e os advogados de ambas as partes.

RELACIONADO



Carrilho absolvido de agressão à irmã de Bárbara Guimarães



Maioria dos agressores mantém contacto com vítimas



Bárbara Guimarães diz que Carrilho a ameaçou com faca

O filho de Bárbara Guimarães e Carrilho vive com o pai. A mãe pode vê-lo de 15 em 15 dias e partilhar uma refeição com ele a meio da semana. Carlota, de seis anos, a outra filha do casal, vive com a mãe.

A última sessão do julgamento aconteceu esta segunda-feira, 8 de Maio, e estava prevista para se prolongar por todo o dia. A sessão da tarde, no entanto, não se realizou por faltarem as testemunhas notificadas. Foi ouvida apenas a agente de Bárbara Guimarães, Inês Mendes da Silva.

Carrilho não comentou, à saída do tribunal, a decisão sobre o depoimento do filho.

Figura 3 – “Filho de Bárbara Guimarães e Carrilho ouvido em tribunal”

AVEIRO

Novo ataque de cão a criança em Ílhavo

26.04.2017 17:45 | por Tomás Garcez com F.G. < 158

O menino, que ficou com ferimentos na cara, tem três anos



Uma criança de três anos foi atacada por um cão, esta quarta-feira, em Gafanha da Encarnação, Ílhavo. Segundo o **CM**, que avançou a notícia, Cão de Fila de São Miguel é a raça do animal que feriu o menino na face, por volta da hora de almoço.

Terá sido levado para o canil local. O dono é ainda desconhecido pelas autoridades.

A notícia surge depois de uma outra criança, de nove anos, ter sido **atacada** por um **rottweiler**, esta terça-feira, em Arouca.

PUB

ÚLTIMAS



Autarca quer saber onde está dinheiro das contas solidárias
16:41



Italiano procurado desde 1995 detido no Uruguai
16:18



Relatório final da Operação Marquês ultrapassa as 15 mil páginas
16:05



Sobrevivente de ataque com ácido partilha imagem inspiradora
16:01



Encontrado corpo de piloto que caiu de aeronave | segunda-feira, 4 de se

Figura 4 – “Novo ataque de cão a criança em Ílhavo”

A equipa do *online* da *Sábado* é mais exposta e mais suscetível a erros devido ao *timing* deste formato, que implica a resposta ao minuto relativamente aos acontecimentos. Como não houve uma explicação das regras sob as quais se regia a revista, quando integrei a equipa decidi agir segundo o Código Deontológico do Jornalista e consoante a aprendizagem que fui acumulando ao longo dos anos de estudo e das restantes experiências que tive em redações, também ao nível de estágios curriculares. Produzi várias notícias, ao longo dos três meses de estágio, que incluíam crianças. Foi deste modo que tive a sensação de que na *Sábado* importava bastante a sensibilidade do jornalista na hora de escolher a forma como abordava os temas das crianças e a sua exposição, tanto ao nível da identificação como da voz. Por isso, mencionei essa sensação na entrevista que tive com Cátia Andrea Costa sobre o funcionamento do *online* da *Sábado* e a sua forma de tratar estes assuntos. “É a tua sensibilidade e de quem trabalha contigo, porque a sensibilidade também é passada. Mesmo ao segundo, tu tens que ter essa capacidade de pensar para ti: «Não posso fazer, não é sério». Tens de perceber onde é que acaba o jornalismo e onde é que começa o voyeurismo”,

explicou. De seguida, quis saber se partia, então, de uma questão pessoal – de uma necessidade do jornalista ter esse tipo de sensibilidade – este cuidado com a privacidade das crianças. A resposta foi ao encontro daquilo que eu esperava e que tive a oportunidade de comprovar: sim e não. “Não é uma questão apenas pessoal. Parte muito da questão pessoal – se tu estiveres sozinho dá jeito que penses nisso. Mas há uma linha editorial (...)”³⁷.

Percebo, depois desta entrevista, que acabei por ter essa sensibilidade durante o meu estágio. No entanto, não foi algo premeditado. Não me foi explicado que teria de ter essa sensibilidade.

Vejam o exemplo: na notícia representada na Figura 2, o conteúdo noticioso é uma tragédia, e há uma necessidade de se saber quem foram os jovens que mataram brutalmente a avó da rapariga, importa saber os seus nomes, idades e estado psicológico – importa saber as circunstâncias em que ocorreu o crime. No caso, é necessário algum tipo de identificação. Porém, de acordo com essa sensibilidade necessária, decidi não colocar como ilustração uma imagem da face dos jovens. Sendo uma notícia relativa aos Estados Unidos da América, percebi que não representava qualquer tipo de acrescento à notícia colocar a cara da rapariga menor e do seu namorado. O público-alvo da *Sábado* não precisaria dessa informação para perceber a gravidade da situação. Por isso, optei por ilustrar com uma foto do carro da polícia à frente da habitação onde o crime ocorreu – os leitores tiveram acesso a todas as informações e perceberam, durante a leitura, que se tratava de um crime que não tinha ocorrido em Portugal e, portanto, à partida ninguém próximo dos leitores teria sido afetado.

No caso da Figura 3, a figura central era, novamente, a criança. No entanto, aqui o problema era outro. Até onde pode ir a exposição de uma criança que seja filha de uma figura pública?

(...) eu acho que o problema da identificação das crianças é uma coisa que assola muito mais o jornalismo chamado jornalismo social. Os filhos dos famosos... o que é que tu fazes? E eu acho que nos esquecemos muito disso. As redes sociais fazem com que tu esqueças... como os pais expõem nas redes sociais, tu sentes que "se eles expõem ali, por que é que estão na praia e eu não posso tirar?". Mas eu quero lá saber se a Cláudia Vieira vai à praia com a filha? Pá, até posso querer saber do biquini da Cláudia Vieira, mas não quero saber do biquini da filha... é uma criança. Isto é muito do bom senso. E, nesta altura, o jornalismo precisava de muito bom senso, porque o clique decide tudo. E é aí que tu jogas com o "A cara do menino vale a pena ou só o título - dizeres que morreu uma criança de 8 anos ou de 3 anos - é que deve fazer-te ir ler a notícia?".

³⁷ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

No exemplo da Figura 3, Bárbara Guimarães e Manuel Maria Carrilho, figuras públicas, não expõem o filho, embora seja sabido o nome e idade da criança. Para a notícia, importava saber quem era e que idade tinha a criança que ia depor em tribunal. Interessava, mais uma vez, saber em que circunstâncias uma criança era chamada a depor. Embora o caso mediático envolva, em primeiro lugar, os pais, o filho do ex-casal também está inserido e não só faz parte do conteúdo noticioso como, neste caso, é a figura principal da notícia. Apesar disso, e uma vez que é, também, um caso delicado para a criança, optei – mais uma vez – por não colocar nenhuma fotografia do menino. A fotogaleria incluiu várias fotografias dos pais e o corpo da notícia, bem como o próprio título, deixavam explícito que quem ia ser ouvido em tribunal era a criança. No entanto, as pessoas não querem saber quem é aquela criança, mas apenas que é filho de Bárbara Guimarães e Manuel Maria Carrilho.

Finalmente, no exemplo da Figura 4, estamos perante uma conjuntura de vários ataques de cães a crianças num curto espaço temporal. O primeiro caso foi bastante noticiado, desde a criança ao dono do cão, às acusações de que foi alvo e à sentença. Nesta notícia, o importante era apenas dar a conhecer que acontecera mais um ataque. Havia mais uma criança ferida, no entanto não era primordial saber quem era aquela criança. Por isso mesmo, decidi que a imagem seria de um *rotweiler* – raça do cão que tinha atacado esta criança – e que não haveria qualquer tipo de identificação da criança. Era apenas uma criança de três anos e o ataque tinha ocorrido em Ílhavo, Aveiro. “É este jogo de tentares também respeitar as pessoas sobre quem estás a escrever. Porque é fundamental que as respeites, se não as respeitares o teu trabalho também não está a ser propriamente bem feito”, referiu Cátia Andrea Costa, sobre um caso parecido relativo a uma notícia da sua autoria.

Importa referir que as notícias da minha autoria passavam sempre por uma revisão do editor antes de serem publicadas, embora os exemplos que dei se refiram a situações sob as quais tenho a consciência de que não houve alterações àquilo que foi feito por mim.

2.4 Atividades desenvolvidas

³⁸ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

O estágio na *Sábado* começou no dia 23 de fevereiro de 2017. Por volta das 11 horas da manhã, o primeiro contacto com a empresa fez-se através da Ângela Anselmo, responsável pelo departamento de Recursos Humanos da Cofina, com o intuito de ultimar os pormenores necessários para dar início à viagem pela revista. Após esta receção, seguiu-se uma reunião com o Fernando Esteves³⁹, editor das secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança*, e com o Nuno Tiago Pinto, subeditor das mesmas secções. A reunião incidiu sobre o meu *background* profissional e pessoal, objetivos e ambições para o estágio, horários de trabalho para o tempo em que estagiasse naquelas secções e explicação de todo o funcionamento da redação.

Foi, precisamente, nessa reunião que percebi o ambiente descontraído e de confiança mútua sob o qual se regia aquela secção da revista. Começou, imediatamente, pelo horário de trabalho: “Não te vamos dar um horário rígido das 9 às 18 horas, com uma hora de almoço. Na nossa secção estamos habituados a trabalhar de outra maneira. Como é óbvio, espera-se que passes tempo aqui; e só passando tempo aqui é que poderás aprender e chegar ao final do estágio com sucesso; isto quer dizer que não me importarei se um dia precisares de sair a meio da tarde, da mesma maneira que espero poder contar contigo quando precisar de ti até à noite”, disse-me Fernando Esteves, durante a conversa. Pouco habituado a ter toda esta liberdade, tentei fixar um horário para mim mesmo, que fui aprimorando consoante as horas a que os colegas de secção entravam e saíam. Estipulei, então, que entraria sempre entre as 10 e as 11 horas, e saíria, salvo raras exceções, entre as 18 e as 19 horas.

Posto isto, era tempo de pôr mãos à obra. Ficou delineado que os primeiros dois dias e, portanto, os últimos da semana – o meu estágio começou numa quinta-feira e as folgas eram fixas ao fim de semana –, seriam de adaptação à equipa e integração no esquema da revista, quer ao nível textual, quer ao nível da forma de trabalho. Assim, fui apresentado a toda a equipa e, durante esses primeiros dias, a minha tarefa era a leitura das últimas edições da *Sábado*, na tentativa de perceber com alguma consistência o que era a revista, quais as secções, como se distribuía a minha secção ao longo da revista, os temas que eram abordados com mais frequência e os temas que estavam em voga no momento. Para além disso, passava também revista aos jornais do dia, para uma noção mais nítida da importância de cada tema na semana que corria.

Dia 27 de fevereiro, segunda-feira, foi-me pedida a primeira tarefa ao nível da produção de conteúdos. O editor Fernando Esteves requisitou-me um artigo de 4500

³⁹ Fernando Esteves deixou, no decorrer do estágio, a empresa, resignando às funções de editor das secções *Portugal*, *Mundo* e *Segurança*

caracteres sobre um tema internacional – relacionado, portanto, com a secção *Mundo*. A ideia era partir de um artigo do jornal britânico *The Guardian* sobre aquela que era considerada a ‘prisão dos horrores’ em Hammam Al-Alil, pertencente ao Estado Islâmico, e, através dessa bengala, descrever os principais métodos de tortura do grupo terrorista. Esta tarefa, exclusivamente para treino, teria de estar terminada dois dias depois. Após a finalização e correção com o editor, a nova tarefa era reescrever o texto de acordo com as correções feitas – para o dia seguinte. Finalmente, depois de enviar a versão final para o editor, o comentário foi positivo relativamente às alterações.

A segunda tarefa de treino prendeu-se com uma caracterização, em 6 mil caracteres, da campanha para as presidenciais francesas, baseada nos escândalos dos principais candidatos: Benoît Hamon, Marine Le Pen, François Fillon e Emmanuel Macron.

A terceira tarefa de treino foi o traçar de um perfil de Florian Philippot, conselheiro de Marine Le Pen, em 6 mil caracteres. A correção foi feita pela subeditora Maria Henrique Espada, que ia fazer uma versão oficial da sua autoria para publicar na revista da semana seguinte. No dia seguinte, recebi as correções das segunda e terceira tarefas, ambas com comentários positivos e dicas para melhorar.

Já com alguns dias de estágio decorridos, chegou o primeiro grande obstáculo. Para testar a minha capacidade de síntese, o subeditor Nuno Tiago Pinto pediu-me para elaborar um texto de 600 caracteres para cada uma das dez principais notícias do dia. Foram apontadas várias falhas ao exercício, tanto ao nível da capacidade de síntese, como ao nível da escolha do que é importante ou não, e ainda à escolha de quais eram, de facto, as dez principais notícias do dia. Por isso mesmo, nos dias seguintes a tarefa manteve-se a mesma, até melhorar.

Dia 20 de março, quase um mês depois do início do estágio, fazia a minha primeira publicação para a revista. Contactei Francisco Veloso⁴⁰ e entrevistei-o para a secção ‘Como eu cheguei aqui’, uma página que dava conta das reações do entrevistado aos seus principais dados biográficos. Esta entrevista foi publicada na edição nº673 da *Sábado*, nas bancas entre os dias 23 e 29 de março de 2017.

De seguida, foi-me requisitada a execução da minha primeira peça para a revista, para a secção *Mundo*. Teria de contar a história de um crime ocorrido na China, que culminou na morte do britânico Neil Heywood, alegadamente assassinado por uma mulher poderosa no

⁴⁰ Ex-diretor da Católica Lisbon School of Business and Economics, dirige desde agosto de 2017 a Imperial College Business School, em Londres

país, Gu Kailai. O trabalho foi terminado, paginado e titulado como “O último golpe da China”. No entanto, acabaria por não sair na revista⁴¹, por se sobreporem temas mais importantes na secção *Mundo*. Sendo assim, ficou como *back-up* para uma semana em que não acontecesse nada de importante a nível internacional.

Os dias seguintes foram de estagnação. O trabalho escasseou e, entretanto, houve uma espécie de revolução na *Sábado*. O diretor Rui Hortelão demitiu-se, vários jornalistas abandonaram a revista e houve várias mudanças na equipa. O clima era de instabilidade e isso notava-se. Tendo isso em conta, acabaram por se fechar um pouco e remeter a minha ação para a procura de temas para serem trabalhados. Para além dessa procura, passei os restantes dias a ler a revista e os jornais do dia, para estar a par da informação, e comecei a escrever algumas notícias – apenas das áreas de política e internacional – para o *online* da *Sábado*.

No dia 10 de abril, o recém-empossado diretor da *Sábado*, Eduardo Dâmaso, chamou-me ao seu gabinete e disse que queria que eu me transferisse para a equipa do *online*. Sabendo que eu estava a ter pouco trabalho na antiga secção e que era uma secção em que seria difícil de me impôr num estágio curricular, pediu-me para fazer parte da equipa do *online* pois seria uma das grandes apostas da *Sábado* nos tempos seguintes. Acedi ao pedido, e a partir do dia 11 de abril passei a integrar a equipa do *online*.

A partir desse momento, foram publicadas, com a assinatura “Tomás Garcez com F.G.”, 115 peças no *site* da *Sábado*, até ao dia 22 de abril, data em que o estágio curricular terminou. Entre as mesmas, encontram-se peças de atualidade política (“Vitória do sim: e agora?”, dia 17 de abril; “Macron ganha vantagem”, dia 20 de abril; ou “Joana Mortágua candidata do BE a Almada”, dia 28 de abril, são exemplos), de saúde (“As seis respostas que procura sobre o sarampo”, dia 18 de abril, por exemplo), de problemas sociais (“Gays atirados para campos de concentração”, dia 19 de abril, por exemplo), entre outros temas. A peça mais visualizada – durante vários dias, a mais vista do site – foi “A internet rendeu-se a Salvador Sobral. Veja os ‘memes’”, publicada no dia 10 de maio.

⁴¹ Considera-se apenas o período durante o qual decorreu o estágio (23 de fevereiro a 22 de abril de 2017)

3. Dados do papel *versus* dados do *online*

Quando um artigo na *Sábado* envolve crianças (entenda-se menores de 18 anos), há uma preocupação específica com os direitos das mesmas, relativamente aos maiores de idade. “Como jornalista tenho sempre em mente o superior interesse da criança e, com isso, o direito à proteção da sua imagem e à privacidade”, diz-nos Ana Catarina André, jornalista da revista.

No entanto, para perceber se os direitos das crianças são, de facto, respeitados na revista *Sábado*, foi primordial analisar todos os números publicados da *newsmagazine* durante o período em que o estágio decorreu. Em cada um, fez-se um levantamento das peças que tinham crianças como participantes do conteúdo informativo, quer fossem ou não os protagonistas do mesmo. Considerou-se apenas o conteúdo jornalístico, quer fosse de carácter imagético ou escrito, excluindo, por exemplo, a capa e páginas de publicidade. O período de análise iniciou-se no dia 23 de fevereiro de 2017 e terminou no dia 22 de maio do mesmo ano.

Sendo a privacidade o direito mais posto em causa pelos *media* no que concerne às crianças, tentou-se perceber, inicialmente, qual o tipo de identificação da criança em cada uma das peças. Dividiu-se estes tipos de identificação em direta (se revelasse, de forma inequívoca, a sua identidade – através da inclusão, pelo menos, do nome, idade e localização), indireta (se incluísse outros pormenores que pudessem levar à revelação da identidade da criança – como é o caso da referência ao nome, idade e localização dos pais e/ou uma fotografia da criança) ou não existente (caso não houvesse dados suficientes para perceber a identidade da criança). Pretendeu-se, também, perceber se havia alguma tendência relativamente ao sexo e idade. Para isso, foi necessário saber se estes dados eram identificados nas peças.

Posteriormente, tentou-se perceber qual era a representação da criança no conteúdo jornalístico. No campo do papel representado, o objetivo passou por perceber se a criança era retratada como uma vítima. Neste sentido, analisou-se se o papel representado pela criança era o de vítima ou Outro. No campo da voz, quis-se saber se esta era ativa, passiva ou não existente. As hipóteses traduziram-se em ‘Não tem’, ‘Primeira pessoa’ e ‘indireta’.

Para melhor compreender a análise destes dados, conceberam-se duas tabelas, onde foram descritos e analisados os parâmetros pretendidos, no formato em papel e no *online*. A Figura 5 espelha a análise dos dados no formato em papel.

3.1 Análise dos dados do papel

Figura 5 - Análise de dados no formato em papel

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

Identificação da peça	Identificação da criança			Representação	
	(Direta/Indireta/Não existe)	Sexo	Idade	Papel (vítima/outro)	Voz (Não tem/Primeira pessoa/Indireta)
“Os principais inimigos na cama” – SÁBADO nº 669	Criança 1: Direta Criança 2: Indireta	Fem. Masc.	n.i. 9	Vítima Vítima	Não tem Não tem
“Mummy Kate e os seus oito gémeos” – SÁBADO nº 669	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Direta Criança 4: Direta Criança 5: Direta Criança 6: Direta Criança 7: Direta Criança 8: Direta	Fem. Fem. Masc. Fem. Fem. Masc. Masc. Fem.	16 12 12 16 12 12 12 12	Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro	Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta
“A nova vida de Paim” – SÁBADO nº 669	Criança 1: Direta Criança 2: Direta	Masc. Fem.	4 8 meses	Outro Outro	Não tem Não tem
“É dia de ir ao teatro brincar” – SÁBADO nº 670	Não existe	n.i.	n.i.	Outro	Não tem
“Fuga em massa de Mossul” – SÁBADO nº 671	Indireta	Fem.	n.i.	Vítima	Não tem
“Opinião” – SÁBADO nº 672	Criança 1: Indireta Criança 2: Não existe	Masc. Fem.	n.i. n.i.	Vítima Vítima	Não tem Não tem
“Eles são as novas caras dos cosméticos” – SÁBADO nº 672	Criança 1: Direta Criança 2: Direta	Masc. Masc.	17 17	Outro Outro	Primeira pessoa Primeira pessoa
“Entre as fraldas e o Facebook” – SÁBADO nº 672	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Direta	Fem. Masc. Fem.	15 13 meses 15	Outro Outro Outro	Primeira pessoa Não tem Primeira pessoa
“Igreja pop de Justin Bieber chegou a Portugal” – SÁBADO nº 673	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta Criança 3: Indireta	Fem. Fem. Masc.	n.i. n.i. 15	Outro Outro Outro	Não tem Não tem Primeira pessoa
“A ideia é mandá-los passear” – SÁBADO nº 673	Indireta	Fem.	n.i.	Outro	Não tem
“Trocar as negativas pelos cinco” – SÁBADO nº 673	Criança 1: Direta Criança 2: Direta	Fem. Fem.	14 17	Outro Outro	Primeira pessoa Primeira pessoa
“O mini-Karl Lagerfeld” – SÁBADO nº 673	Direta	Masc.	8	Outro	Não tem

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

“Pais que não vacinam” – SÁBADO nº 677	Criança 1: Direta Criança 2: Direta	Masc. Fem.	2 15 meses	Vítima Vítima	Não tem Não tem
“Dois bebés na barriga, só um nasceu” – SÁBADO nº 677	Direta	Fem.	4	Outro	Não tem
“Doaa sobreviveu quatro dias no mar com dois bebés” – SÁBADO nº 678	Grupo: Indireta Criança 1: Direta Criança 2: Direta	n.i. n.i. n.i.	n.i. 9 meses 18 meses	Outro Vítima Vítima	Não tem Não tem Não tem
“A guerra dos peluches e das cartas” – SÁBADO nº 678	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Direta Criança 4: Indireta Criança 5: Indireta Criança 6: Indireta	Fem. Masc. Fem. Masc. Masc. Masc.	9 3 9 9 6 4	Outro Outro Outro Outro Outro Outro	Indireta Indireta Não tem Não tem Não tem Não tem
“Família McCann: Viver a vida no «limbo»” – SÁBADO nº 678	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Direta	Fem. Fem. Masc.	n.i. 12 12	Vítima Vítima Vítima	Não tem Não tem Não tem
“O surto que fez 30 mortos” – SÁBADO nº 678	Criança 1: Indireta Grupo: Indireta	Fem. n.i.	n.i. n.i.	Vítima Vítima	Não tem Não tem
“A mãe de todas as datas” – SÁBADO nº 679	Indireta	Fem.	n.i.	Outro	Não tem
“Estes miúdos têm sete vidas” – SÁBADO nº 679	Direta	Masc.	6	Vítima	Primeira pessoa
“Qual é o limite para as festas dos miúdos?” – SÁBADO nº 679	Direta	Masc.	10	Outro	Não tem
“Sofrem de bullying... depressão... solidão... e são alvos do desafio Baleia Azul” – SÁBADO nº 680	Não existe	Masc.	11	Vítima	Indireta
“Meninos, o espectáculo vai começar” – SÁBADO nº 680	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Indireta	Masc. Masc. Masc.	7 7 n.i.	Outro Outro Outro	Não tem Não tem Não tem
“Como é ser mãe e ter autismo” – SÁBADO nº 681	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta Criança 3: Indireta	Fem. Fem. Fem.	14 11 5	Outro Outro Outro	Não tem Não tem Não tem

3.2 Análise dos dados do *online*

Do mesmo modo que para o papel, era necessário encontrar uma forma de fazer a mesma análise relativamente ao *site* da *Sábado*. Concluiu-se que o conjunto de todas as peças publicadas em <http://www.sabado.pt/> durante o período de estudo era um universo demasiado extenso, o que traria complicações tanto ao nível da análise, como do desfasamento em termos quantitativos em comparação com o papel. Por esse motivo, optou-se por afunilar a amostra, estudando apenas as peças da secção *Vida*. A escolha teve que ver com o facto de ser a secção mais representativa, no *site* da *Sábado*, do tema que nos propusemos a estudar. É nesta secção que é publicada a maioria das notícias e reportagens relacionadas com crianças e que têm as mesmas como participantes.

Figura 6 - Análise de dados no formato *online*

Identificação da peça	Identificação da criança			Representação	
	(Direta/Indireta/Não existe)	Sexo	Idade	Papel (vítima/Outro)	Voz (Não tem/Primeira pessoa/Indireta)
“Como eles e elas lidam com a infertilidade” – 25.02.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta	Masc. Masc.	13 13	Outro Outro	Não tem Não tem
“Sopa polémica: aluno teve de comê-la após indisposição. Ordem da professora açoriana” – 02.03.2017	Não existe	n.i.	8	Vítima	Não tem
“Presidente da Abraço: «Nascemos logo no bordel»” – 03.03.2017	Não existe	Fem.	16	Vítima	Indireta
“A próxima Shakira pode sair desta App” – 05.03.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta Criança 3: Indireta Criança 4: Direta	Fem. Fem. Fem. Fem.	n.i. n.i. n.i. 14	Outro Outro Outro Outro	Não tem Não tem Não tem Primeira pessoa
“Jorge Corrula brinca com Barbies” – 06.03.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Direta Criança 3: Direta	Fem. Fem. Fem.	n.i. n.i. n.i.	Outro Outro Outro	Primeira pessoa Primeira pessoa Primeira pessoa

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

“Pai de vídeo viral surpreende-se com sucesso” – 11.03.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta	Masc. Fem.	n.i. n.i.	Outro Outro	Não tem Não tem
“Filhos de imigrantes reagem a revelação: «Não, não és dinamarquês»” – 14.03.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta Criança 3: Indireta Criança 4: Indireta	Masc. Masc. Fem. Fem.	n.i. n.i. n.i. n.i.	Outro Outro Outro Outro	Primeira pessoa Primeira pessoa Primeira pessoa Primeira pessoa
“Quando um Swatch vale ouro: Maria Teresa vende coleção para viajar com os netos” – 15.03.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta Criança 3: Indireta Criança 4: Indireta	n.i. n.i. n.i. n.i.	n.i. n.i. n.i. n.i.	Outro Outro Outro Outro	Não tem Não tem Não tem Não tem
“Primeiras palavras dos bebés surgem à hora da papa” – 19.03.2017	Criança 1: Não existe Criança 2: Não existe Criança 3: Não existe Criança 4: Não existe Criança 5: Não existe Criança 6: Não existe Criança 7: Não existe Criança 8: Não existe	n.i. n.i. n.i. n.i. n.i. n.i. n.i. n.i.	n.i. n.i. n.i. n.i. n.i. n.i. n.i. n.i.	Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro	Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem
“Bebé-gargalhada torna-se fenómeno do Instagram” – 21.03.2017	Direta	Fem.	3 meses	Outro	Não tem
“Vai a Roma, vê o Papa e tira-lhe o chapéu” – 22.03.2017	Direta	Fem.	3	Outro	Não tem
“Em seis semanas acabam as birras à mesa” – 08.04.2017	Indireta	Fem.	4	Outro	Não tem
“Convida Emma Stone com vídeo viral... e ela responde-lhe” – 10.04.2017	Direta	Masc.	17	Outro	Indireta
“Gêmeas albinas seduzem mundo da moda” – 13.04.2017	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Direta	Fem. Fem. Fem.	11 11 13	Outro Outro Outro	Não tem Não tem Não tem
“Odeio parques infantis, brincar é uma seca e outras confissões” – 15.04.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta	Fem. Fem.	3 4	Outro Outro	Não tem Não tem
“Tubarão mata surfista adolescente na Austrália” – 18.04.2017	Indireta	Fem.	17	Vítima	Não tem
“O fotógrafo que se tornou herói depois de salvar	Indireta	Masc.	n.i.	Vítima	Não tem

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

crianças” – 19.04.2017					
“Mulher que deu à luz em coma acorda passados 3 meses” – 19.04.2017	Direta	Masc.	3 meses	Outro	Não tem
“Comissário agride mulher com bebé ao colo” – 22.04.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta	n.i. n.i.	n.i. n.i.	Vítima Vítima	Não tem Não tem
“Ele não a deixou sozinha e a imagem tornou-se viral” – 23.04.2017	Direta	Fem.	17	Outro	Indireta
“Eles não conseguem parar de comer” – 29.04.2017	Criança 1: Indireta Criança 2: Indireta	Masc. Masc.	17 10	Vítima Vítima	Indireta Indireta
“Truques para escapar às (suas) crianças” – 29.04.2017	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Direta Criança 4: Direta Criança 5: Direta Criança 6: Direta Criança 7: Indireta Criança 8: Indireta Criança 9: Indireta Criança 10: Indireta	Fem. Masc. Masc. Fem. Masc. Fem. Fem. n.i. n.i. n.i.	7 6 3 1 7 5 3 meses 4 8 10	Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro	Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem Não tem
“Menina com cancro impressiona na Internet com dança” – 01.05.2017	Direta	Fem.	10	Vítima	Primeira pessoa
“Recepção carinhosa a menina com perna artificial” – 04.05.2017	Criança 1: Direta Grupo: Indireta	Fem. n.i.	7 n.i.	Vítima Outro	Não tem Indireta
“Kate educa oito filhos a solo – e um reality show” – 06.05.2017	Criança 1: Direta Criança 2: Direta Criança 3: Direta Criança 4: Direta Criança 5: Direta Criança 6: Direta Criança 7: Direta Criança 8: Direta	Fem. Fem. Masc. Fem. Fem. Masc. Masc. Fem.	16 12 12 16 12 12 12 12	Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro Outro	Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta Indireta
“Escuteira que enfrentou neo-nazi ameaçada de morte” – 08.05.2017	Direta	Fem.	16	Vítima	Primeira pessoa
“Pai com cancro terminal e o filho criam projecto para a Lego” – 18.05.2017	Indireta	Masc.	n.i.	Outro	Não tem
“Vão à terapia para serem mães perfeitas” –	Indireta	Fem.	9 meses	Outro	Não tem

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

20.05.2017					
------------	--	--	--	--	--

4. Conclusões e apreciação crítica

4.1 Descrição dos resultados

Na versão em papel da *Sábado*, das 24 peças em que se verifica o tema, existem 55 crianças.

Relativamente ao tipo de identificação, 34 têm identificação *Direta* (62%), 18 têm identificação *Indireta* (33%) e em 3 casos a identificação *Não existe* (5%).

Quanto ao sexo da criança, 27 são do sexo feminino [*Fem.*] (49%), 23 do sexo masculino [*Masc.*] (42%) e em 5 casos o sexo não é identificado [*n.i.*] (9%).

No que diz respeito à idade, há 13 crianças entre os 0 e os 6 anos (24%), 18 crianças entre os 7 e os 12 anos (33%) e 10 crianças entre os 13 e os 17 anos (18%). Há, ainda, 14 casos em que não é identificada [*n.i.*] a idade da criança (25%).

Quanto à representação da criança no conteúdo jornalístico e, mais concretamente, ao papel que desempenha na história, existem 16 crianças cujo papel é de *Vítima* (29%) e 39 em que essa característica não se verifica [*Outro*] (71%).

Ainda no que concerne à representação da criança, mas, desta feita, relativamente à sua voz, 8 crianças têm voz ativa [*Primeira pessoa*] (15%), 11 têm-na de forma *Indireta* (20%) e em 36 casos (65%) a criança *Não tem voz*.

Importa ainda salientar que, dentro das crianças que figuram na peça jornalística com o papel de vítima, 9 são identificadas diretamente (56%), 5 de forma indireta (31%) e 2 não são identificadas (13%).

Na versão *online* da *Sábado*, das 28 peças em que se verifica o tema, são confirmadas 70 crianças.

Dessa amostra, 28 são identificadas de maneira *Direta* (40%), 32 têm identificação *Indireta* (46%) e *Não existe* identificação em 10 casos (14%).

Quanto ao sexo da criança, 34 são do sexo feminino [*Fem.*] (49%), 17 do sexo masculino [*Masc.*] (24%) e em 19 casos o sexo não é identificado [*n.i.*] (27%).

No que diz respeito à idade, há 13 crianças entre os 0 e os 6 anos (19%), 16 crianças entre os 7 e os 12 anos (23%) e 12 crianças entre os 13 e os 17 anos (17%). Há, ainda, 29 casos em que não é identificada [*n.i.*] a idade da criança (41%).

O papel de *Vítima* é desempenhado pela criança, no caso do *online*, em 11 casos (16%). 59 crianças (84%) desempenham um papel diferente [*Outro*].

Ainda no que concerne à representação da criança, mas relativamente à sua voz, 10 crianças têm voz ativa no *online* da *Sábado* [*Primeira pessoa*] (14%), 14 têm-na de forma *Indireta* (20%) e em 46 casos (66%) a criança *Não tem voz*.

Finalmente, voltamos a particularizar os casos em que a criança representa o papel de vítima no conteúdo jornalístico, para perceber se e como são identificadas no *online*. Neste caso, 3 são identificadas diretamente (27%), 6 de forma indireta (55%) e 2 não são identificadas (18%).

4.2 Comparação dos resultados: papel *versus online*

O primeiro problema, no que aos direitos das crianças diz respeito, passa pela identificação do sujeito. No caso do papel, apenas 5% das crianças não são identificadas. A regra parece ser a identificação direta, que corresponde a 62%, quase o dobro da representatividade que tem a identificação indireta. Esta tendência confirma-se, mesmo nas situações em que a criança representa o papel de vítima, uma vez que os valores desses casos, embora não sejam iguais, diferem pouco. Na versão em papel da *Sábado*, são identificadas de forma direta 56% das crianças no papel de vítima – também quase o dobro dos pontos percentuais que representam a identificação indireta, e em valores bastante superiores à não identificação, apenas com 13%.

Esta inclinação revela a necessidade que há, no jornalismo de *newsmagazine*, de particularizar os casos para criar no leitor os sentimentos de pertença e de empatia característicos deste tipo de jornalismo: “Até meados dos anos 80, as *newsmagazines* raramente usavam a primeira ou segunda pessoa nos seus números. Agora, «tu» ou «nós» são

lugar comum (...). Teóricos da comunicação referiram-se a este esforço para envolver os leitores como «informação mobilizadora»⁴² (Sorg, 2010).

Por outro lado, se fizermos uma comparação com o mesmo indicador no caso do *online*, há um decréscimo da percentagem de identificação direta, que corresponde a 40% – menos 12 pontos percentuais do que no papel –, e também um aumento acentuado do número de casos em que há identificação indireta – 46%, mais 16% do que no papel. Os valores respetivos à não identificação da criança, embora baixos, situam-se também acima dos do papel. No *online*, em 14% dos casos não há identificação da criança.

Quando percebemos o papel da criança como o de vítima, no *online* nota-se ainda mais cuidado com a identificação do sujeito. 18% das crianças não são identificadas, 27% são identificadas diretamente e a percentagem de crianças identificadas indiretamente sobe para os 55%.

Esta menor quantidade de identificação de crianças no *online* pode explicar-se através de dois fatores: em primeiro lugar, a rapidez e volatilidade da publicação de conteúdos tornam necessária uma decisão mais imediata por parte do jornalista sobre que barreiras pode ou não ultrapassar. Nesse sentido, deverá proteger-se, acabando por, em muitos casos, deixar de publicar algumas informações para não correr o risco de cometer um erro. Em segundo lugar, o próprio tipo de conteúdos confere essa possibilidade, uma vez que, geralmente, não são grandes reportagens e não é necessária a particularização de casos. Por exemplo, na notícia do *site* da *Sábado* “Governo quer 50% dos alunos do secundário no ensino profissional”⁴³, publicada no dia 3 de abril de 2017, não é necessário, embora haja a noção de que a maioria dos alunos que frequentam tanto o ensino secundário como o profissional são menores de 18 anos, de identificar um caso particular para explicar a situação.

No que diz respeito ao sexo, quisemos tentar perceber se haveria alguma diferença significativa que representasse algum tipo de discriminação através desta variável. Através da comparação entre o papel e o *online*, percebemos que, tanto num como no outro, não há uma diferença que sustente esta teoria, sendo que a disparidade é ainda menor no papel (49% do sexo feminino, 42% do sexo masculino e 9% de não identificados) do que no *online*, no qual

⁴² No original “*Before the mid-1980s, the newsmagazines rarely used the first or second person on their covers. Now, «you» or «we» is commonplace (...). Communication scholars have referred to this effort to get readers involved as «mobilizing information»*”.

⁴³ “Governo quer 50% dos alunos do secundário no ensino profissional”. Disponível em <http://www.sabado.pt/vida/detalhe/governo-quer-50-dos-alunos-do-secundario-no-ensino-profissional>. Consultado a 31 de agosto de 2017.

os rapazes representam cerca de metade das raparigas (24% contra 49%, respetivamente), no entanto com uma elevada percentagem de sexos não identificados (27%).

Relativamente à idade a conclusão parece ser a mesma. Os intervalos de idades escolhidos (dos 0 aos 6 anos, dos 7 aos 12 anos e dos 13 aos 17 anos) tiveram como propósito tentar perceber se havia uma faixa etária com mais representatividade do que outra, no sentido de compreender, precisamente, se havia alguma discriminação através desta variável. Consideraram-se estes três intervalos por serem representativos, dentro do possível, dos três graus de evolução dos menores de idade: os bebés, as crianças e os adolescentes. Embora haja, tanto no papel como no *online*, uma prevalência superior da faixa etária dos 7 aos 12 anos, os valores aproximam-se todos, inserindo-se quase todos no intervalo compreendido entre os 20 e os 40%.

No âmbito da representação da imagem da criança, há duas vertentes que nos propusemos analisar: o papel e a voz.

O papel podia ser de vítima ou outro. Neste ponto, o que interessava saber era se as crianças são utilizadas não como fonte de informação mas como forma de criar a tão comentada relação de proximidade com o leitor. Isto é, se há algum exagero de representação da criança enquanto vítima. Para esta variável, decidimos deixar de fora outros papéis possíveis, resumindo-nos aos papéis de vítima ou outro. Neste ponto, existe uma certa diferença entre o papel e o *online*. Se no *site* da *Sábado* a criança é vítima apenas em 16% dos conteúdos informativos, na revista representa 29% das peças – quase um terço do total. Como consequência, temos de inserir, nesta fase, um outro fator.

Ainda que existam mais peças com crianças como participantes no *online* do que no papel, proporcionalmente isto não acontece. Ou seja, se pensarmos no universo do total de peças jornalísticas publicadas no *site* da *Sábado*, haverá uma percentagem menor de peças relacionadas com crianças do que na revista. Partindo da minha experiência na empresa, penso que esta situação poderá, eventualmente, explicar-se pela natureza do jornalismo de *newsmagazine*, que tende a particularizar os casos – para dar a sensação de proximidade ao leitor –, ao passo que o *online*, caracterizado pela rapidez de leitura, poderá necessitar de apostar numa maior superficialidade de tratamento dos assuntos e consequente generalização do mesmos. Utilizam-se mais termos como “as crianças”, “a maioria dos jovens”, que apontam para uma população mais abstrata, do que se particularizam casos específicos.

A voz das crianças foi outra das variáveis estudadas. As crianças são mencionadas com uma razão específica? É para lhes dar voz, aproveitando as suas opiniões para construir

uma história da qual elas também fazem parte? Não. Nem no papel nem no *online*. Este é, talvez, o aspeto em que revista e *site* estão mais em concordância. Diferindo apenas um ponto percentual numa das hipóteses, ambos conferem à voz ativa da criança um espaço muito pequeno. Se tentarmos perceber a quantidade de peças em que a voz das crianças surge na primeira pessoa, deparamo-nos com 15% no papel e 14% no *online*. Por outro lado, se conferirmos a quantidade de peças em que a criança não tem qualquer tipo de voz, os valores passam para os 65% no papel e os 66% no *online*. Isto significa que, em ambos os formatos, cerca de uma em cada sete crianças tem algo a dizer nas peças jornalísticas em que aparece.

Em suma, apesar destas diferenças entre o papel e o *online*, não pode verificar-se, no entanto, uma grande discrepância entre os valores dos dois formatos: quando questionada sobre se pensaria que a preocupação com os direitos das crianças seria igual entre os jornalistas do *online* e da revista, Ana Catarina André respondeu perentoriamente: “de forma geral, sim. Acredito que os jornalistas são profissionais sérios e portanto todos têm essa preocupação”.

4.3 Apreciação crítica do estágio

No jornalismo, como na vida, só podemos ser bem sucedidos através do método de tentativa e erro. É desejável, nos dois casos, que haja uma percentagem curta de erros. No entanto, mais importante do que isso é não deixar de garantir uma percentagem grande de tentativas. Não nascemos preparados, não nascemos ensinados. Quando escolhemos a área pela qual queremos enveredar na nossa vida, a experiência profissional que temos é ainda muito fraca ou nula. Quando começamos a ter de tomar decisões sobre o futuro profissional ainda não nos conhecemos a nós próprios, muito menos quem nos vamos tornar no final desse percurso.

Quando escolhi a *Sábado* como local para estagiar não sabia quem iria ser daí a alguns meses, quando terminasse a experiência profissional que se avizinhava. Sabia que queria experimentar e aprender. A pouca experiência em jornalismo que detinha passava pela televisão e, portanto, estava habituado a utilizar o texto para servir a voz. Queria perceber como era utilizar o texto para servir isso mesmo: o texto. Queria saber como poderia tocar o leitor através das minhas palavras sem falar com ele. Gostava de entender se tinha a capacidade de entusiasmar alguém apenas através da leitura. Ficou claro que o estágio deveria

passar pela imprensa escrita. Porém, talvez por defeito de personalidade – ou não -, a minha paixão no jornalismo sempre passou mais por acrescentar algo de próprio às histórias do que pela simples descrição objetiva dos acontecimentos. Não quero, com esta afirmação, descredibilizar ou desvalorizar o tipo de jornalismo mais cru. E foi por isso que optei por uma *newsmagazine*. Queria ter tempo para escrever e pensar os conteúdos com que alimentava os leitores. Queria poder arranjar uma forma de contar as histórias à minha maneira, fornecendo ferramentas para o indivíduo se entreter enquanto se informa.

Quando decidi trabalhar nas secções *Portugal e Mundo da Sábado*, que se ocupam primariamente de temas relacionados com a política nacional e internacional, foi no sentido de me desafiar a dois níveis: em primeiro lugar, ao nível da superação de alguns obstáculos cognitivos; em segundo lugar, na tentativa de trabalhar como uma espécie de filtro que transformasse a informação de difícil compreensão em histórias mais perceptíveis.

Talvez por ter apanhado a *Sábado* num ponto de viragem e em maré de mudança, as coisas não me correram inicialmente como esperava. O trabalho que esperava desenvolver ficou muito mais na minha cabeça do que no papel. No *site*, pouco mais do que o suficiente para me fazer passar o tempo sem desistir de tudo. Se calhar foi mesmo por essa maré de mudança que ondeava na revista. Ou então não. Tenho consciência das minhas capacidades. Sei que, muito provavelmente, entrei neste estágio muito mais para me desafiar do que propriamente assente na minha capacidade para o jornalismo político. E os desafios são isso mesmo - são envoltos em dúvidas.

Quando entrei na *Sábado* não sabia que ia presenciar uma revolução na revista e na empresa de *media* que a detém – a Cofina. Não sabia que, enquanto estivesse no estágio, haveria uma mudança de direção e conseqüente reestruturação da equipa. Também não sabia que ia perceber tão cedo que não sou tão culto a nível político como seria suposto ou que não tinha os contactos necessários para que a minha presença criasse qualquer tipo de acrescento àquela secção da revista. Não sei pelo que foi, mas foi por alguma coisa. Descobri, com esta experiência, que é legítimo os jornalistas passarem por áreas que achavam ser adequadas e deixarem de ser. No final de contas, até as experienciarem não tiveram essa formação.

Talvez tenha sido o que mais aprendi sobre a importância de um estágio em jornalismo: a profissão vive, atualmente, ainda na tentativa de superar o grande desafio que Hélder Bastos já referia há mais de uma década: “formar estudantes para o exercício deste novo e exigente ramo do jornalismo, assegurando à partida um equilíbrio saudável entre conhecimentos de ordem teórica, aptidões jornalísticas (clássicas e novas) e proficiência

técnica” (Bastos, 2006: 111). À data, o autor dava como certo que a profissão perderia bastante com a tentativa limitada de “formar ciberjornalistas tecnicamente perfeitos, mas profissional, ética e deontologicamente ineptos” (Bastos, 2006: 111).

O aluno e aspirante a jornalista não é, ainda, suficientemente preparado pela academia para a vertente de mercado de trabalho de uma redação; e a redação, como sistema, espera de um aspirante a jornalista que ele já tenha essa preparação.

5. Considerações finais

Após os meses de estágio e de produção do respetivo relatório, chegamos à conclusão de que foi essencial a experiência participativa na instituição para perceber os moldes em que é feito o jornalismo sobre crianças na revista *Sábado*. Mais do que isso, foi importante trabalhar nos dois formatos (em papel e no *online*) da revista, para possibilitar uma visão bidimensional, mais ampla do que a que seria possível através de um estágio constante

na mesma secção. Deste modo, e com a ajuda das entrevistas exploratórias a Ana Catarina André, jornalista da revista, e a Cátia Andrea Costa, jornalista do *online*, tornou-se mais rigorosa esta comparação entre o jornalismo do *online* e do papel na *newsmagazine* portuguesa.

O pretexto para este estudo era a comparação de uma série de fatores relacionados com as crianças no jornalismo entre estes dois formatos da revista *Sábado*. O facto de um tema como este ser estudado nesta empresa tem, *per si*, uma especificidade que não pode ser ignorada. Sendo uma *newsmagazine*, este formato híbrido de jornalismo – “uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (Scalzo, 2011: 11, 12 *apud* Cardoso, 2014: 25) – que se pratica na *Sábado* ajuda a analisar o modo como são utilizadas as crianças nas peças da revista. Estas publicações têm em si um lado de “instrumentos de marketing que procuram atrair leitores” (Cardoso, 2014: 25) e, por isso, a utilização de imagens fortes e de um discurso que apela ao sentimento de pertença do mesmo são técnicas utilizadas para a concretização desse efeito. Por outro lado, e embora o *site* da *Sábado* tenha a intenção de ser uma espécie de extensão da revista – “a ideia é que o *site* da *Sábado* reflita a revista no aspeto em que a revista é o «bombom» da *Sábado*”⁴⁴ –, o *online* obedece a regras diferentes e, por isso mesmo, também afluí em direções distintas.

Como era intenção inicial deste relatório, podemos concluir que existem, de facto, diferenças entre o papel e o *online* da *Sábado*. Consideramos que, das variáveis analisadas, as que revelam maiores diferenças são a identificação da criança e o papel da mesma no conteúdo informativo.

Relativamente à identificação, a regra em ambos os formatos é a direta. No entanto, no geral a identificação é menor no *online* do que no papel. Sobre o *online*, Cátia Andrea Costa refere que a “identificação é muito problemática em casos de violações, abusos, testemunhas de crimes”⁴⁵. Explica que em certas situações, o relevante é saber a história da criança e não de que criança se trata. “Quando uma criança é violada, tu não precisas de saber nada a não ser que uma criança (...) foi violada. Quando uma criança foge como refugiada tu precisas de saber um pouco mais. Onde é que vivia? Como é que era essa vida? O que é que perdeu? No limite do bom senso (...)”, disse, na entrevista para o relatório que apresentamos. Apesar disso, foi possível perceber ao longo dos meses de trabalho e ficou patente nas

⁴⁴ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

⁴⁵ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

declarações fornecidas por Cátia Andrea Costa na sua entrevista, que o jornalista da *Sábado online* está constantemente perante decisões, quer relativas à identificação de crianças quer relativas a outros assuntos fraturantes, que têm de ser tomadas no imediato. Nesse sentido, e para não comprometerem a imagem da revista, acabam, muitas vezes, por não identificar. Se em publicações de maiores dimensões a ditadura do ‘agora’ já é um problema que assombra o *online*, na *Sábado* – que tem apenas sete indivíduos a trabalhar para esta secção, contando com o editor e editor multimédia – a “urgência do minuto é absolutamente desgastante”⁴⁶ para os jornalistas. Por isso mesmo, quando discutem, como equipa, a identificação de menores, a tendência é resvalar para a não identificação. A título de exemplo, Cátia contou que, na altura em que morreu um dos dois meninos que se tornaram símbolos das vítimas da guerra civil na Síria, foi bastante discutida, na redação da *Sábado*, a utilização ou não da fotografia que ilustrava a morte da criança.

Tens de meter uma fotografia daquelas. Aquela fotografia é um abalar de consciências (...). Portanto, tu tens de pensar onde é que está o jornalismo naquela imagem. E está lá. Tu podes escolher a fotografia e não ser a cara da criança. Tens vários ângulos. Tens uma em que o menino está com a cabeça para o outro lado e tu não lhe vês a cara (...).

Cátia Andrea Costa⁴⁷

Para a jornalista, a capacidade do profissional de perceber quando é que a identificação é primordial é a chave. Embora saiba que diversos órgãos de comunicação social, nos seus formatos *online*, acabam por deixar de respeitar a privacidade e outros direitos das crianças para conseguirem dar primeiro as notícias ou, pelo menos, de forma a que vendam mais, considera que “o clique não pode decidir tudo”⁴⁸. A versão em papel, por outro lado, acaba por identificar mais as crianças. Ao facto de a natureza do tipo de jornalismo de *newsmagazine* ser assente na particularização dos casos para chegar mais perto do leitor, junta-se “o atual dilema das *newsmagazines* (...): «os números»”⁴⁹ (Scott e Sieber, 1992).

As diferenças não são, ainda assim, muito acentuadas na *Sábado*. Isto explica-se porque “a *Sábado*, além da sua linha editorial, tem a linha editorial do Código Deontológico que te obriga a pedir autorização para falares com menores, a veres as condições do menor, e

⁴⁶ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

⁴⁷ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

⁴⁸ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

⁴⁹ No original “*The actual dilemma o newsmagazines (...): «the numbers».*”

tudo isso”, como explica Cátia Andrea Costa. Resumidamente, a revista pauta-se por uma forma de atuação que a prende menos a uma luta constante pelos primeiros lugares de vendas e lhe concede uma maior liberdade para ser autêntica.

Quanto ao papel da criança, nota-se a diferença entre o *online*, em cujos conteúdos a criança é vista sob o papel de vítima em 16% dos casos, contra 29% na versão física da revista. Assim, quase um terço das crianças que aparecem nas notícias da revista *Sábado*, no papel, são representadas sob a imagem de vítima. Este é um dado que se estende à generalidade dos órgãos de comunicação social em Portugal: “o jornalismo em geral parece reconhecer as necessidades assistenciais e de protecção das crianças, representando-as predominantemente como vítimas, recipientes das políticas governamentais ou alvo de cuidados” (Marôpo, 2011).

Outra conclusão diz respeito à voz das crianças na peça jornalística. Embora não haja diferenças acentuadas ao nível da comparação entre formatos, os dados conferem uma constatação referente à *Sábado* enquanto órgão de comunicação social. As crianças, na revista *Sábado*, têm pouca voz. Isto é, tanto no *online* como no papel, os números relativos à voz na primeira pessoa (é utilizado este tempo verbal no sentido de dar expressão à opinião da criança dada pela própria) são bastante reduzidos, quando comparados com os valores relativos à falta de voz da criança. Em suma, a criança aparece bastantes vezes, quer no *online* quer no papel, nos conteúdos jornalísticos da revista *Sábado* apenas para ilustrar histórias – sem uma voz ativa –, mesmo que haja identificação direta, e não para acrescentar a sua visão dos acontecimentos. Mais uma vez, esta é uma variável transversal aos órgãos de comunicação social e “que remete para uma cidadania passiva na qual os adultos sobrepõem os seus pontos de vista, enquanto as crianças silenciadas e negligenciadas como sujeitos de interesse político e social” (Marôpo, 2011).

No fundo, tudo passa pela mudança dos tempos. As *newsmagazines* estão numa fase de adaptação e “já não estão apenas em competição umas com as outras. O problema é que todas as formas de jornalismo deixaram de ficar contentes com o que fazem melhor; querem fazer também o que os restantes fazem”⁵⁰ (Griffith, 1992). A ditadura dos números e das vendas têm alterado não apenas o formato das *newsmagazines*, mas tornado a sua ação no campo jornalístico numa espécie de terreno híbrido. O mesmo autor, Griffith (1992), faz uma ligação entre os desafios a que este tipo de jornalismo se vê, atualmente, sujeito e a luta dos

⁵⁰ No original “(...) are no longer in competition just with one another. The problem is that all forms of journalism are not content to do what they do best; they want to do what everyone else does.”

dinossauros contra a extinção: “(...) as *newsmagazines* têm sido associadas à imagem dos dinossauros lutando para sobreviver num mundo hostil (...). Ao contrário dos dinossauros, as *newsmagazines* têm-se mostrado surpreendentemente adaptáveis”⁵¹.

Nesta luta constante pela sobrevivência, as *newsmagazines* – inclusive a *Sábado* – “não vão ignorar as notícias, mas vão tratá-las de formas contrárias ao nosso passado, à nossa experiência e talvez aos nossos valores profissionais mais antigos”⁵² (Scott e Sieber, 1992). De acordo com os autores, este tipo de jornalismo vai sobreviver. O que está em causa não é a sua sobrevivência mas a forma como esta é feita. Tal como a *Visão* – a outra *newsmagazine* portuguesa em atividade – se encontra sob a alçada do grupo Impresa, também o grupo Cofina serve de bengala para a continuação da revista. “Protegidas como estão por corporações maiores devem sobreviver por muito mais tempo do que as realidades económicas ditam”⁵³ (Scott e Sieber, 1992). Ao longo do período de estágio, a percepção foi essa mesmo: embora a *Sábado* estivesse em fase de mudança e reestruturação, avizinhava-se um futuro para a publicação – mesmo que necessitasse de adotar uma forma diferente. “O elixir da longevidade é a mudança. Diversas provas sugerem que tanto as *newsmagazines* como as suas definições de notícias estão a mudar em resposta às pressões do mercado”⁵⁴ (Scott e Sieber, 1992).

Estas são questões que causam preocupação no seio dos jornalistas. Até onde pode ir a busca incessante por cliques ou por venda de revistas? Cátia Andrea Costa considera que ainda predomina um tratamento muito sério de temas relacionados com crianças no jornalismo. Ainda assim, não esconde a preocupação com o futuro: “Eu acho que estamos a entrar por caminhos perigosos no jornalismo. Acho que isso acabará por atingir as reportagens infantis (...), acho que vai começar a haver mais furos na rede e (...), ou há um travão geral, ou destrava totalmente.”⁵⁵

Em suma, há uma preocupação geral com o futuro que, pelo menos para já, não interfere no compromisso que existe no presente: quer na *Sábado* em papel, quer na *Sábado online*, a proteção de cada criança é tida em conta, como nos foi assegurado nas entrevistas. Na *Sábado*, em particular, podemos afirmar que o Código Deontológico norteia a profissão e

⁵¹ No original “(...) *newsmagazines* have been pictured as dinosaurs struggling to survive in a hostile world (...). Unlike dinosaurs, *newsmagazines* have shown themselves to be surprisingly adaptable.”

⁵² No original “(...) will not ignore news, but they will treat it in ways contrary to our background, our experience, perhaps our older professional values.”

⁵³ No original “Sheltered as they are within larger corporations they may survive longer than economic realities dictate.”

⁵⁴ No original “The elixir of longevity is change. Much evidence suggests that both the *newsmagazines* and their definitions of news are changing in response to market pressures.”

⁵⁵ Declarações presentes no anexo “Entrevista 1”

os jornalistas utilizam o bom senso como bússola para seguir o caminho correto no tratamento de temáticas relacionadas com as crianças.

6. Referências bibliográficas

Referências Bibliográficas

BASTOS, Hélder (2006) Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse. *Comunicação e Sociedade*, vol. 9-10, 2006, pp. 103-112.

CANAVILHAS, João Manuel Messias (2005) Retrato dos jornalistas online em Portugal. In Livro de Atas – 4º SOPCOM, pp. 1393-1402.

CANAVILHAS, João Manuel Messias (2006) Do Jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança. *Comunicação e Sociedade*, vol. 9-10, 2006, pp. 113-119.

CARDOSO, Carla Alexandra Oliveira Rodrigues (2014) *A newsmagazine em Portugal: 70 anos até à consolidação do conceito*. Tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CARDOSO, Carla Rodrigues (2008) Contributos para uma História da Newsmagazine. *in* Atas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2007. Braga, (2008). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.

CORREIA, João (1998) O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior*. (Internet) Disponível em <http://mbaexecutivo.unisinos.br/pag/correia-joao-ensino-jornalismo.pdf> (consult. 25 de setembro de 2017).

FAUSTINO, Paulo (2004) *A Imprensa em Portugal: Transformações e Tendências*. Lisboa, MediaXXI.

GUIMARÃES, Adriana Mello e FERNANDES, Nuno Ricardo (2012) O jornalismo em evolução. *Repositório Comum*. (Internet) Disponível em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4152/1/Adriana%20Mello_Nuno%20Fernandes.pdf (consult. 13 de junho de 2017).

HALL, Jim (2001) 'Too Fresh to be True': Acceleration, Ethics and the Spectacle. In Hall, Jim. ed. *Online Journalism: A Critical Primer*, Londres, Pluto Press, pp. 128-157.

JESUS, Inês Sofia Lopes Cesário de (2013) *A importância do online na revista Sábado*. Relatório de estágio de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

MARÔPO, Lúcia (2011) Jornalismo e direitos infantis: a voz de crianças e jovens na produção, receção e monitorização do discurso noticioso. *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"* 25-26 março 2011, Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

MOUTINHO, Vera (2013) O jornalista multimédia e o canivete suíço. *Página internet da Escola Superior de Comunicação Social*. (Internet) Disponível em <https://www.escs.ipl.pt/artigos-de-opiniao/o-jornalista-multimedia-e-o-canivete-suico> (consult. 13 de junho de 2017).

PESTANA, Joana Vicente (2016) *Os desafios na produção de conteúdos no jornalismo online: a newsmagazine Sábado*. Relatório de estágio de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PONTE, Cristina (2010) Mudam-se os tempos, mudam-se as notícias? A cobertura jornalística de crianças no Público e no Diário de Notícias em 2000 e 2005. In TRAQUINA, Nelson. ed. *Do Chumbo à Era Digital: 13 Leituras do Jornalismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 207-226.

SORG, Leticia (2010) The role of newsmagazines in the 21st century: the evolution of a journalistic genre and how it can stay relevant in the digital era. *Reuters Institute Fellowship Paper*. (Internet) Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/research/files/The%20Role%20of%20Newsmagazines%20in%20the%2021st%20Century.pdf> (consult. 03 de outubro de 2017).

Outras publicações online

Código Deontológico do Jornalista – Sindicato dos Jornalistas. Disponível em <http://www.jornalistas.eu/?n=24> (consultado em 22 de junho de 2017).

Convenção sobre os Direitos da Criança – UNICEF. Disponível em https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf (consultado em 22 de junho de 2017).

7. Anexos

1. Entrevistas

Entrevista 1

Nome: Cátia Andrea Costa

Cargo na *Sábado*: Jornalista da secção *online*

Quais são os pontos principais que achas que caracterizam a *Sábado online*?
Quais são as suas marcas distintivas?

Nós tentamos ser um pouco a extensão da revista, que é uma *newsmagazine*, portanto tentar trabalhar as *hardnews* de uma maneira diferente, fora da caixa, ir pelo caminho menos óbvio. Acho que essa é a nossa marca distintiva, acima de tudo. O trabalho *online* acaba por ser mais parecido nos órgãos, porque a última hora tem um peso muito grande. O trabalho ao minuto não nos permite ir tão longe quanto gostaríamos, mas essa é a nossa marca distintiva. A partir da notícia que todos damos, tentar ir pelo outro lado. Pegando no exemplo dos atentados em Barcelona: quem é, como aconteceu, o que fez, o que estava a acontecer? Não apenas o detido, a operação policial. Tentar sempre descobrir alguma coisa à margem disso que permita completar a informação de outra maneira não tão óbvia, tentar dar o complemento. Veres o ovo todo e não apenas a gema.

Que diferenças há, nesse sentido, entre o *site* e a revista? Tu tens uma linha editorial diferente no *site* e na revista?

Não é diferente, é a mesma. A linha editorial é da *Sábado*. Ainda que muita gente ainda veja o papel e o *online* como coisas distintas, não são. Nós trabalhamos todos para o mesmo, para a *Sábado*. A *Sábado* é uma revista que tem um *site* e uma revista. Aquilo que acontece é que o tempo que tu tens para trabalhar para o papel te permite abordar as questões de uma maneira totalmente diferente daquelas que tens para trabalhar no *online*, não é? Neste caso, numa equipa não muito grande, ainda é mais difícil tirares dois ou três dias para fazer um trabalho de Barcelona como fez o Nuno Tiago Pinto. Resultaria de forma fantástica no *site*, mas o teu tempo não te permite. A gestão da equipa é muito complicada! Mas a ideia é que a linha editorial seja muito semelhante.

Portanto, apesar de já existir o *site* da *Sábado*, o projecto de renovação do *site* tem um ano e meio. A ideia agora é dar esse salto: conseguirmos depois de estabilizar o número de visitas, o nosso trabalho como equipa e tudo, tornarmo-nos ainda mais parecidos com o papel. Esse agora é outro nível de esforço, que é termos a capacidade de conseguir gerir a parte do dia-a-dia com a parte da investigação, que é a grande luta do jornalismo *online*. Como é que tu fazes isso? O dares bons trabalhos, trabalhos que te requerem tempo e que a urgência do *online* não te permite ter... Porque, repara, no dia do atentado: há o atentado, tens que começar a reagir as notícias, o número de mortes, quem é que foi, de quem é que se suspeita, a reivindicação... Nessa loucura, alguém tem de estar dedicado já a tentar perceber de onde é que partiu a carrinha, por exemplo. E não é fácil. Porque às vezes não tens mãos, às

vezes não tens tempo... Esse espaço-tempo é a grande luta do *online*, mas a ideia é que o *site* da *Sábado* reflita a revista no aspeto em que a revista é o "bombom" da *Sábado*.

Mas eu lembro-me de ler uma coisa em que alguém, se não me engano um dos antigos editores do *online* da *Sábado*, dizia que queria que as pessoas vissem o *online* como separado da revista. Ou seja, faz parte da revista, mas não é a mesma coisa...

Eu não trabalhei com a Patricia, já apanhei o Rui como diretor da *Sábado* e o Filipe como editor do *online*. E agora com o Eduardo é a mesma coisa. A ideia é que aquilo que distingue a *Sábado*, é, portanto... tu não podes cortar, tu não podes usar o nome de uma marca e fazer uma coisa absolutamente diferente, não faz sentido nenhum... A *Sábado* ter um registo, e tu adoptares outro registo absolutamente oposto. Não podes tornar o *site* da *Sábado* um tabloide. Tem de haver um complemento, tem de haver uma ligação, as pessoas têm de perceber que aquilo que estão a ler no *site*, faz parte daquela marca que é *Sábado*, que tem aquela revista. Por exemplo, quando fizemos agora a capa com a Bárbara Guimarães. Ela também não dava nenhum tema muito polémico, ou seja, ela não abordou o caso da separação e do processo na entrevista, mas imagina que ela abordava, e a *Sábado* tinha optado por um título como aquele: "É preciso denunciar a violência doméstica". Tens de gerir isto para o *site* – obviamente para o *site* se calhar venderia muito mais outro género de título, mas é aquela a nossa imagem, nós não fomos fazer uma entrevista para lavar roupa suja, percebes? Ou seja, tem de haver este complemento, não podes cortar com a imagem – é estares a atraiçoar o trabalho da tua marca. Lá está a linha editorial. Não quer dizer que seja tudo igual, senão como é que vendes os dois conteúdos? Agora, também não podem ser duas coisas afastadas e separadas, porque senão não estás a trabalhar para a *Sábado*. Ou alguém está a fazer as coisas erradas, porque a marca é a mesma, a linha editorial é a mesma, a equipa é a mesma. Tens é de conseguir gerir essa complementaridade.

E quais são as principais diferenças que tu vês entre o *Sábado online* antigo e este? O que é que achas que despoletou esta...

Eu não trabalhei no *Sábado online* antigo, portanto, eu só entrei com uma...

Eu falo isto pela minha experiência – quando tivemos aquela reunião e se tomaram algumas decisões...

Quando eu estou a falar do *site* antigo não é esse... ou seja, eu quando chego à *Sábado*, a equipa do *online* eram 3 pessoas: a Leonor, a Patrícia e o Nuno. O *site* era uma coisa muito residual. As secções tinham de ajudar no *site*, todos os dias tinham de rodar – imagina – 10 notícias. E eram 3 pessoas a manter o *site*. Entretanto há uma aposta no *online* que tem de ser feita, e nós vamos muito atrás. A explosão do *Observador* leva tudo atrás. A *Sábado* está muito atrás. E há uma aposta no *online*, que é quando eu entro para a equipa do *online*. Entrou o Filipe, o novo editor, a Leonor ficou, o Nuno ficou, a Patrícia saiu, entrei eu, entrou o Alexandre, a Susana também passou para o *online*, depois entrou a Alexandra também. Era a nossa equipa principal. Tu para fazeres crescer um *site* tens que começar a alavancar *pageviews* e pessoas. É muito importante a quantidade de informação que tu metes. É muito importante seres o primeiro, segundo, mas essencialmente teres o *site* sempre a mexer. A grande diferença do *site* passou por aí, porque três pessoas não fazem milagres. Portanto, este primeiro objectivo foi tentar tornar a *Sábado* um *site* visível onde as pessoas fossem quando quisessem ver alguma informação. Saber que a *Sábado* tinha um *site*, que existia, que era um *site* de notícias... porque é muito difícil três pessoas fazerem o *site* de qualidade. Foi um ano e meio de muito trabalho, de muita loucura, de muita maratona, de coisas que só contadas, desde trabalho das 8 da manhã à 1 da manhã, de muita dedicação e de muito esforço. Agora é preciso dar o passo seguinte, que é ter uma equipa capaz de reagir à notícia, e depois reagir ao dar a volta. Continuamos a ter o mesmo problema – somos poucos – mas mais capacitados de fazer isso.

O Ventura disse uma coisa. Mas como é que a gente pode estudar isto? Ir atrás do Ventura ou ir à procura de alguém que conteste o Ventura, ou ir à procura de outras coisas que o Ventura disse que comprovam que esta é a maneira de ser dele? É andar assim às voltas, e isso requer agora outra fase de aprendizagem, mas é esse o passo que é preciso dar. Nós já ganhámos visibilidade, já sustentámos. Precisamos de crescer, mas agora o crescimento já não vai só com o aumento de *pageviews* de notícias diretas, continuamos a ter que reagir ao segundo, ao minuto e agora precisamos de juntar a isso um trabalho maior nosso de jornalismo, que é aqui que entra a dificuldade: arranjar dentro de uma equipa de sete pessoas tempo para tudo, que não há. Gerir um *site* parece muito fácil, mas não é: a gestão da HP, a

gestão da Última Hora, as redes sociais - que são fundamentais (tu se não tiveres um *site* visível nas redes sociais, dificilmente existes). Nós tínhamos muita urgência de quantidade...

A necessidade de quantidade aumenta também muito as Lusas e muito...

As Lusas são um trabalho que faz parte dos *sites*. Nesse aspeto – da quantidade de informação – quando tu comesças a tentar criar um *site*, é uma arma fundamental, porquê? Porque te permite, lá está, essa capacidade de ter o *site* sempre a mexer. O *site* não pode estar estagnado, isso faz com que as pessoas não entrem, não é? Ou seja, isso é uma ajuda, uma alavanca, e depois é tentar crescer. Vais crescendo como jornalista, vais crescendo na maneira como observas a realidade, a própria redação – e aí falo do núcleo do papel – também começa a perceber a necessidade de não esquecer o *online*... Nem tudo pode chegar ao papel, nem tudo tem força ou aguenta até ao papel. Há muita coisa que se perde que não chega ao papel - está ali o *online*. É a *Sábado*, percebes? E enquanto tu vendes uma revista e tens, imagina, 40 mil revistas vendidas, tu no *online* podes ter o teu artigo lido por 100 mil... estás a perceber? Há esse jogo. A questão aqui é exatamente essa agora. Portanto, há um corte radical entre aquele *site* onde eu não trabalhei e o outro. Tinha que haver, aquilo era os primórdios dos *sites*. Este agora é uma fase de crescimento, é dar o próximo passo, é conseguires competir com equipas de *online* como do *Expresso*, do *Público*, que têm gente a fazer jornalismo como se fosse para o papel mas para o *site*, estás a perceber? Que é a nossa maior dificuldade no *site* que está a crescer. É conseguires arranjar espaço, gente e tempo para teres pessoas a fazer jornalismo mesmo só para o *site*.

Eu queria perguntar-te exatamente isso: comparando a redação da *Sábado* revista com a redação da *Sábado online*, vocês têm naturalmente que pedalar muito mais, não só pelo *timing* do *online*....

Repara só aqui a diferença: nós trabalhamos ao minuto, como tu sabes, tu sabes o trabalho. Se tu fores ver as secções, nós somos 7, com o editor novo 8, até se calhar somos a redação mais numerosa. Só que nós trabalhamos de segunda a domingo, trabalhamos das 7h às 23h e trabalhamos ao minuto. Quando tu para o papel podes estar a escrever hoje uma coisa que só te vão pedir daqui a um mês, e tu tens esse mês para trabalhar. Ok, tens coisas para fazer no meio, mas tu geres o teu tempo, não é? Ou seja, o ritmo é alucinante. Eu lembro-me

que a nossa equipa estava há muito pouco tempo junta quando foi o atentado em Bruxelas. Imagina, um conjunto de maçaricos... e de repente tens a Europa outra vez sob o ataque de bombas, gente fugida... íamos dando em malucos essa semana! E fez-se, fez-se bem. Cresces tanto ao ponto de que dois miúdos fizeram o atentado em Barcelona sozinhos sem problema nenhum. É isto que esta pedalada te dá. Agora, há que haver noção que 7 pessoas para fazer um *site* é pouco. O ritmo do *online*, eu costumo dizer que eu tenho que marcar férias uma semana nem que seja de 3 em 3 meses ou pôr dois dias de folga porque é quando tu sentes que precisas de férias. Porque 3 meses são meio ano de trabalho na revista. É um ritmo... Olha, ainda durante o Euro (2016), foi o dia do atentado. Eu apanhei o atentado, na mesma semana fiz fim de semana sozinha, apanhei o atentado na Turquia, apanhei o atentado em Nice... eu nessa semana fiz uma média de 13 horas de trabalho por dia. Portanto, é quase como se fossem dois dias de trabalho de colegas, não é? Ou seja, quando tu chegas lá, tu fazes um mês de trabalho e parece que fizeste dois para o papel, e isto não tem nada a ver com as pessoas não trabalharem, o *timing* é que é absolutamente diferente. A urgência do minuto é absolutamente desgastante, é daquelas coisas "Mas eu queria ir beber água e nem isso ainda consegui!", porque chegaste e fizeste uma fotogaleria, fizeste um vídeo, fizeste uma manchete... Entretanto aconteceu um atentado, entretanto há um maluco que desvia um avião não sei aonde, e tu por muito que penses "é só um maluco", se toda a gente está a dar o maluco, não podes fugir ao maluco. Podes abordar sem dares manchete, mas tens que falar sobre o maluco. Isto aconteceu-me no dia do maluco, daquele cipriota ou lá o que é que foi, que queria ver a ex-mulher e que desviou um avião... e foi uma manhã com aquela palhaçada. Mas era só um maluco. E tu sabes que aquilo é só um maluco, mas toda a gente está a falar do maluco e tu tens que dar a notícia, e depois como tratas a notícia é outra coisa. Isso são os desafios do novo jornalismo *online*, é Últimas Horas para tudo? *Push* para tudo? Eu sou sincera, eu quando estou sozinha já não mando *pushs* de "Foi encontrada uma mochila na estação de Londres". Quando a polícia disser que evacuamos, é outra coisa. Não consegues ir a tudo... e quando tu estás a trabalhar para a revista tens os *timings*, tens as peças, tens as entrevistas, tens as fontes, mas tens aquele dia, não tens aquele minuto seguinte. Aquela coisa de "eles deram o *push*, tens que dar", percebes? Eu vou dar-te um exemplo: Usain Bolt. Nós fomos os primeiros a dar, porquê? Porque eu, naquela previsão de "não podes demorar, a corrida são 10segundos" fiz a notícia antes. Tinha o título "Usain Bolt" – faltava o verbo – "a última prova dos 100 metros". Tinha a entrada, tinha para aí três linhas de texto, faltava-me outra vez o verbo e tinha escolhido já duas fotografias – uma dele a festejar, e outra dele de

costas. Portanto, aquilo acabou, eu pus a fotografia, pus o título, mandei o *push*, e depois comecei-me a rir, pensei: "Ninguém pensou nisto...". Os *pushs* demoraram imenso a chegar. Por exemplo: Pedrógão. Tu sabes que o Costa vai fazer uma conferência de imprensa. Fazes 3 linhas, assim que ele fala lanças, esperas dois minutos, fazes um textinho, lanças e metes 'Em atualização'.

É precisamente essa constante necessidade de atualização que se verifica no *online* em Portugal...

De demonstrares que estás a trabalhar. "Venham cá ver!". Tu és obrigado a fazer notícias do Social, tu és obrigado a fazer as Cristinas Ferreiras da vida. Onde é que as pões? Não é a marca *Sábado* fazer uma manchete com "Cristina Ferreira tem um namorado novo". Não fazes, percebes? É aí que eu digo que a marca é igual. Não há distinção, não pode haver distinção, porque tu não podes ter um *site* de uma maneira, e uma revista de outra. Não é o mesmo produto.

E relativamente às notícias com crianças: tu tens esse ritmo acelerado. Como é que é a preocupação no *online* com o garantir da privacidade das crianças, tendo em conta esse ritmo? Ou seja, tu tens de lançar a notícia agora, certo? E tu tens de, numa questão de segundos, tomar uma decisão. Eu vou dizer quem é esta criança? Eu vou usar as frases dela?

Vou dar-te um exemplo: eu não teria posto no *site* da *Sábado* o vídeo daquelas crianças testemunhas do acidente da Costa da Caparica. Tens adultos a falar, tens muita gente que viu, não precisas de duas crianças que acabaram de ver duas pessoas morrer a falar. A ideia não foi essa acima de mim, entrou. Entrou porquê? As crianças estavam acompanhadas dos pais que permitiram a entrevista, isso é explícito e absolutamente notório no vídeo – é a mãe que diz "o meu filho viu" –, a criança está ótima de saúde, a criança não apresenta feridas, a criança não esteve envolvida no acidente, a criança só assistiu. Para mim, não havia necessidade de a usar, mas é uma testemunha, não é uma coisa gratuita, e lá está, cumpreste todos os requisitos. A autorização do pai, a criança não está a chorar, não está em pânico, o miúdo estava como nós estamos aqui a falar... Para mim, tens dois adultos, não há necessidade de usares aquela criança que acabou de ver aquilo. Mas cumpreste todos os

requisitos necessários. Não falas com crianças sem ser com autorizações dos pais, não dás nomes, se puderes evitar dar caras, melhor. Sempre cuidado com a identificação. Eu acho que há um cuidado geral na maior parte dos meios. Muitas das vezes, nas notícias dos abusos não dás os nomes, dizes que é uma criança de x idade. Porque há que ter realmente esse direito à privacidade. Evitares usares as fotos, mesmo das figuras públicas... Por exemplo, no Social: Carolina Patrocínio. Eu evito ao máximo pôr as fotografias das miúdas. Eu falei dela porque a Carolina Patrocínio expõe as filhas nas redes sociais. Mas eu, se puder não por essa fotografia a abrir, não ponho. Tens que jogar com esta sensibilidade. Ver o que é que as pessoas permitem que tu mostres ou não, não é? Imagina que a Carolina Patrocínio não mostrava a cara das filhas, era justo tu expores? É a tua sensibilidade e de quem trabalha contigo, porque a sensibilidade também é passada. Mesmo ao segundo, tu tens que ter essa capacidade de pensar para ti: "Não posso fazer, não é sério". Tens de perceber onde é que acaba o jornalismo e onde é que começa o voyeurismo.

Mas é uma coisa mais pessoal, então. Ou seja, tu é que tens de ter essa sensibilidade...

Não é pessoal, tu na *Sábado* não fazes isso. Não é uma questão apenas pessoal. Parte muito da questão pessoal – se tu estiveres sozinho dá jeito que penses nisso. Mas há uma linha editorial, e na linha editorial da *Sábado* não se expõem crianças sem autorização, sem que seja realmente relevante. Olha, a criança símbolo da Síria... as duas – o menino ferido e o menino morto. Falámos muito disso quando a revista saiu. "Metemos a fotografia, não metemos a fotografia?". Tens de meter uma fotografia daquelas. Aquela fotografia é um abalar de consciências. Se tu não mostras aquela fotografia, o menino morreu, é uma tragédia, ninguém quer saber, é mais uma criança que morreu. Portanto, tu tens de pensar onde é que está o jornalismo naquela imagem. E está lá. Tu podes escolher a fotografia e não ser a cara da criança. Tens vários ângulos. Tens uma em que o menino está com a cabeça para o outro lado e tu não lhe vês a cara... está feito, é essa! Mas tu deste a imagem, percebes? Deves dar aquela cara de frente? Não precisas de ver a cara do menino. É uma criança de 3 anos morta de costas. E é aí que entra o teu bom senso, percebes? Agora, há, claro, uma linha editorial da *Sábado*, e nós tentamos que a linha editorial seja ao máximo proteger os direitos. Não usares a não ser que seja absolutamente fundamental. É por aí que tu te guias. Não mostras, e se mostras tens que cumprir as regras. Isto foi debatido noutras situações. Aquele pai de

Pedrogão que falava com uma calma fantástica. Aquele pai está em condições psicológicas para falar? Não está! Apesar de toda aquela calma aparente, é uma pessoa em choque. E tu tens que analisar isso tanto num adulto como numa criança. Na criança, com a agravante de a criança não responder por ela.

Ou seja, se tu tens uma criança que te diz qualquer coisa bombástica, mas que não tens a autorização dos pais para por a voz dela, não pões.

Não podes por. O código deontológico não o permite, e aí a *Sábado* guia-se pelo código deontológico. Naquele caso da Costa da Caparica, eu não sei se falaria com aquelas crianças sequer, mas sei que foram cumpridas as regras. A mãe estava ao lado, é a mãe que diz: "Os meus filhos viram". Os miúdos estão inteiros, não participaram no acidente, não são vítimas, não são nada, está tudo correto. Eu é que acho que havia ali muita gente, não havia a necessidade de ouvir as crianças, havia adultos que diziam o mesmo que as crianças. Mas, a partir do momento em que tu cumpres tudo, se a criança tiver, de facto, um carácter noticioso, aí sim. Os refugiados – aquelas crianças viram coisas que não nos passa pela cabeça. Aquelas crianças, com todos os cuidados e sem passares a linha que perturba as crianças, devem ser ouvidas. São miúdos que sobreviveram a cinco anos de guerra, nunca viram nada, não sabem o que é não viver em guerra... percebes? E porque é que tu precisas de as ouvir? Precisas de alertar as consciências, faz parte do nosso trabalho dizer: "Atenção, isto é a vida destas crianças!"

Mas nesse sentido, tu ouves, mas não identificas necessariamente...?

Depende daquilo que estás a fazer... A identificação é muito problemática em casos de violações, abusos, testemunhas de crimes, coisas dessas... se tu tiveres uma coisa da ONU, a não ser que a criança esteja a fugir do ISIS e ameaçada, podes dizer que ele se chama João! Não precisas de dizer é que o João é filho do padeiro, da Maria... tás a ver? Teres essa capacidade. O que é que é relevante? É ele chamar-se João - porque precisas de dar-lhe um nome - e tem 5 anos e viveu no meio da guerra. A problemática da identificação facial e de nomes e isso tudo depende... Olha, aquele caso daquela miúda - que depois se tornou famoso - , a Carolina (que lhe chamaram Carolina, que não era Carolina). A miúda que foi violada pelos colegas da escola. Tens os problemas todos inerentes a isto: são menores que violam uma colega, e isso tudo. E ela depois não queria ir para a escola, era uma família pobre, não

conseguiam mudar de sítio, o caso fez correr muita tinta... Deram-lhe o nome Carolina e a menina Carolina ficou. Tu não precisas de saber mais nada. A história não é quem ela é e onde é que vive. É que houve uma miúda menor que foi violada por colegas menores. Tiveste que lhe dar um nome, tiveste que dizer a idade... esta identificação chega. Não precisas de mais nada. E com tudo o resto com as crianças passa-se assim, é: o que é que é necessário saber dessa criança? Quando uma criança é violada, tu não precisas de saber nada a não ser que uma criança de x anos foi violada. Quando uma criança foge como refugiada tu precisas de saber um pouco mais... onde é que vivia? Como é que era essa vida? O que é que perdeu? No limite do bom senso, não é? E aqui, havendo, obviamente, uma linha editorial na *Sábado* - que há - da protecção da criança, da privacidade, de cumprires tudo para falares com uma criança, o bom senso de um jornalista faz muito com que tu ponhas um travão às coisas. Eu fiz uma notícia sobre a morte daquele menino que estava desaparecido agora no atentado (Barcelona), e que depois apareceu e depois morreu. Eu pus a fotografia do menino lá dentro, e pus porquê? Porque os pais criaram um alerta nas redes sociais a dizer "Se virem, ponham", e eu usei o alerta. E na foto de capa não pus essa foto, pus uma foto de um peluche nas homenagens.... Simboliza a infância. A fotografia, pus lá dentro, mas não a pus cá em cima. Percebes? É este jogo de tentares também respeitar as pessoas sobre quem estás a escrever. Porque é fundamental que as respeites, se não as respeitares o teu trabalho também não está a ser propriamente bem feito. Isto nem sempre é fácil, mas eu acho que o problema da identificação das crianças é uma coisa que assola muito mais o jornalismo chamado jornalismo social. Os filhos dos famosos... o que é que tu fazes? E eu acho que nos esquecemos muito disso. As redes sociais fazem com que tu te esqueças... como os pais expõem nas redes sociais, tu sentes que "se eles expõem ali, por que é que estão na praia e eu não posso tirar?". Mas eu quero lá saber se a Cláudia Vieira vai à praia com a filha? Pá, até posso querer saber do biquini da Cláudia Vieira, mas não quero saber do biquini da filha... é uma criança. Isto é muito do bom senso. E, nesta altura, o jornalismo precisava de muito bom senso, porque o clique decide tudo. E é aí que tu jogas com o "A cara do menino vale a pena ou só o título - dizeres que morreu uma criança de 8 anos ou de 3 anos - é que deve fazer-te ir ler a notícia?".

O clique decide tudo, mas...

O clique não pode decidir tudo.

A linha editorial sobrepõe-se, não é?

Tem que se sobrepôr, porque senão és um barco sem rumo. E isto aplica-se a crianças e a tudo. Se tu não tiveres uma linha editorial, cada um faz o que quer, e nunca corre bem. Olha, aqui há uns tempos. Quando saiu uma notícia da super gonorreia, uma coisa assim absurda... Eu fiz a notícia, pus umas imagens de preservativos. A pessoa que tinha feito a outra notícia, já não sei quem era, pôs uma imagem que, para mim, não fazia sentido. Era uma mão a abrir as calças a um gajo. Não tinha nada de ofensivo, mas para mim não era preciso aquela imagem... E aí passa, obviamente, pela sensibilidade. Mas tu tens uma linha editorial que tens de cumprir! Há linhas editoriais em que vale tudo... Nós sabemos disso, não é? Na *Sábado*, não vale. Que era aquilo que eu te estava a dizer: da mesma maneira que dás uma notícia da Cristina Ferreira que lançou uma revista, porque a Cristina Ferreira se tornou alguém célebre no país, que faz sucesso... A *Sábado* já fez capas com os sucessos da Cristina Ferreira. "Quem é esta que apareceu do nada e faz tudo?" Dessa mesma maneira, a linha editorial está acima de tudo. No caso da *Sábado* é "não passas o limite do tabloide", mesmo que a tua concorrência o faça.

Esta semana, a notícia daquela secretária de Estado que se assumiu como homossexual. Não fazes um título a dizer "Ah, não sei quantas diz que é gay...!" Não, fazes uma coisa a dizer "Secretária de Estado assume homossexualidade como afirmação política, porque é isso que é o conteúdo. Eu quero lá saber se a senhora é gay! Aquilo só é relevante porque ela própria diz "Eu quero fazer disto uma afirmação política, é preciso que as pessoas se assumam!". Se fosse no Facebook dela a dizer "Ah, eu sou gay, apeteceu-me contar"? Fixe para ti.

Olha, não é uma criança mas... Quando foi o atentado de Orlando, eu estava de folga e entrei no Facebook, e o Rui Maria Pêgo fez um texto sobre Orlando onde assumiu a homossexualidade dele. E eu estava em casa e disse ao Filipe "Pá, vê isto... Isto não me parece ser desprovido de sentido". E ele disse: "Faz, mas faz com cuidado". E eu no título não pus "Rui Maria Pêgo assume-se como homossexual", pus "Rui Maria Pêgo fala sobre a sua vida pessoal num texto sobre Orlando". E depois na entrada dava um cheirinho a dizer algo como "Jovem apresentador fala sobre a homossexualidade e a sua vida íntima, a apelar a menos ódio". Mas quer dizer, nem na primeira linha eu disse logo aquilo, disse que ele tinha reagido e que falava de amor e não sei quê, e que no meio do texto falava sobre a sua homossexualidade, falando sobre o assunto pela primeira vez. Porque, lá está, tem relevância. Vais fazer disso um título "Rui Maria Pêgo é gay"? Não. Não é bom. Não é bom na *Sábado*. E

com as crianças é exactamente o mesmo: a *Sábado*, além da sua linha editorial, tem a linha editorial do Código Deontológico que te obriga a pedir autorização para falares com menores, a veres as condições do menor, e tudo isso, e é isso que é seguido...

Lembras-te de algum caso em que tenha havido problemas na *Sábado* pelo uso de exposição de crianças?

Desde que eu cá estou, não.

Ou que não tenha chegado a haver o problema, mas que tenha sido bastante discutido...

Dou-te o exemplo: debatemos muito o caso da criança síria. Devíamos usar a imagem... o que é que fazemos à imagem... Da mesma maneira que aconteceu depois com a segunda criança, ferida, porque no caso do primeiro, está morto mas tu não vês sangue, não vês nada, e no outro está uma cabeça completamente em choque, ferida. Foram dois casos que falámos muito.

Olha, por exemplo, quando foi aquela mãe que se matou com as crianças...

Caxias.

Nós não demos a história das crianças, quem eram as criançinhas, percebes? Falámos sobre o caso! Depois abordámos a mãe, entrevistámos o pai, mas as crianças eram as vítimas. Mas nestes dois casos da Síria, que até são casos mais simples do que a violação da miúda, batemos muito... se era necessário expor aquela imagem de uma criança. Até que chegámos à conclusão todos de que o devíamos fazer. Temos, de vez em quando, discussões dessas. As notícias da Bárbara Guimarães... evitamos pôr as fotografias que há com os filhos. Para quê? O caso é dela e do Carrilho, não é? Nunca tivemos problemas e o bom senso impera sempre. Tu, às vezes, pensas: será que devo? Ela está a falar dos filhos... O Carrilho mete o filho ao barulho. Mas, falando - que é para isso que estamos cá todos -, prevalece o bom senso, e nunca tivemos problemas. Eu lembro-me muito do debate desse caso, do miúdo (sírio). Aí achámos todos que devia entrar. E aí é um caso em que se usou. Era uma imagem que tinha de ser usada difundida. Mas nunca tivemos problemas desses. Até porque, quando é preciso usar, pixelizamos as crianças.

Achas que há algum padrão de tratamento das crianças? O papel delas é sempre de vítima... ou não?

Repara, as notícias de crianças são sempre notícias que transtornam. Ou porque são crianças que são vítimas pequenas... Epá, a não ser que sejam aqueles vídeos virais giros, ou então estás a falar daquelas crianças, como há um tempo houve em Inglaterra, acusadas, por exemplo, de matar um miúdo. Isto é muito difícil de gerir. Há informação aqui, não é? E como é que tu geres? Eu acho que a maioria ainda tenta proteger a identidade das crianças. Acho que sim. Acho que esse é o padrão que gere a maior parte dos órgãos cá e lá fora. Se se vai manter muito tempo? Eu acho que as redes sociais tornaram isto tudo muito voraz... Caiu aquela árvore na Madeira. Eles no dia a seguir tinham a foto do casal com o miúdo ao colo. Não vias a cara da criança, mas... eu ainda não sabia o nome da vítima, eles já tinham descoberto o Facebook, percebes? Dá-te um campo de informação muito grande, muito tentador. E é aqui que entra o que estavas a dizer... o clique não pode valer tudo. Felizmente para nós não vale. O clique tem que valer porque o teu trabalho é bom, mas é bom porque é bom. Traz informação mas não traz escândalo. Eu acho que ainda predomina um tratamento muito sério de crianças... Temo o que é que possa acontecer, isso temo. Temo porque acho que se anda a perder muito o equilíbrio. Acho que se anda a perder o equilíbrio no geral, portanto acabará por chegar a todos os temas do jornalismo. Viu-se isso agora em Pedrógão, não é? Se calhar, em muitas ocasiões, foi-se um bocadinho além do que era necessário. Ok que ouvimos muitas histórias e que a história das crianças foi mais uma. Tu tens que dizer que aquela criança ia no carro com a avó e que morreu. Precisas de saber se o padrinho se deitou por cima dela? Epá, eu não preciso de saber, nem é só pela criança, é pelo padrinho também. Não sei, não consigo imaginar a dor. O Filipe, que esteve lá, batalhou-se muito com isso: "Não vou à procura de vítimas, não vou ouvir as pessoas a contarem-me como é que morreram as pessoas, não quero. Não faz falta." Já é dramático tu dizeres "Olha, esta pessoa morreram-lhe 10 pessoas da família, todas no mesmo dia". Eu acho que estamos a entrar por caminhos perigosos no jornalismo, acho. Acho que isso acabará por atingir as reportagens infantis, não infantis, o que for... Mas lembro-me também de trabalhos muito bem feitos, em que sempre houve reserva da privacidade das crianças. Ainda predomina, eu acho que a tendência será predominar sempre mais. Mas acho que vai começar a haver mais furos na rede e passarem mais coisas, porque, lá está, as pessoas vão atrás. Eu acho sempre que o uso das crianças nos torna muito voyeurs. Eu acho que as crianças é o que de mais inocente nós temos, não é? E o voyeurismo tem o poder muito grande de caçar muita gente. E, ou há um

travão geral, ou destrava totalmente. Ainda assim, eu ainda acho que continua a haver uma grande defesa das crianças. Se calhar é o único tema que se defende minimamente e que há esse cuidado, nem que seja por um travão legal. Além do bom senso. Mas há uma exposição tão grande das crianças... Tu tens uma rede social: eu tenho as minhas fotos todas fechadas, se me acontecer alguma coisa e alguém quiser ir buscar as minhas fotos, vai à minha foto de perfil e não consegue ver muito mais. Mas quando tu também expões as tuas redes sociais, isto é tudo uma bola de neve, não é? As pessoas conseguem chegar à tua informação. Por exemplo, eu usei o menino porque o menino estava num alerta dos pais a dizer "Se o virem...", não foi uma fotografia que eu fui ao Facebook buscar e disse "Ora agora vamos lá pôr aqui o menino". Mas acho que isto vai acontecer, porque a informação chega-te muito facilmente às mãos. E essa coisa que tu estavas a dizer do gerir naquele minuto, tu tens que ter. "Ah, o meu filho fala", "Então, mas conte-me o senhor". E depois? Vão-te chatear aos ouvidos ou vão dizer "Bem feito"? É este bom senso que na *Sábado* prevalece. E eu espero que prevaleça e continue a prevalecer na maior parte dos sítios.

Entrevista 2

Nome: Ana Catarina André

Cargo na *Sábado*: Jornalista da secção de *Sociedade*

Como se caracteriza a *Sábado*? Ou seja, quais são as suas marcas distintivas?

A *Sábado* é uma *newsmagazine* que se destaca pela abordagem criativa dos temas, o que está obviamente ligado à sua periodicidade semanal.

A Sábado é detida pela Cofina Media que, como empresa de *media*, vive também de lucros e que tem de ter essa preocupação económica. Até que ponto essa preocupação tem influenciado ou não o jornalismo da Sábado?

De forma geral nos últimos anos a pressão sobre os media tem sido maior, como se sabe. Não consigo responder com precisão sobre o caso da Sábado, porque grande parte desses casos envolvem apenas chefias.

Até que ponto a linha editorial de uma publicação é ou não afectada pela necessidade de criar sinergias com outra do mesmo grupo?

Se se quer manter a identidade de cada publicação, é fundamental que cada linha editorial seja autónoma.

Se tivesses de fazer uma breve caracterização da redação da Sábado, o que destacarias como pontos principais?

É uma redacção heterogénea com jornalistas muito diferentes entre si, o que permite abarcar temas muito diversos.

Quando um artigo na Sábado envolve crianças (entenda-se menores de 18 anos), há alguma preocupação específica com os direitos das mesmas, relativamente aos maiores de idade?

Obviamente. Como jornalista tenho sempre em mente o superior interesse da criança e, com isso, o direito à protecção da sua imagem e à privacidade.

Essa preocupação parte sempre de algo explícito e regulamentado ou mais da consciência e moral de cada jornalista?

Temos um código deontológico pelo qual nos regemos, portanto é regulamentado.

Como jornalista, tens a necessidade de, por vezes, em temas mais delicados, não colocar determinadas imagens ou cortar determinadas partes do teu texto precisamente pelo facto de os intervenientes serem crianças?

Claro. A protecção de cada criança é fundamental.

Em que casos há essa necessidade?

Em casos de abusos ou violência, por exemplo.

E sentes que essa preocupação é igual na revista e no *site*?

De forma geral sim. Acredito que os jornalistas são profissionais sérios e portanto todos têm essa preocupação.

2. Peças publicadas no formato impresso - REVISTA SÁBADO

• SÁBADO, edição nº673, de 23 a 29 de março

Entrevista a Francisco Veloso (professor) - “*Como eu cheguei aqui*” - página 67

• SÁBADO, edição nº677, de 20 a 26 de abril

“A Roleta Russa das Eleições Francesas” - páginas 50, 51 e 52

• SÁBADO, edição nº679, de 4 a 10 de maio

“O dedo em riste de Maduro” - páginas 68 e 69

• **SÁBADO, edição nº ?, a ser publicada**

“O último golpe da China”

3. Peças publicadas no formato *online* – www.sabado.pt

• **MARÇO**

• www.sabado.pt, dia 24 de março de 2017

“Recrutador do Estado Islâmico em prisão de alta segurança”

• www.sabado.pt, dia 24 de março de 2017

“Preso líder mafioso responsável por massacre na Alemanha”

• www.sabado.pt, dia 27 de março de 2017

“Shinzo Abe: “Se provarem que fiz algo de errado, demito-me””

• www.sabado.pt, dia 28 de março de 2017

“Le Pen: “A União Europeia vai morrer””

• www.sabado.pt, dia 30 de março de 2017

“Espanhola condenada por “tweets” sobre ditadura franquista”

• www.sabado.pt, dia 30 de março de 2017

“As dúvidas persistem sobre o muro de Trump”

• www.sabado.pt, dia 30 de março de 2017

“Canábis para fins recreativos? Sim, no Canadá”

• www.sabado.pt, dia 31 de março de 2017

“Ex-agente do FBI acusa Trump de favorecer Rússia”

• www.sabado.pt, dia 31 de março de 2017

“Ataque de Londres tinha sido encenado dias antes”

• **ABRIL**

• www.sabado.pt, dia 04 de abril de 2017

“Macron ganha vantagem em sondagens presidenciais”

• www.sabado.pt, dia 04 de abril de 2017

“Decisão sobre futuro de Dilma e Temer adiada”

• www.sabado.pt, dia 04 de abril de 2017

“Quem decide o futuro de Dilma e Temer”

• www.sabado.pt, dia 07 de abril de 2017

“François Fillon atacado com farinha (vídeo)”

• www.sabado.pt, dia 07 de abril de 2017

“Rússia envie submarino com 20 mísseis nucleares para Báltico”

• www.sabado.pt, dia 07 de abril de 2017

“Modelo muçulmana assassinada por extremistas islâmicos?”

• www.sabado.pt, dia 10 de abril de 2017

“Casal de adolescentes mata brutalmente avós de rapariga”

• www.sabado.pt, dia 12 de abril de 2017

“Big Brother Brasil: expulso por agredir namorada”

• www.sabado.pt, dia 13 de abril de 2017

“Ministra da Administração Interna no Parlamento”

• www.sabado.pt, dia 13 de abril de 2017

“United Airlines: um fenómeno da internet”

- www.sabado.pt, dia 13 de abril de 2017

“Homem atirado de avião”

- www.sabado.pt, dia 13 de abril de 2017

“Trump engana-se no país que bombardeou”

- www.sabado.pt, dia 13 de abril de 2017

“Nova lista de inqueritos da Lava Jato inclui 3 ex-presidentes”

- www.sabado.pt, dia 16 de abril de 2017

“Dono do cão que atacou crianças sujeito a termo de identidade e residência”

- www.sabado.pt, dia 17 de abril de 2017

“Vitória do sim: e agora?”

- www.sabado.pt, dia 18 de abril de 2017

“As seis respostas que procura sobre o sarampo”

- www.sabado.pt, dia 18 de abril de 2017

“Maduro quer armar um milhão de civis”

- www.sabado.pt, dia 18 de abril de 2017

“1,7 milhões já declaram IRS”

- www.sabado.pt, dia 19 de abril de 2017

“Quais os riscos de tomar a vacina do sarampo”

- www.sabado.pt, dia 19 de abril de 2017

“Saiba onde é obrigatória a vacina do sarampo”

- www.sabado.pt, dia 19 de abril de 2017

“Jim Carrey surge irreconhecível e choca fãs”

- www.sabado.pt, dia 19 de abril de 2017
“Gays atirados para campos de concentração”
- www.sabado.pt, dia 19 de abril de 2017
“Dois mortos nos protestos contra Maduro”
- www.sabado.pt, dia 20 de abril de 2017
“Macron ganha vantagem”
- www.sabado.pt, dia 20 de abril de 2017
“Fernando Seara demite-se do PSD Lisboa”
- www.sabado.pt, dia 20 de abril de 2017
“Bill O’Reilly despedido da Fox News por assédio sexual”
- www.sabado.pt, dia 20 de abril de 2017
“Já não há bilhetes para o Sporting-Benfica”
- www.sabado.pt, dia 21 de abril de 2017
“O extenso percurso criminal de Karim Cheurfi”
- www.sabado.pt, dia 21 de abril de 2017
“Eusébio Cup traz Capecoense à Luz”
- www.sabado.pt, dia 21 de abril de 2017
“O fotógrafo que está a retratar protestos na Venezuela”
- www.sabado.pt, dia 21 de abril de 2017
“Documentário australiano poderá desvendar caso Maddie”
- www.sabado.pt, dia 21 de abril de 2017

“Regresso de Platini? Blatter diz que sim”

- www.sabado.pt, dia 21 de abril de 2017

“Prince morreu há um ano”

- www.sabado.pt, dia 21 de abril e 2017

“Liga Europa: quem joga contra quem nas “meias”?”

- www.sabado.pt, dia 24 de abril de 2017

“Francisco Sá Carneiro condecorado por Marcelo”

- www.sabado.pt, dia 25 de abril de 2017

“Comemorações de Norte a Sul do país”

- www.sabado.pt, dia 25 de abril de 2017

“Zeca Afonso dentro e fora da Assembleia”

- www.sabado.pt, dia 26 de abril de 21017

“Passageiro tinha razões para recusar ser expulso do avião”

- www.sabado.pt, dia 26 de abril de 2017

“Uma bomba nuclear a cada seis semanas?”

- www.sabado.pt, dia 26 de abril de 2017

“Novo ataque de cão a criança em Ílhavo”

- www.sabado.pt, dia 27 de abril de 2017

“EUA testam míssil de longo alcance”

- www.sabado.pt, dia 27 de abril de 2017

“Jovem de 19 anos admite planear ataques terroristas”

- www.sabado.pt, dia 27 de abril de 2017

“5 mil com IMI suspenso à espera de reavaliação”

- www.sabado.pt, dia 27 de abril de 2017

“Marinho e Pinto perde imunidade do Parlamento Europeu”

- www.sabado.pt, dia 27 de abril de 2017

“Bónus salarial aos serviços públicos que poupem mais”

- www.sabado.pt, dia 28 de abril de 2017

“Morreu quinta vítima do ataque em Estocolmo”

- www.sabado.pt, dia 28 de abril de 2017

“André Pinto no Sporting até 2021”

- www.sabado.pt, dia 28 de abril de 2017

“Adiado o interrogatório do suspeito de atropelamento”

- www.sabado.pt, dia 28 de abril de 2017

“Joana Mortágua candidata ao BE a Almada”

• MAIO

- www.sabado.pt, dia 03 de maio de 2017

“Portugal lucrou mais de 100 milhões com a Airbnb em 2016”

- www.sabado.pt, dia 03 de maio de 2017

“As teses de Gonçalo Amaral para o desaparecimento de Maddie”

- www.sabado.pt, dia 03 de maio de 2017

“Coreia do Norte pode estar a preparar novo teste nuclear”

- www.sabado.pt, dia 04 de maio de 2017

“Portugal pronto para prestar apoio de “emergência” na Venezuela, diz Santos Silva”

- www.sabado.pt, dia 04 de maio de 2017
“Líder da oposição a Maduro afinal está vivo”
- www.sabado.pt, dia 04 de maio de 2017
“Portugal mantém oitavo lugar no ranking da FIFA”
- www.sabado.pt, dia 04 de maio de 2017
“Marine Le Pen atingida com ovos em acção de campanha”
- www.sabado.pt, dia 04 de maio de 2017
“Maria Luís candidata em Almada”
- www.sabado.pt, dia 04 de maio de 2017
“Canelas 2010 chega ao New York Times”
- www.sabado.pt, dia 04 de maio de 2017
“Nova fenda deverá diminuir a Antárctida em 10%”
- www.sabado.pt, dia 05 de maio de 2017
“Suspeito de atropelamento na Luz quer sair da prisão”
- www.sabado.pt, dia 05 de maio de 2017
“Trump celebra morte do Obamacare”
- www.sabado.pt, dia 05 de maio de 2017
“Suspeito de atropelamento na Luz quer sair da prisão”
- www.sabado.pt, dia 05 de maio de 2017
“Papa com escolta de F-16 em espaço aéreo nacional”
- www.sabado.pt, dia 05 de maio de 2017
“Metro de Lisboa vai ter quatro novas estações”

- www.sabado.pt, dia 05 de maio de 2017
“Tolerância de ponto dia 12 publicada em Diário da República”
- www.sabado.pt, dia 05 de maio de 2017
“Quatro novas estações? Afinal, talvez não”
- www.sabado.pt, dia 08 de maio de 2017
“João Gabriel felicita Rui Vitória com farpa a Jesus”
- www.sabado.pt, dia 08 de maio de 2017
“A piada de Colbert sobre Trump que não caiu bem”
- www.sabado.pt, dia 08 de maio de 2017
“Marquês preparado para receber a festa benfiquista”
- www.sabado.pt, dia 08 de maio de 2017
“Turismo aumenta 20% com a visita do Papa”
- www.sabado.pt, dia 09 de maio de 2017
“Aplicação permite acompanhar Francisco ao minuto”
- www.sabado.pt, dia 09 de maio de 2017
“Filho de Bárbara Guimarães e Carrilho ouvido em tribunal”
- www.sabado.pt, dia 09 de maio de 2017
“Franceses em Portugal deram clara vitória a Macron”
- www.sabado.pt, dia 09 de maio de 2017
“Comissão de inquérito CGD novamente suspensa”
- www.sabado.pt, dia 10 de maio de 2017
“Crianças em escola espanhola cantam Salvador Sobral”

- www.sabado.pt, dia 10 de maio de 2017
“Pessoas com deficiência vão ter apoio à vida independente”
- www.sabado.pt, dia 10 de maio de 2017
“Conheça o maior rival de Salvador Sobral”
- www.sabado.pt, dia 10 de maio de 2017
“A internet rendeu-se a Salvador Sobral. Veja os ‘memes’”
- www.sabado.pt, dia 10 de maio de 2017
“Quase 70 animais resgatados de uma residência na Moita”
- www.sabado.pt, dia 10 de maio de 2017
“Grávida atropela propositadamente ciclista”
- www.sabado.pt, dia 11 de maio de 2017
“Benfica esgotou bilhetes para a final da Taça de Portugal”
- www.sabado.pt, dia 11 de maio de 2017
“Jorge Jesus não vai sair de Alvalade”
- www.sabado.pt, dia 11 de maio de 2017
“Detido em flagrante por pornografia infantil”
- www.sabado.pt, dia 11 de maio de 2017
“Papa aparece a beijar Trump em mural no Vaticano”
- www.sabado.pt, dia 11 de maio de 2017
“Lula da Silva nega subornos e diz que quer ser julgado pelo público”
- www.sabado.pt, dia 12 de maio de 2017
“Fuja da visita papal e vá festejar o Dia da Marinha”

- www.sabado.pt, dia 12 de maio de 2017
“Um dos tuk tuks em Lisboa já foi papamóvel”
- www.sabado.pt, dia 12 de maio de 2017
“A visita do papa em ‘memes’ na Internet”
- www.sabado.pt, dia 12 de maio de 2017
“Julgamento de Carrilho foi suspenso”
- www.sabado.pt, dia 12 de maio de 2017
“Marcelo Rebelo de Sousa não revela teor da conversa com Papa”
- www.sabado.pt, dia 12 de maio de 2017
“Organização Mundial de Saúde confirma surto de Ébola”
- www.sabado.pt, dia 13 de maio de 2017
“Sabe quem são os melhores marcadores do Benfica?”
- www.sabado.pt, dia 15 de maio de 2017
“O "herói acidental" que travou o ciberataque”
- www.sabado.pt, dia 15 de maio de 2017
“Tetra custa 2 milhões em prémios”
- www.sabado.pt, dia 15 de maio de 2017
“Morte de dois militares dá "proibição de saída" a instrutor”
- www.sabado.pt, dia 15 de maio de 2017
“É o fim do MP3?”
- www.sabado.pt, dia 16 de maio de 2017
“Acidente em Almaraz atingiria 800 mil portugueses”

- www.sabado.pt, dia 16 de maio de 2017
“Jovem de 14 anos morre colhida por comboio”
- www.sabado.pt, dia 16 de maio de 2017
“Utentes do SNS não sabem os seus direitos”
- www.sabado.pt, dia 17 de maio de 2017
“Futuro da Base das Lajes discutido hoje no Parlamento”
- www.sabado.pt, dia 17 de maio de 2017
“Jimmy Kimmel vai continuar a apresentar os Óscares”
- www.sabado.pt, dia 17 de maio de 2017
“ILGA recebeu 179 denúncias de discriminação em 2016”
- www.sabado.pt, dia 17 de maio de 2017
“Marcelo: “Pessoas ainda pagam para ter dívida pública portuguesa””
- www.sabado.pt, dia 17 de maio de 2017
“Afirmou ter morto Maddie para não ser esquecido”
- www.sabado.pt, dia 17 de maio de 2017
“Estudantes universitários apelam ao fim das propinas”
- www.sabado.pt, dia 17 de maio de 2017
“Uma carta de reclamação à Europa de Portugal? Veja melhor...”
- www.sabado.pt, dia 18 de maio de 2017
“Leonardo Jardim leva “banho de campeão””
- www.sabado.pt, dia 18 de maio de 2017
“Chris Cornell deu concerto horas antes de morrer (vídeo)”

- www.sabado.pt, dia 18 de maio de 2017
“Pôr gasolina em 2025 é para esquecer”
- www.sabado.pt, dia 18 de maio de 2017
“Mestrado de líder dos Super Dragões vai ser investigado”
- www.sabado.pt, dia 18 de maio de 2017
“As imagens do atropelamento em Times Square”
- www.sabado.pt, dia 19 de maio de 2017
“NOS multada em 347 mil euros pela Anacom”
- www.sabado.pt, dia 19 de maio de 2017
“Benfica vende t-shirts com Vespa de Eliseu”
- www.sabado.pt, dia 19 de maio de 2017
“Sucesso do turismo português já é exemplo para Europa”
- www.sabado.pt, dia 19 de maio de 2017
“PCP e BE pressionam Governo para cumprir OE”
- www.sabado.pt, dia 19 de maio de 2017
“O dia em que Mark Zuckerberg entrou em Harvard (vídeo)”
- www.sabado.pt, dia 20 de maio de 2017
“Trump, o presidente contraditório, chega à Arábia Saudita”
- www.sabado.pt, dia 22 de maio de 2017
“Publicações ofensivas: ignorar, 'escalar' ou eliminar?”
- www.sabado.pt, dia 22 de maio de 2017
“Costa pela primeira vez no Parlamento sem défice excessivo”

- www.sabado.pt, dia 22 de maio de 2017

“Rússia influenciou eleições nos EUA? Michael Flynn não fala”

- www.sabado.pt, dia 22 de maio de 2017

“Sara Matos no centro de polémica com os Globos de Ouro”

- www.sabado.pt, dia 22 de maio de 2017

“Leão-marinho deita criança ao rio (vídeo)”

// Total de 131 peças publicadas